



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
**Instituto Universitário de Ciências Religiosas**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**MARCO ALEXANDRE DE SOUSA PEREIRA**

## **O Jesus da aula e o Cristo da Catequese**

**A complementaridade e a distinção entre a EMRC e a Catequese. O específico e as finalidades da disciplina.**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**

**sob orientação de:**

**Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio**

**Professor Doutor Alexandre Coutinho Lopes de Brito Palma**

**Lisboa**

**2018**



*Agradeço a todos aqueles que me acompanharam ao longo deste trabalho: Mestre Juan Ambrosio e Professor Doutor Alexandre Palma (Orientadores da PES), Professor António Eusébio (professor cooperante da PES), às colegas estagiárias.*

*Dedico-o aos meus pais, irmãos, sobrinho, cunhados, aos meus amigos, aos colegas professores e aos meus alunos de EMRC pela paciência e compreensão ao longo do todo este mestrado.*

*Obrigado a todos pela amizade e colaboração.*

## **RESUMO**

No decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, durante a lecionação da UL 2 *Jesus, um Homem para os outros* confirmaram-se algumas questões relacionadas com a relação entre a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica e a Catequese desencadeando o presente Relatório. Partindo dos documentos da Igreja verificamos a relação de distinção e complementaridade entre a EMRC e a Catequese e como essa relação se concretiza analisando os objetivos e conteúdos de cada uma. Confirmadas as questões anteriormente levantadas desenvolveu-se uma proposta didática, na qual, os objetivos e conteúdos da unidade letiva são reformulados de forma a irem ao encontro da identidade e finalidade da disciplina.

**Palavras-chave:** Jesus, Catequese, distinção, complementaridade

## **ABSTRAT**

Throughout the supervised teaching practice, while working on teaching unit 2, *Jesus, a Man for the others*, some questions about the relationship between the Catholic Religious Moral Education and catechism were confirmed and these were the base for this report. Starting from the documents of the Church we have confirmed a distinction and a complementarity relationship between the subject studied at school and the catechism and we have also understood how this relationship materializes, analyzing the objectives and contents of each one. After confirming all the questions mentioned above, a teaching proposal was developed, in which the objectives and contents of the teaching unit are reformulated in a way that meets the identity and the main goal of the subject.

**Keywords:** Jesus, Catechesis, distinction, complementarity

## INDÍCE

<b>SIGLÁRIO.....</b>	<b>08</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1. REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.....</b>	<b>12</b>
1.1. O CONTEXTO – CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA.....	12
1.1.1. Caraterização da escola.....	12
1.1.2. Caraterização da turma.....	18
1.2. REFLEXÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA LETIVA.....	21
1.2.1. Da experiência letiva ao levantamento da questão.....	21
1.2.2. Funcionamento e percurso realizado na PES.....	24
1.2.3. Contributo da PES para o meu percurso como professor de EMRC.....	26
1.2.4. Planificação e lecionação da UL2 <i>Jesus, um Homem para os outros</i> na PES.....	31
1.3. ANÁLISE DA UL2 <i>JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS</i> .....	41
1.3.1. Estrutura e organização da UL.....	43
1.3.2. A UL inserida no programa do 6º ano.....	44
1.3.3. Pertinência pedagógica.....	45
<b>2. A RELAÇÃO ENTRE A EMRC E A CATEQUESE E ANÁLISE DOS OBJETIVOS E CONTEÚDOS DA EMRC E DA CATEQUESE.....</b>	<b>48</b>
2.1. RELAÇÃO ENTRE A EMRC E A CATEQUESE.....	48
2.1.1. Breve análise de documentos.....	48
2.1.1.1. Do Diretório de 1971 ao Diretório de 1997.....	49

2.1.1.2.	Contributos para a identidade e as finalidades da disciplina. A realidade portuguesa.....	54
2.1.2.	Uma relação de distinção e de complementaridade.....	60
2.1.2.1.	Distinção entre a EMRC e a Catequese.....	61
2.1.2.2.	Complementaridade entre a EMRC e a Catequese.....	67
2.2.	ANÁLISE DOS OBJETIVOS E CONTEÚDOS DA EMRC E DA CATEQUESE.....	71
2.1.1.	Análise comparativa do Programa de EMRC e do GC para a Catequese.....	71
2.1.1.1.	Análise comparativa das metas.....	72
2.1.1.2.	Análise comparativa dos objetivos.....	74
2.1.2.	Análise do manual do 6º ano e catecismo do 6º ano.....	84
2.1.2.1.	Quem é Jesus de Nazaré? .....	85
2.1.2.2.	Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura.....	88
2.1.2.3.	A ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus.....	91
2.1.3.	Considerações finais.....	94
<b>3.</b>	<b>O JESUS DA AULA DE EMRC.....</b>	<b>98</b>
3.1.	Jesus, um homem no seu contexto.....	99
3.1.1.	As fontes da sua história.....	100
3.1.2.	Os seus biógrafos.....	102
3.1.3.	O seu mundo.....	104
3.1.4.	A sua terra.....	105
3.1.5.	A sua nação.....	107

3.1.6. O seu povo.....	109
3.2. Jesus, um homem de Nazaré.....	111
3.2.1. A sua vinda.....	111
3.2.2. O seu nascimento.....	113
3.2.3. Os seus anos de silêncio.....	114
3.2.4. A sua fé.....	116
3.3. Jesus, um homem para os outros.....	118
3.3.1. O seu começo.....	118
3.3.2. Os seus discípulos.....	120
3.3.3. A sua mensagem.....	121
3.3.4. Os seus atos.....	124
3.3.5. A sua ética.....	125
3.3.6. O seu estilo de vida para com as pessoas.....	126
3.3.7. Os seus adversários.....	129
3.3.8. A sua influência no mundo.....	131
3.4. Considerações finais.....	132
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>134</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>138</b>

## SIGLÁRIO

CEEC	Comissão Episcopal da Educação Cristã
CEP	Conferência Episcopal Portuguesa
DCG	Diretório Catequético Geral
DGC	Diretório Geral para a Catequese
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
EN	Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>
ERE	Ensino Religioso Escolar
GC	Guia de Catequista
PES	Prática de Ensino Supervisionada
UL	Unidade Letiva
SNEC	Secretariado Nacional da Educação Cristã

## INTRODUÇÃO

Este relatório tem como objetivo principal a análise crítica da unidade letiva (UL) 2 do 6º ano de escolaridade, do programa de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), com o título, *Jesus, um Homem para os outros* e sua conseqüente reformulação.

Foi escolhida esta unidade letiva que, no programa e no manual da disciplina, poderá causar alguma dificuldade de compreensão e de aceitação no seu contexto escolar. Esta dificuldade surge, principalmente, durante a sua lecionação, já anteriormente sentida e firmada na Prática de Ensino Supervisionada (PES) inserida no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, especialização em EMRC.

A referida dificuldade manifesta-se sobretudo na possível equiparação das aulas de EMRC aos encontros do 6º ano da Catequese, no que concerne a lecionação da UL referida. Foi, primeiramente, experimentada em duas turmas do 6º ano, num colégio privado de confissão católica e, depois, desenvolvida mais firmemente na realização da PES numa turma do 6º ano, na Escola Básica do 2º e 3º Ciclo D. Dinis, em Leiria. Ainda sobre a PES, é importante referir que esta contribuiu grandemente para a confirmação da dificuldade sentida, já que foi um espaço de excelência para a partilha de experiências entre docentes, concretamente na sua lecionação da UL 2 *Jesus, um Homem para os outros*.

Pretende-se, assim, refletir sobre as questões levantadas na lecionação da UL, as quais solicitam, em primeiro lugar, um esclarecimento sobre as metas e finalidades da disciplina de EMRC e sobre as metas e objetivos dos encontros da Catequese. Esta clarificação daquilo que é a missão da EMRC, em comparação com a função da Catequese, passará então, em segundo lugar, pela elucidação da relação de distinção e complementaridade entre ambas.

É neste sentido, depois da análise crítica e comparativa entre o programa de EMRC e o Guia do Catequista (GC), que nos propomos reformular os objetivos e conteúdos da UL 2

*Jesus, um Homem para os outros*, para que estes estejam de acordo com as finalidades definidas pela Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) para a disciplina EMRC.

De forma a abranger estas pretensões, e tendo presentes as questões levantadas na lecionação e os objetivos anteriormente destacados, organizamos o presente relatório em três capítulos:

No primeiro capítulo, “Reflexão sobre a PES”, centrado no contexto da PES, caracterizaremos, em primeiro lugar, a escola e a turma, nas quais se desenvolveu esta experiência pedagógica. Depois, faremos a reflexão sobre o seu desenvolvimento, a metodologia utilizada e o contributo da PES para o meu percurso como professor de EMRC. Por fim, uma análise da UL 2 *Jesus, um Homem para os outros*, descrevendo a sua estrutura e organização inseridas no programa do 6º ano de escolaridade, destacando a sua pertinência no processo de ensino/aprendizagem dos alunos abrangidos pela PES. Desta reflexão, apresentaremos as questões que surgiram no decurso da PES, as quais são analisadas e aprofundadas no segundo capítulo.

O segundo capítulo “A relação entre a EMRC e a Catequese e análise dos objetivos e conteúdos da EMRC e da Catequese” é dividido em duas partes. Na primeira, faremos a análise documental a partir de alguns documentos da Igreja sobre o que se afirmou do Ensino Religioso Escolar (ERE) na relação com a Catequese. Analisaremos, ainda, os documentos saídos da CEP e da Comissão Episcopal da Educação Cristã (CEEC), destacando a identidade e as finalidades da disciplina de EMRC, como possível concretização do ERE. A partir desta análise documental, clarificamos a relação entre a EMRC e a Catequese, numa perspetiva de distinção e de complementaridade. A segunda parte deste capítulo é orientada para a análise crítica e comparativa entre os objetivos e conteúdos da EMRC com os objetivos da Catequese. Partindo da edição do Programa de EMRC de 2014 e do Guia do Catequista para o 6º ano de Catequese (GC), colocaremos lado a lado as metas e os objetivos da EMRC e Catequese, verificando se há distinção e / ou complementaridade na sua relação. Por fim, e agora partindo

do Manual de EMRC para o 6º ano, mais concretamente da sua UL 2 *Jesus, um Homem para os outros*, e do Catecismo do 6º ano da Catequese, verificaremos a metodologia usada pela EMRC e Catequese para a exposição dos mesmos conteúdos.

O terceiro e último capítulo “O Jesus da aula de EMRC” será a nossa proposta de reformulação dos objetivos e conteúdos para a UL 2 *Jesus, um Homem para os outros*, de forma a que seja uma solução à dificuldade sentida na lecionação desta unidade e à análise comparativa dos objetivos e conteúdos do capítulo anterior.

No final do relatório, faremos o registo das nossas conclusões deste percurso desenvolvido, dando resposta às questões que desencadearam a nossa investigação pedagógico-didática. De seguida, será adicionada a bibliografia que serviu de base para a orientação e aprofundamento deste relatório.

# **1. REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA**

## **1.1. O CONTEXTO – CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA**

Foi na Escola Básica 2/3 D. Dinis, em Leiria, que decorreu a nossa PES. O grupo da PES foi constituído por cinco alunos do Mestrado em Ciências Religiosas, Especialização em EMRC. Foram-nos apresentadas duas turmas, uma do 6º ano e outra do 9º ano, conseqüentemente dividiu-se o grupo em dois, em que dois alunos lecionaram o 6º ano e três lecionaram o 9º ano. A turma que lecionei foi o do 6º ano.

### **1.1.1. Caraterização da escola**

A Escola Básica 2/3 D. Dinis é a sede do Agrupamento de Escolas D. Dinis. Este agrupamento foi constituído em 13 de Junho de 2003, formado pelos Jardins de Infância de Barosa, Capuchos e Guimarota, pelas Escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico Amarela, Arrabalde, Branca, Capuchos e Guimarota, situadas na zona urbana da freguesia de Leiria, pela Escola EB1 de Barosa, situada na freguesia da Barosa e pela Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos D. Dinis.

A Escola Básica 2/3 D. Dinis, inserida na zona urbana de Leiria, serve a população das freguesias de Leiria e Barosa. Esta escola foi criada em 9 de Setembro de 1968 com a designação de Escola Preparatória D. Dinis, funcionou no edifício do antigo Liceu Rodrigues Lobo e foi transferida para as atuais instalações em 1984/85.

Hoje, a escola denomina-se legalmente Escola Básica do 2º e 3º Ciclos D. Dinis, mantendo-se o mesmo patrono em homenagem ao rei que marcou notoriamente a história e cultura da região.

A maioria dos alunos que frequenta esta escola possui um médio-alto estatuto socioeconómico. De acordo com o Relatório da Avaliação Externa<sup>1</sup> (2011-2012), no âmbito da Ação Social Escolar, 76,9% dos alunos não beneficiam de auxílios económicos. No que respeita às tecnologias de informação e comunicação, verifica-se que 84% dos alunos possuem computador com ligação à Internet.

São conhecidas as habilitações académicas de 80% dos pais, sendo que 26% têm uma formação igual ou inferior ao 3.º ciclo do ensino básico, 24% possuem o ensino superior e 50% o nível secundário ou superior. Estão identificadas as profissões de 72,4% dos encarregados de educação, sendo que 51,4% destes exercem atividades profissionais de nível superior e intermédio<sup>2</sup>.

Segundo o documento já citado, as percentagens de pais com profissões de nível superior e intermédio e com habilitações académicas de nível secundário e superior, superam significativamente as respetivas medianas nacionais, o que sugere um contexto social muito favorável.

A Escola-Sede tem uma área total 30 448 m<sup>2</sup>, sendo constituída por seis blocos independentes: 3 Blocos (A, B e C) de salas de aula, 1 pequeno Bloco (D) pré-fabricado com sala de aula, sala de estudo e reprografia, 1 Bloco Polivalente e 1 Pavilhão Gimnodesportivo. A totalidade de instalações perfaz 4 915,62 m<sup>2</sup> de área coberta.

A maioria das salas de aula tem porta para o exterior do bloco, por onde se faz a entrada dos alunos. Este modo de funcionamento evita a grande concentração de alunos em pequenos

---

<sup>1</sup> Cf. INSPEÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, *Relatório do Agrupamento de Escolas D. Dinis - Leiria 2011/2012 - Avaliação externa das escolas*, Disponível em: [http://eb23ddinis-m.ccems.pt/file.php/456/Relatorio\\_de\\_avaliacao/AEE\\_Escolas\\_de\\_D.Dinis\\_161639\\_Relatorio.pdf](http://eb23ddinis-m.ccems.pt/file.php/456/Relatorio_de_avaliacao/AEE_Escolas_de_D.Dinis_161639_Relatorio.pdf). [Consultado a 11.04.2017].

<sup>2</sup> Cf. INSPEÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, *Relatório do Agrupamento de Escolas D. Dinis - Leiria 2011/2012 - Avaliação externa das escolas*, 3.

espaços fechados, como sucede nos corredores de muitas escolas com outro tipo de arquitetura. Este é um fator de promoção do ambiente calmo que se vive na Escola.

Os Blocos A, B e C são constituídos por salas de aula, laboratórios e salas específicas. No Bloco Polivalente funcionam as estruturas de Gestão e Administração, Salas de Professores e de AAE, Gabinete de Psicologia, Gabinete de Diretores de Turma, Sala de Receção dos Encarregados de Educação, Sala de Educação Musical, Cozinha, Refeitório, Bufete e Zona de Convívio/espaço polivalente com uma dimensão considerável.

No que concerne aos recursos técnico-didáticos, a escola possui ainda neste Bloco Polivalente um Centro de Recursos (biblioteca) e Sala de Informática. As salas de aula estão todas equipadas com um computador e um projetor de vídeo, permitindo aos professores utilizar estes meios tornando a transmissão de conhecimentos “mais interessantes e eficazes do que algumas palavras escritas no quadro” tal como refere Arends<sup>3</sup>.

A zona de convívio/espaço polivalente é, devido à grande concentração de alunos, o “coração” da escola onde alunos e professores se encontram nos intervalos para conviver, para realizar campanhas de angariação de fundos, para ver exposições de trabalhos realizados no âmbito das diferentes disciplinas e/ou clubes. Sempre num ambiente calmo e de perfeita harmonia, este espaço representa a cultura que se vive nesta Escola: de respeito, de partilha, de criatividade, de iniciativa.

É, sem dúvida, uma escola acolhedora, funcional e harmoniosa, onde os alunos se sentem bem integrados e no centro do processo de ensino-aprendizagem. Prova disso é a quantidade e a diversidade de Clubes e Projetos que os alunos tem à sua disposição para enriquecimento curricular, quer seja no âmbito do desporto escolar, quer seja no âmbito da educação para a saúde, bem como outros de âmbito diverso como é o caso do Plano Nacional de Cinema que foi dinamizado pelo nosso professor cooperante e pelo nosso Núcleo da PES.

---

<sup>3</sup> Richard I. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Mc Graw Hill, Lisboa, 2008, 19.

O Agrupamento investe fortemente numa cultura de inclusão, tentando dar resposta a diversos tipos de problemáticas. É Escola de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos e o ensino da língua gestual portuguesa é abrangente (implica crianças e alunos surdos dos grupos do pré-escolar e turmas do ensino básico)<sup>4</sup>. Por diversas vezes pudemos observar que a almejada inclusão dos alunos surdos-mudos é mesmo uma realidade, pois o convívio destes com os alunos ouvintes é uma constante, quer seja nos intervalos, quer seja no refeitório.

O Agrupamento distingue-se por receber numerosas crianças com Necessidades Educativas Especiais de Carácter Permanente (NEEP), nomeadamente, com problemáticas dos Domínios Mental (cognitivo, linguagem, emocional), Neuromusculoesquelético e Sensorial (audição) e revela uma “Política de inclusão que constitui uma vertente estratégica de ação, traduzida na igualdade de oportunidades proporcionadas a todos os discentes”<sup>5</sup>. Como aponta Arends, ao referir-se ao caso dos alunos com necessidades educativas especiais, a sua integração e inclusão em turmas regulares combate a discriminação e promove “um ambiente escolar e uma sociedade mais ricos”<sup>6</sup>.

Tendo como tema aglutinador do Projeto Educativo “Escola para a Vida”, este agrupamento procura que cada aluno encontre condições para o seu crescimento harmonioso e desenvolva plenamente as suas potencialidades.

Importa assim referir que o Agrupamento procura delinear para os alunos e para a comunidade alternativas de percursos educativos, mostrando assim uma maior abertura ao meio, através da oferta de cursos de educação e formação, turmas de percurso curricular alternativo e de ensino articulado (com o Orfeão de Leiria), valências de formação de adultos no âmbito do ensino prisional e ensino do Português para residentes de nacionalidade estrangeira. Na oferta educativa são proporcionados projetos estimulantes das aprendizagens,

---

<sup>4</sup> Cf. INSPEÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, *Relatório do Agrupamento de Escolas D. Dinis - Leiria 2011/2012 - Avaliação externa das escolas*, 5.

<sup>5</sup> *Ibidem*, 9.

<sup>6</sup> Richard I. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 53.

designadamente a nível dos 2.º e 3.º ciclo, como é o caso da área artística (ensino articulado de música, expressão dramática e arte e design) e das línguas estrangeiras (francês e espanhol)<sup>7</sup>.

Através da diversidade da oferta educativa que disponibiliza, percebe-se que esta Escola tem em conta as características individuais dos alunos, com vista à promoção do seu sucesso escolar e pessoal. Pelo que pudemos observar no decorrer da PES, este objetivo é fortemente trabalhado, quer seja na diversidade de atividades disponíveis, quer seja nas propostas pedagógicas apresentadas, quer seja na atenção às suas potencialidades/dificuldades em contexto escolar.

Um exemplo que nos parece evidenciar esta preocupação pelo desenvolvimento das potencialidades de cada aluno prende-se com a existência para além de um Quadro de Valores e de um Quadro de Excelência (estes dois bastante frequentes nas escolas que conhecemos), de um Quadro de Mérito Artístico/Científico/Cultural e Desportivo que pretende distinguir os alunos com melhores capacidades para as áreas práticas.

No que diz respeito aos alunos que evidenciam aspetos que possam comprometer o seu sucesso escolar, a Escola contempla no seu plano estratégico ações de melhoria conforme o público a que se destina: para alunos estrangeiros e oriundos de países lusófonos a TAI (turma de acolhimento internacional), para alunos com problemas sócio emocionais a AMAR (Agir para Melhorar as Aprendizagens e Resultados), para alunos com dificuldade cognitivas a DAMA (Desenvolver Aptidões e Métodos de Aprendizagem), para alunos com problemas comportamentais e de indisciplina a PAR: (Prevenir Antes de Remediar).

A Escola Básica 2/3 D. Dinis, no ano letivo, possui 37 turmas perfazendo um total de 827 alunos e cerca de 90 docentes.

---

<sup>7</sup> Cf. INSPEÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, *Relatório do Agrupamento de Escolas D. Dinis - Leiria 2011/2012 - Avaliação externa das escolas*, 6.

Além de receber muitas crianças com Necessidades Educativas Especiais Permanentes, este agrupamento recebe ainda um número elevado de alunos de várias nacionalidades, sendo que frequentam o ensino básico 138 alunos (9,8%) de nacionalidade estrangeira, bem como alunos de Educação Itinerante. Atento à comunidade que o rodeia, o agrupamento disponibiliza ainda um curso para cidadãos estrangeiros (Português para Falantes de Outras Línguas) e dois cursos de Educação e Formação de Adultos desenvolvido em parceria com os Estabelecimentos Prisionais de Leiria. O Relatório de Avaliação Externa já citado, reconhece o contributo do Agrupamento para o desenvolvimento local, traduzido na sua forte ligação à comunidade, sendo de realçar o serviço educativo prestado ao nível do ensino prisional e da formação linguística para falantes de outras nacionalidades<sup>8</sup>.

Apesar de a maioria dos alunos serem provenientes de famílias cristãs, existe uma percentagem, ainda que muito pequena, de alunos com raízes no Islão (5 alunos). No que diz respeito às diferentes confissões cristãs, existem alunos Ortodoxos (da Igreja Grega e da Igreja Russa) e Evangélicos (dentro dos quais se inserem de 8 alunos da Comunidade Africana), que se encontram inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Estes alunos fazem parte dos 54,4% de alunos que frequentam a EMRC, sendo que no 2º ciclo representam 63% da população geral e no 3º ciclo 49% do número total de alunos.

Não é de todo injusta a classificação da escola como funcional, harmoniosa, acolhedora e preocupada com as dificuldades dos seus alunos, visando sempre a integração de cada um, ser social e culturalmente individual, no seu processo de ensino/aprendizagem. Durante a PES, observamos uma quantidade significativa de diversos clubes e projetos, que disponibilizamos aos alunos para o seu enriquecimento escolar, quer no âmbito do desporto escolar, quer da educação para a saúde, bem como outros, de abrangência mais diversa, como foi o caso do Plano Nacional de Cinema.

---

<sup>8</sup> Cf. *Ibidem*.

### 1.1.2. Caraterização da turma

A turma do 6º D onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada era composta por um total de 28 alunos, 17 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos. Inscreveram-se na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica 16 alunos dos quais 8 são rapazes e 8 são raparigas, com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos<sup>9</sup>.

Os alunos eram residentes na União das freguesias de Leiria, Pousos, Barreira e Cortes ou na União das freguesias de Marrazes e Barosa, inseridas na zona urbana de Leiria. Em relação ao agregado familiar, 14 alunos referiram ter irmãos (apenas 1) e que coabita consigo, existindo apenas 1 aluno que não vive com os 2 pais em virtude de estes se encontrarem separados.

À semelhança do que acontece com a maioria dos alunos do Agrupamento, esta turma era constituída por alunos provenientes de um estatuto socioeconómico médio-alto. A maioria dos alunos frequenta atividades fora da escola: futebol, andebol, natação, pentatlo, *hip-hop*, *paddle*, patinagem, entre outras. Além destas atividades, os alunos revelam preferência por ocupar os tempos livres a ler e a jogar *videogames*.

No que diz respeito às habilitações académicas dos pais e encarregados de educação, é possível constatar que cerca de 3% frequentou apenas o ensino básico, 34% o ensino secundário e 63% dos indivíduos possuem um curso superior. Estes valores, que ultrapassam as percentagens da Escola em geral (26% frequentou o ensino básico, 24% o ensino secundário e 50% o nível superior) revelam, em certa medida, a facilidade de aquisição de conhecimentos por parte dos alunos e acompanhamento em casa pelos encarregados de educação. Eventualmente podem também traduzir uma boa cultura geral sobre determinados assuntos abordados em sala de aula, mesmo quando os conhecimentos não são resultado

---

<sup>9</sup> A partir daqui a referência à turma será sempre feita tendo em conta apenas os alunos inscritos na disciplina de EMRC.

direto da exposição científica do professor (por exemplo, numa determinada altura um aluno respondeu corretamente à questão “Qual o prato típico da Hungria”, a propósito da apresentação de uma imagem com o goulash húngaro.

Quanto à estrutura profissional, predominam as profissões inseridas no grupo dos especialistas das atividades intelectuais e científicas: engenheiros, enfermeiros, farmacêuticos, professores, magistrados, advogados, *designers* de interiores, arquitetos, consultores, sociólogos, secretários de direção, bancários, etc. Em menor relevo predominam os técnicos e profissões de nível intermédio: técnicos eólicos, técnicos de turismo, técnicos de manutenção, eletricistas, operários fabris, entre outros. Existe apenas um caso de desemprego.

Todos estes indicadores revelam a inexistência de grandes dificuldades económicas por parte dos agregados familiares destes alunos e isso é visível na forma como se vestem, no tipo de material escolar que possuem e na importância que dão aos valores materiais.

No geral, foi uma turma muito empenhada na realização das tarefas propostas, dinâmica e bastante participativa, pelo que às vezes se tornou difícil gerir a participação entusiasta dos alunos, nomeadamente, aquando da realização de atividades mais práticas como as que fomos implementando ao longo da PES. No entanto, acreditamos que é através do fazer que os alunos adquirem os conhecimentos sendo que “o significado é construído pelo aluno através da experiência”. É necessário, então, envolver ativamente os alunos em “experiências relevantes” para que a aprendizagem possa ser um verdadeiro “processo de atribuição de significado às experiências” como refere Arends<sup>10</sup>.

No decorrer da PES percebemos que os alunos são curiosos, afetuosos, e apreciam as experiências de aprendizagem proporcionadas pelas dinâmicas propostas. Ainda assim, existe um aluno que, por vezes, apresenta dificuldades em obedecer às regras, como o silêncio e o respeito pelo outro, assumindo uma postura desafiadora perante colegas e professores. No entanto, a turma foi aprendendo a lidar com o aluno em causa o que mostra a receptividade e o

---

<sup>10</sup> Richard I. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 12

empenhamento da mesma para que exista um bom ambiente na sala de aula e uma boa integração de todos, independentemente do seu temperamento.

Um dos alunos da turma apresenta Necessidades Educativas Especiais, usufruindo de um PEI (Plano Educativo Individual), tendo-lhe sido aplicadas as medidas do regime educativo especial previstas nas alíneas a) e d) do art.17º do Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de Janeiro, relativas ao apoio pedagógico personalizado e adequações no processo de avaliação. Este aluno estando bem inserido na turma e em contexto de sala de aula, apresentou um comportamento exemplar, participou em todas as atividades propostas e não revelou dificuldades na aquisição dos conteúdos lecionados. Para tal, contribuiu significativamente o apoio personalizado dos colegas estagiários, que, no momento da realização de tarefas mais complexas, foram acompanhando o trabalho desenvolvido pelo aluno, ajudando a atenuar, ou mesmo a colmatar, as suas dificuldades de aprendizagem e de concretização das tarefas de aula. É impossível deixar de ressaltar o esforço e dedicação do aluno em causa neste processo de aquisição de conhecimentos, dada a sua colaboração ativa no processo educativo.

Este caso confirma o que Arends proclama “as crianças com necessidades educativas especiais que são colocadas em turmas regulares têm a oportunidade de aprender comportamentos sociais e académicos apropriados, através da observação e imitação das outras crianças”<sup>11</sup>.

Um outro aluno da turma, por ser de nacionalidade brasileira usufrui de tutoria através da ação estratégica definida para alunos estrangeiros e oriundos de países lusófonos a TAI (turma de acolhimento internacional). É um aluno um pouco desorganizado que necessita de supervisão aquando da realização das tarefas e que revela algumas dificuldades em termos de relacionamento com o restante grupo turma. Uma das nossas tarefas ao longo da PES foi, sem dúvida, fazer um acompanhamento mais próximo a este aluno, quer no que dizia respeito diretamente ao trabalho em sala de aula, quer na resolução de conflitos entre pares. Importa

---

<sup>11</sup> Richard I. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 52-53.

ainda referir que dois dos alunos da turma encontram-se no Quadro de Excelência da Escola por revelarem um aproveitamento muito bom.

Ao longo da PES apercebemo-nos da existência de uma relação muito estreita entre os alunos e o professor de EMRC, bem como deste e dos restantes colegas, tornando-se conclusivo que, como sugere Arends, a disciplina contribui para modelar “o respeito e a tolerância pelas várias crenças religiosas”, assim como para “ensinar e discutir as ideias, crenças e tradições de várias religiões, desde que tal seja feito de forma justa, respeitosa e intelectualmente honesta”<sup>12</sup>. Por tudo isto, a uma determinada altura, o Núcleo da PES decidiu adquirir uma Bíblia para ofertar a uma funcionária, já que esta nos informou que nunca lera porque nunca tivera acesso às Sagradas Escrituras. Desta forma se atesta a boa relação entre os docentes de EMRC e toda a comunidade escolar, desde os funcionários aos restantes professores até à direção da escola. Sentimos que ali poderia ser também a nossa casa, casa de acolhimento e de afetos, numa constante preocupação pelo processo de ensino/aprendizagem nos alunos.

## **1.2. REFLEXÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA LETIVA**

### **1.2.1. Da experiência letiva ao levantamento da questão**

Iniciei a minha atividade de docente num colégio católico, de Leiria, com contrato de associação, em que a disciplina de EMRC é de frequência obrigatória, razão pela qual, nas suas linhas orientadoras do projeto educativo, o colégio propõe, mediante a aceitação livre, por parte dos alunos e educadores, de um conjunto de valores humanos e cristãos, conjugada

---

<sup>12</sup> Richard I. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 71.

com uma prática pedagógica renovada. Além de propor desenvolver valores pessoais, sociais e culturais, é também proposto aos alunos desenvolver os valores cristãos, numa visão transcendente da realidade e do Homem, da procura da síntese entre a fé, a cultura e a vida, da busca de uma identificação mais perfeita com Jesus Cristo, na celebração da fé. Os alunos do 1º Ciclo, tendo também esta disciplina na sua carga horária, vê-a lecionada pelos professores titulares, com recurso aos manuais do Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC). É só a partir do 2º Ciclo que os alunos têm um professor específico para a leção da disciplina de EMRC.

Ao longo da prática letiva, fui-me apercebendo que o colégio oferecia aos alunos dos 1º e 2º ciclos a catequese da infância. A partir do 7º ano, os alunos deixam de frequentar a catequese no colégio para se inscreverem nas catequese das suas comunidades paroquiais ou outras assim autorizadas pelo pároco. Uma das grandes dificuldades que senti inicialmente foi a desmotivação dos alunos do 2º ciclo perante algumas temáticas, não pelo grau de exigência dos seus conteúdos, mas sim por uma suposta repetição de temática lecionada na EMRC e catequese. Fui-me apercebendo da identificação de algumas aulas com a catequese, mesmo depois de ter explicado, no início do ano letivo, a distinção entre a disciplina de EMRC e a catequese. A primeira situação deste género surgiu na leção da UL 2 *Advento e o Natal*, no 5º ano, 1º período. Embora tenham sido abordados estes tempos litúrgicos na catequese, os alunos começaram a mostrar interesse para esta unidade letiva sendo, assim, superada a dificuldade.

No 2º período do 6º ano, esta situação agravou-se quando foi lecionada a UL 2 *Jesus, um Homem para os outros*. Insatisfeito com a situação, verifiquei os catecismos dos 5º e 6º anos. O que me chamou mais à atenção foi no catecismo do 6º ano em que verifiquei que durante vinte e quatro catequese o catequisando seria conduzido a descobrir Jesus como ponto central da história da salvação e compreender que Ele é o Filho de Deus e a Sua missão é mostrar como é Deus e qual o seu plano para dar a Vida aos seus filhos. Observou-se, assim,

na lecionação UL 2 Jesus, *um Homem para os outros*, no 6º ano, que uma grande parte do programa desta UL já tinha sido abordada no 1º período da catequese, principalmente a identidade e nascimento de Jesus. Na segunda aula, aquando da abordagem ao Reino de Deus, fui surpreendido por uma afirmação de um aluno: “a nossa catequista já tinha afirmado que o Reino de Deus não é um reino deste mundo, mas sim o poder de Deus a reinar nos nossos corações.” Esta afirmação, que está no manual, é sublinhada para se destacar do restante texto. Verificado novamente o catecismo do 6º ano, o 2º bloco de 8 catequeses, do Natal à Páscoa, que têm como título “Jesus anuncia e propõe o Reino de Deus”, ou seja, o catecismo já tinha proposto duas catequeses sobre o Reino de Deus uma semana antes deste episódio na aula de EMRC. Neste quadro, principalmente durante o 2º período, senti que, em algumas situações, estaria a ser um sintetizador de conteúdos ou, ainda mais grave, um repetidor de temas abordados durante o 1º e 2º períodos da catequese.

O segundo ano da minha lecionação coincidiu com o início da PES. A partir do momento em que sou direcionado para a turma de 6º ano, senti que deveria partilhar aquela questão com os colegas da PES. Para minha grande surpresa, a experiência dos restantes docentes vinha ao encontro da minha questão “como lecionar a UL2 *Jesus, um Homem para os outros* de forma a que corresponda às necessidades, interesses e motivações dos alunos que frequentam também a catequese?”

De acordo com o Programa de EMRC, e atendendo à natureza religiosa e ético-moral dos conteúdos e das metas, considera-se que a lecionação cumpre melhor os objetivos propostos “quando se apoia em modelos de ensino centrados nos alunos, já que, através destes, se pode agir para melhorar o desempenho escolar, desenvolver as competências sociais e a capacidade de agir em cooperação com o outro”<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa 2014, 157. A partir daqui citaremos apenas: SNEC, *Programa de EMRC*, 2014.

### **1.2.2. Funcionamento e percurso realizado na PES**

Às terças-feiras, os professores estagiários da PES reuniam-se com o professor cooperante. O dia começava sempre desta forma, e praticamente todos os professores da escola percebiam que o núcleo de estagiários de disciplina de EMRC estava presente. Este ponto de encontro, assim como o pequeno-almoço no bar e o almoço na cantina serviram para aprofundar as relações com os outros professores, funcionários e alunos. Não fazendo parte das atividades da PES, os primeiros momentos do dia foram decisivos para que todos os envolvidos se sentissem bem acolhidos.

Podemos dividir a PES em três momentos importantes: a reunião de trabalho antes da lecionação das aulas, as aulas propriamente ditas e a reunião de avaliação, no final. Na reunião de trabalho, os professores eram convidados a apresentar a planificação da sua aula. Este momento foi fundamental para todos os estagiários, já que, expondo a sua planificação, explicaria as estratégias e a forma como iria utilizar os materiais pedagógicos nessas mesmas estratégias. Consequentemente, estas planificações apresentadas seriam alvo de escrutínio pelos restantes estagiários e professor cooperante, no sentido da melhoria das mesmas, dando indicações sobre a forma de ter, ou não, melhores resultados. As sugestões apresentadas foram uma mais-valia para que a prática pedagógica se desenvolvesse com melhores resultados para os alunos, já que todos partilhavam da sua própria experiência. O professor cooperante, como orientador, corrigiu e aconselhou sempre que foi necessário para que tudo corresse da melhor forma. Este método de trabalho resultou numa preciosa colaboração entre todos os colegas e professor cooperante.

Também é importante referir que, durante a semana que antecedia a PES, os professores estagiários colaboravam na planificação das aulas de cada um, procurando melhorar estratégias ou até mesmo propondo outra atividade para um tema específico. Creio que fui o professor estagiário que mais benefícios obteve com esta partilha/colaboração de todo o

núcleo da PES, não só pelo pouco tempo de ensino, como também pelo fraco domínio de estratégias na planificação das aulas. Deste modo, foi essencial o acompanhamento de todos na planificação de cada uma.

A aula do 6º ano seria antes do almoço e a do 9º ano logo a seguir ao mesmo. Todos os professores estagiários e professor cooperante assistiam à aula lecionada. O momento final da PES seria, então, a reunião de avaliação. Neste tempo, o professor estagiário era convidado a fazer a autoavaliação da sua planificação e da sua concretização na sala de aula. Após a autoavaliação, todos analisavam construtivamente a aula do colega, de forma a que o comentário de cada um servisse para retificar estratégias, melhorasse formas de abordagem aos alunos, entre outros aspetos. No final, o professor cooperante faria também a sua avaliação. Para a minha experiência como docente, foi significativo este momento porque, assim, compreendi onde poderia melhorar ou até mesmo alterar estratégias que não se adequavam aos meus objetivos de lecionação. Arends, quando afirma que trabalhar em conjunto faz a diferença, ilustra a ideia com algumas situações que observou: “...professores principiantes estabelecerem os seus próprios grupos semanais de estudo e apoio onde se partilham estratégias de ensino e preocupações comuns”<sup>14</sup>.

As planificações de nível 1, 2 e 3 da turma do 6º ano foram elaboradas em conjunto pelos dois professores estagiários. A planificação de nível 4 foi elaborada por cada um dos professores estagiários responsável pelas suas aulas. Procurámos, no entanto, que a alteração de professor fosse o mais indelével possível para os alunos e, assim, decidimos que cada um lecionaria quatro aulas sucessivas e só depois se faria a troca de professor. A primeira e a última aula de cada período seriam lecionadas em conjunto.

No que diz respeito à minha participação, procurei sempre contribuir com sugestões ou partilhar os meus conhecimentos com os restantes colegas, de forma a que todos encontrassem as melhores estratégias para cada uma das suas aulas.

---

<sup>14</sup> Richard I. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 490.

### **1.2.3. Contributo da PES para o meu percurso como professor de EMRC**

Ao longo da PES fui desenvolvendo a consciência de que a formação do professor é um processo que acompanhará sempre a atividade profissional. Desde logo, reconheci que, apesar de possuir conhecimentos sobre diversos conteúdos, tal não faz de mim um professor mais qualificado para a transmissão desses conhecimentos. Esta foi a minha primeira dificuldade enquanto estagiário: como transmitir aos alunos aquilo que aprendi sobre variados temas e assuntos? Como transformar os meus conhecimentos em conteúdos atrativos para a contínua aprendizagem do aluno? Perante as minhas interrogações, percebi que, em vez de dificuldades, poderia encontrar desafios. Como estagiário, senti que teria vários pela frente, tais como: ser um líder na aprendizagem e simultaneamente um aprendiz; ser promotor da aprendizagem e da inovação na escola; ser flexível e adaptável às novas situações que diariamente surgem, sem que estejam planificadas; ser inovador, empreendedor e capaz de aceitar positivamente a mudança, entre outros.

Em relação aos progressos sentidos na prática letiva, destaco, em primeiro lugar, melhorias significativas na organização das planificações e elaboração das mesmas. Foi a partir das planificações que encontrei, sobretudo, um encadeamento de ideias, estratégias e atividades para o desenvolvimento das aulas, e a total clarificação de que uma boa planificação é uma ajuda fundamental para a concretização de uma boa aula. Considero que este processo que antecede a aula é importantíssimo para que os alunos retirem o máximo proveito da mesma, para que o professor não seja o centro da aprendizagem, mas antes os próprios alunos, e, para isso, é necessária a preparação e delimitação de linhas orientadoras para o desenvolvimento da aula.

Durante a prática letiva, percebi que, aliada às planificações, está a construção de materiais. Este enriquecimento das aulas com materiais, que se procuram inovadores, poderá ser fundamental para o sucesso de uma boa aprendizagem, para que os alunos encontrem mais

motivação e mais flexibilidade de compreensão dos conteúdos. A maior parte dos materiais que foram utilizados estavam adequados aos conteúdos e à dinâmica da própria aula, no seu desenvolvimento, mas também se verificou que outros materiais poderiam ser melhorados, ou mesmo substituídos, para melhor se adequarem aos objetivos propostos.

Enquanto estagiário, verifiquei que os alunos são sensíveis à preparação e organização dos professores. Desde logo, senti que os alunos esperam um professor dinâmico, firme nos conteúdos que pretende transmitir e, acima de tudo, que os motive, através dos mais variados recursos para a aprendizagem.

Na sala de aula, verifiquei melhorias significativas ao longo do ano letivo. Aprendi que devemos ser pacientes, delicados, flexíveis, mas também firmes. Ser professor é também ser diplomata, o que significa que devemos ser cuidadosos no relacionamento com os alunos. Por exemplo, o aluno referenciado nos relatórios das aulas foi sistematicamente advertido para que alterasse o seu comportamento em sala de aula e, conseqüentemente, foi melhorando à medida que o professor adequava as chamadas de atenção ao seu grau de comportamento. Verificou-se, assim, que a postura foi importante para que o aluno referenciado, e outros, percebessem que o professor não vacilava perante situações daquela natureza.

Em sala de aula, tive sempre o cuidado de explicar convenientemente a tarefa a realizar, embora, no princípio, as explicações fossem feitas com demasiado ruído. Esta situação foi sendo corrigida com a experiência adquirida. Observei que, para a clareza na realização das tarefas, era necessária uma boa explicação, recorrendo a exemplos, quando conveniente. Procurei também que os alunos comunicassem mais claramente para que os pudesse ajudar na concretização das atividades propostas.

Em relação ao cumprimento da planificação de cada aula, mantive-me sempre próximo das estratégias e objetivos e, em certos momentos, fui suficientemente flexível para mudar a direção quando a situação assim o requeresse. Nem sempre as estratégias correram da forma como esperava e, por isso, senti que era sempre útil ter em consideração um “plano B”, ou

seja, ter a capacidade de me organizar e de me preparar para as mais diversas circunstâncias e que estas situações não afetassem negativamente a aprendizagem eficiente dos alunos.

Esporadicamente, verificou-se que os alunos estavam bastante agitados e, em certos momentos, foi necessário chamar a atenção para o seu comportamento. Compreendi que muitas vezes é precisa mais assertividade e alguma firmeza quando chamamos os alunos à atenção quando a sua postura não é a mais positiva. Nem sempre fiz respeitar as normas de boa conduta em sala de aula, o que se traduziu em alguns insucessos na realização de algumas tarefas.

Todos os aspetos anteriormente salientados foram importantes para o crescimento e progresso profissional como professor de EMRC. Apreendi que, para ser professor de EMRC, é necessária a construção de uma relação de confiança com os alunos, que podem contar com o professor e vice-versa. Também compreendi e desenvolvi a capacidade de provocar a curiosidade da turma para certos assuntos. A curiosidade é essencial no processo de aprendizagem e, se o professor procurar aplicar técnicas de estímulo, as aulas tornar-se-ão mais produtivas. Outro aspeto importante relaciona-se com o facto de não ter medo de experimentar algo de novo, de não recear o fracasso, aliás o processo de ensino tende a ser uma experiência contínua e inovadora. Ainda mais importante foi a procura incessante do envolvimento dos alunos na aula, a sua participação, estimulando-os a fazerem perguntas ao professor sobre conteúdos relacionados com a matéria.

Finalmente, mas não menos importante, foi o facto de perceber que, apesar da minha presença ser bastante relevante, enquanto mediador de aprendizagens, não deve sobressair em relação à turma, colocando os alunos no centro da aquisição e aplicação de conhecimentos. Os modelos centrados no aluno podem ser variados e bem distintos. No entanto, para Arends, todos eles encorajam a interação dos alunos com o professor e entre os próprios alunos. Todos eles encorajam a inquirição pelo aluno e a exploração de ideias. Todos eles requerem um ambiente de aprendizagem livre de ameaças e caracterizado pela autonomia e pelo apoio.

“As aulas organizadas com base em modelos centrados no professor são normalmente caracterizadas por estruturas de tarefas, em que os professores trabalham principalmente com a turma toda ou os alunos trabalham individualmente para apreender as matérias curriculares. Neste caso, as estruturas de objetivos e de recompensa são muitas vezes baseadas na competição e no esforço individual. Pelo contrário, tal como o nome indica, o modelo de aprendizagem cooperativa caracteriza-se por estruturas de tarefas, de objetivos e de recompensa cooperativas. Os alunos em situações de aprendizagem cooperativa são encorajados e/ou obrigados a trabalhar em conjunto numa tarefa comum e têm de coordenar os seus esforços para concluírem a tarefa. Da mesma forma, na aprendizagem cooperativa, dois ou mais indivíduos são interdependentes para conseguir uma recompensa que irão partilhar, se forem bem-sucedidos como grupo”<sup>15</sup>.

A análise das finalidades, dos domínios e das metas curriculares foram importantes para a compreensão do que se pretende que um aluno adquira em sala de aula, a partir da sua experiência como pessoa e em desenvolvimento<sup>16</sup>. Estes elementos do currículo escolar foram essenciais para que, como professor, entendesse o alcance e a aquisição das metas por parte dos alunos. A partir destas metas, compreendi os objetivos programáticos de cada unidade letiva e os seus conteúdos para a construção de estratégias e atividades. A partir da análise dos conteúdos, apreendi a clarificar os objetivos com um maior rigor para a aprendizagem do aluno.

A prática de ensino supervisionada foi fundamental na descoberta de mais conhecimento sobre os conteúdos abordados, mas também na evidência da carga pedagógica inerente a esses mesmos conhecimentos, caminhando para um processo regular de melhoria da minha prática com os alunos.

Em relação à assiduidade para a PES, fui sempre cumpridor dos horários estabelecidos pelo professor cooperante, mas nem sempre estive disponível para a PES devido ao facto de ser docente em duas instituições escolares privadas. Embora a carga horária seja flexível para a organização do próprio estágio, senti imensas dificuldades em cumprir com a entrega de

---

<sup>15</sup> Richard I. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 344-345.

<sup>16</sup> Cf. SNEC, *Programa de EMRC*, 2014, 6-7.

planificações e de encontrar concentração para a realização das mesmas, devido ao excesso de trabalho sentido nas correções e entrega de fichas avaliativas de quatrocentos e sessenta alunos.

Foi através da PES que foi possível a apropriação de conhecimentos necessários para a nossa formação profissional porque, embora o nosso conhecimento teórico adquirido no decorrer do curso nos dê confiança e segurança na exposição de conteúdos, é na PES que nos confrontamos com a realidade de docente.

Foi fundamental, neste período, o relacionamento com o professor cooperante, os outros estagiários e professores da escola porque permitiu conhecer a realidade do dia-a-dia e as peculiaridades dos profissionais de educação, dando a oportunidade de aprender para estarmos preparados para enfrentar os desafios da carreira de docente.

A PES foi também um momento importante para o reconhecimento do nosso perfil enquanto docentes e das nossas opções relacionadas com a educação. Em várias situações foram levantadas questões em relação às finalidades, objetivos e conteúdos do programa, levando à análise e discussão das experiências de cada um.

Finalmente, na PES aprende-se a resolver certos problemas relacionados com a educação e passamos a entender a importância que o educador tem na formação pessoal dos seus alunos.

Em suma, a PES contribuiu para minha formação, para a consolidação de conhecimentos teóricos a partir da prática educativa, permitindo, assim, uma visão crítica e global de cada caso que surgiu ao longo do estágio. Este processo constituiu uma etapa fundamental na formação de qualidade dos docentes.

#### 1.2.4. Planificação e lecionação da UL2 *Jesus, um Homem para os outros* na PES

Para organizar a lecionação da UL2 *Jesus, um Homem para os outros*, baseámo-nos no programa da disciplina de EMRC para identificar metas e objetivos<sup>17</sup>. Planificámos a gestão da unidade, selecionando os conteúdos, de entre os propostos pelo programa, com o apoio do Manual. Optámos por dedicar-lhe as 9 aulas do 2º período, do ano letivo 2016/2017. Na lecionação desta unidade, a minha participação compreendeu a lecionação de quatro aulas das nove escolhidas. A primeira aula de introdução à unidade letiva ficaria à responsabilidade dos dois professores estagiários.

Na organização e planificação do nível 3, tivemos em consideração o facto das aulas de EMRC serem distintas e complementares da catequese, assim como um elo de ligação entre as minhas aulas e as aulas da outra colega. Depois de várias sugestões, surgiu a ideia de visualizar, em sala de aula, o filme “O Fazedor de Milagres”<sup>18</sup>. A visualização deste filme foi repartida em várias cenas, de forma a ser um recurso complementar aos conteúdos propostos pelo programa. Em cada aula, poderia visualizar-se uma ou mais cenas, dependendo dos temas abordados por cada professor estagiário. O filme retrata o Jesus histórico e o Cristo da fé, sem os separar, numa fidelidade ímpar ao Evangelho.

O filme decorre durante o Século I, acompanhando a história de uma menina que padece de uma doença que ninguém pode curar. Na tentativa de descobrir uma forma de sarar a filha, a família encontra um carpinteiro, chamado Jesus, que anuncia as maravilhas de Deus. O encontro com Jesus vai fazer nascer uma esperança e uma atitude novas. Todos juntos acompanham Jesus enquanto Ele forma os seus discípulos, enfrenta as autoridades corruptas e cura os doentes, tudo antes de enfrentar a parte mais terrível da sua missão: dar a vida para

---

<sup>17</sup> Cf. SNEC, *Programa de EMRC*, 2014, 66-67.


<sup>18</sup> TÍTULO ORIGINAL: *The Miracle Maker*; DIREÇÃO: Derek W. Hayes, Stanislav Sokolov; EQUIPA TÉCNICA: Roteiro - Murray Watts; Produção - Naomi Jones, Renat Zinnurov; Trilha Sonora - Anne Dudley; ELENCO: Alfred Molina, Anton Lesser, Ian Holm, Julie Christie, Michael Bryant, Miranda Richardson, Ralph Fiennes, Richard E. Grant, William Hurt; Inglaterra, 2000, 91m.

salvação de todos. A perspectiva escolhida para narrar a trama, a partir da ótica de Tamar, a filha de Jairo que Jesus ressuscita, torna-a ainda mais emotiva. Tamar é uma personagem simpática, terna e sensível, transportando-nos para um mundo de sensibilidade e ternura tocantes ao longo do filme.

Para a lecionação da UL2 *Jesus, um Homem para os outros* foram utilizadas seis aulas, das nove do 2º período, tendo havido recurso às nove cenas do filme “O Fazedor de Milagres”. Apresentamos, assim, as planificações do nível 4, que também se encontram no Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada, cuja versão digital é anexada a este Relatório.

Nível: 6º ano ----- Unidade Letiva: 2 “Jesus, um homem para os outros” ----- Lição: 15 (3 de 9) ----- Data: 17/01/2017 ----- Ano Letivo: 2016/17

Sumário: Unidade Letiva 2 “Jesus, um homem para os outros”: início da visualização do filme “O Fazedor de Milagres”. Preenchimento de um guião de exploração do filme.


Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação formativa
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã	Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura: – A confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa - O perdão de Deus e a necessidade de arrependimento	<b>Acolhimento</b> aos alunos e distribuição à entrada da sala de um bilhete para a sessão de cinema.	Bilhete de cinema (anexo 45)	3'	- Assertividade - Desempenho
			Registo do <b>sumário</b> da aula e <b>colagem</b> do bilhete no caderno diário.	Caderno diário, cola e material de escrita	2'	
			<b>Diálogo</b> com os alunos acerca da metodologia das próximas aulas (visualização do filme).		2'	
			<b>Visualização e exploração das 3 primeiras cenas do filme “O Fazedor de Milagres”:</b> - Distribuição do guião do filme a cada aluno - Início da visualização do filme - Preenchimento do guião de exploração nos momentos de paragem do filme (efetuados pela professora).	Filme (anexo 46), computador, projetor de vídeo, guião de exploração do filme (anexo 47), manual e material de escrita	35'	
			<b>Síntese da aula:</b> “Para Deus todos somos importantes”. <b>Despedida.</b>		2'	
					1'	

RESUMO: Para a primeira aula distribuiu-se um bilhete de cinema com o nome do filme e a data da 1ª sessão com um espaço para que, no início da aula seguinte, os alunos escrevessem a frase síntese da aula. De seguida, distribuiu-se um guião de exploração com seis tarefas para que os alunos fossem realizando à medida que as primeiras cenas do filme fossem passando (duas tarefas por cada cena). As tarefas poderiam ser de resposta direta a questões, completar espaços em branco, copiar frases do manual ou assinalar a resposta correta. Pretendeu-se, com esta estratégia, que os alunos ficassem com um registo dos momentos mais relevantes do filme, de acordo com os conteúdos selecionados para a aula.



Nível: 6º ano ----- Unidade Letiva: 2 “Jesus, um homem para os outros” ----- Lição: 17 (5 de 9) ----- Data: 31/01/2017 ----- Ano Letivo: 2016/17


Sumário: Unidade Letiva 2 “Jesus, um homem para os outros”: continuação da visualização do filme “O Fazedor de Milagres”. Realização de atividades diversas.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação formativa	
<p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p>	<p>2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã.</p> <p>3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, filho de Deus</p>	<p>Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura:</p> <p>- O perdão de Deus e a necessidade de arrependimento: Lc 7, 36-50;</p> <p>A interpelação aos poderosos;</p>	<p><b>Acolhimento</b> aos alunos e registo do <b>sumário</b>.</p>	<p>Caderno diário e material de escrita</p> <p>Filme (anexo 52), computador, projetor de vídeo, manual, material de escrita</p> <p>Cartaz dos grupos (anexo 53), bostik e baú</p> <p>Folha com texto bíblico (anexo 54), Bíblia Sagrada, material de escrita, autocolantes (anexo 55)</p> <p>Autocolantes, caderno diário e material de escrita</p>	5'	<p>- Assertividade</p> <p>- Desempenho</p> <p>- Assertividade</p> <p>- Desempenho</p>	
			<p><b>Visualização e exploração da 5ª cena do filme “O Fazedor de Milagres”:</b></p> <p>- Explicação das tarefas a realizar;</p> <p>- Início da visualização do filme (paragem aos 0’27)</p> <p><b>Atividade de conhecimento dos grupos poderosos:</b></p> <p>- A professora cola no quadro de corticite um cartaz com os nomes dos grupos poderosos no tempo de Jesus;</p> <p>- Cada aluno retira de dentro de um baú um dístico;</p> <p>- Continuação da visualização do filme;</p> <p>- A professora questiona os alunos.</p> <p><b>Exploração do texto bíblico sobre a pecadora arrependida Lc 7, 36-50:</b></p> <p>- A professora lê da Bíblia o texto em voz alta;</p> <p>- A professora explica aos alunos que o filme vai continuar com a cena que acabaram de ler e pede-lhes para sublinharem no texto dois aspetos: 1) O que o fariseu disse a Jesus; 2) O que Jesus disse à Maria Louca;</p> <p>- Os alunos realizam a tarefa;</p>		2'		14'
			<p><b>Síntese da aula:</b> “Jesus veio para perdoar os pecadores e para fazer o bem”.</p>		3'		
			<p><b>Despedida.</b></p>		1'		

RESUMO: Na terceira aula, com recurso à 5ª cena, os alunos visualizariam o aparecimento dos grupos que hostilizaram Jesus. Depois colocou-se um cartaz com o título “Os grupos poderosos do tempo de Jesus” e com os dísticos dos saduceus, fariseus e sacerdotes. Assim, foi solicitado aos alunos que fossem colando, por baixo dos dísticos, as palavras, que iam sendo retiradas do baú, relacionadas com cada grupo dos poderosos, recorrendo para tal à informação do manual, na pág. 66. Com esta atividade, pretendeu-se que os alunos adquirissem conhecimentos sobre algumas das características dos grupos que Jesus contestava no que à vivência da religião dizia respeito. Foi também explorado o texto bíblico sobre a pecadora arrependida.

Nível: 6º ano ----- Unidade **Letiva: 2** “Jesus, um homem para os outros” ----- Lição: 18 (6 de 9) ----- Data: 07/02/2017 ----- Ano **Letivo: 2016/17**


**Sumário:** Unidade Letiva 2 “Jesus, um homem para os outros”: Continuação da visualização do Fazedor de Milagres”. Exploração da parábola do bom samaritano.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação formativa
<p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p>	<p>2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã.</p> <p>3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, filho de Deus</p>	<p>Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura:</p> <p>- A revolução do coração humano: viver centrado no amor ao próximo (próximo é todo o que precisa de mim, independentemente e da sua origem ou identidade): Lc 10, 25-37;</p>	<p><b>Acolhimento</b> aos alunos e registo do <b>sumário</b>.</p>	<p>Caderno diário e material de escrita</p> <p>Filme (anexo 56), computador, projetor de vídeo, manual, Procura o (s) intruso (s) (Anexo 57) material de escrita</p> <p>Personagens da Parábola do Bom Samir (anexo 58), Parábola do Bom Samir (anexo 59)</p> <p>Manual</p> <p>Procura as oito diferenças (Anexo 60) materiais de escrita</p>	7'	<p>- Assertividade</p> <p>- Desempenho</p> <p>- Assertividade</p> <p>- Desempenho</p>
			<p><b>Visualização e exploração da 6ª cena do filme “O Fazedor de Milagres”:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Explicação e entrega da tarefa “Procura o (s) intruso (s)”;</li> <li>- Início da visualização do filme (paragem aos 02'58)</li> <li>- Realização da tarefa “Procura o (s) intruso (s)”;</li> <li>- Correção da tarefa “Procura o (s) intruso (s)”;</li> <li>- Continuação da visualização do filme.</li> </ul> <p><b>Encenação da “Parábola do Bom Samir”:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Explicação da atividade e entrega das personagens aos alunos;</li> <li>- Preparação das falas de cada personagem da parábola;</li> <li>- Realização da atividade;</li> <li>- Exploração da mensagem de Jesus.</li> <li>- Leitura do diálogo da Maria e do Miguel (manual pág. 60);</li> </ul> <p><b>Síntese da aula:</b> “Jesus ensina que o próximo é todo aquele que precisa de mim, seja ele quem for”.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Explicação e realização do jogo “Procura as oito diferenças”</li> </ul>		13'	
			<p><b>Despedida.</b></p>		20'	
					4'	
					1'	

RESUMO: A sexta cena visualizada na quarta aula sobre o filme mencionava a páscoa judaica e a Parábola do Bom Samaritano. Para o tema da páscoa judaica distribuiu-se uma folha com várias imagens, umas referentes à páscoa judaica e imagens intrusas. O objetivo seria procurar as imagens que não se relacionassem com a páscoa judaica. De seguida, foram apresentadas as nove personagens da parábola do bom samaritano e conseqüentemente a sua atualização para os dias de hoje: Jesus e o Doutor da Lei, José (judeu assaltado e espancado), salteadores (ladrões), empresário bem-sucedido (sacerdote), sacristão (levita), Samir, refugiado da Síria (samaritano) e o enfermeiro (estalajadeiro). Os alunos foram convidados a encenar a atualização da parábola com recurso às personagens e à parábola do bom Samir que retrata uma situação de um jovem trabalhador chamado José, assaltado por dois ladrões que lhe roubam o salário e o deixam muito ferido.

Nível: 6º ano ----- Unidade **Letiva:** 2 “Jesus, um homem para os outros” ----- Lição: 19 (7 de 9) ----- Data: 14/02/2017----- Ano **Letivo:** 2016/17


**Sumário:** Unidade Letiva 2 “Jesus, um homem para os outros”: Continuação da visualização do Fazedor de Milagres”. Preenchimento de um guião de exploração do filme.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação formativa	
B. Construir uma chave de leitura da religiosa da pessoa, da vida e da história.	3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A paixão e a morte de Jesus:               <ul style="list-style-type: none"> <li>– Mc 14,32-50: Oração no Getsémani e prisão;</li> <li>– Mc 14,53-65: Jesus é julgado e condenado pelo tribunal judaico;</li> </ul> </li> </ul>	<p><b>Acolhimento</b> aos alunos e registo do <b>sumário</b>.</p> <p><b>Revisão da aula anterior:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Exploração da parábola do bom Samir;</li> <li>- Correção do jogo “Procura as 8 diferenças”.</li> </ul>	Caderno diário e material de escrita PowerPoint (Anexo 61) computador, projetor de vídeo,	7’	- Desempenho	
			<p><b>Visualização e exploração de 2 cenas do filme “O Fazedor de Milagres”:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Distribuição do guião e explicação da tarefa a realizar;</li> <li>- Visualização da 7ª parte do filme;</li> <li>- Preenchimento do guião correspondente à 7ª parte;</li> <li>- Leitura do diálogo da Maria e Miguel (pág. 67 manual o aluno);</li> <li>- Visualização da 8ª parte do filme;</li> <li>- Preenchimento do guião correspondente à 8ª parte;</li> </ul>	Filme (anexo 62), computador, projetor de vídeo, manual do aluno Guião de exploração do filme (Anexo 63) material de escrita	30’		- Assertividade - Desempenho
			<p><b>Síntese da aula:</b> “Jesus é preso e levado à presença dos poderosos”.</p> <p><b>Despedida.</b></p>		2’		
					1’		

RESUMO: Na quinta aula fez-se a exploração da parábola do bom Samir com recurso ao PowerPoint em que foram recordadas as personagens e a mensagem contida na parábola. De seguida, visualizaram-se as 7ª e 8ª cenas do filme, em que os alunos foram convidados a realizar tarefas relacionadas com os conteúdos apresentados nas cenas. Para isso, foi distribuído um guião para cada cena, em que os alunos tinham de colocar, por ordem cronológica, os momentos mais relevantes das diversas partes do filme.

Nível: 6º ano ----- Unidade Letiva: 2 “Jesus, um homem para os outros” ----- Lição: 20 (8 de 9) ----- Data: 21/02/2017 ----- Ano Letivo: 2016/17

Sumário: Unidade Letiva 2 “Jesus, um homem para os outros”: conclusão da visualização do filme “O Fazedor de Milagres”. Realização do jogo da memória.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	 2'	Avaliação formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	3.Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus.  4.Reconhecer a Ressurreição de Cristo como vitória da Vida sobre a morte.	<ul style="list-style-type: none"> <li>A paixão e a morte de Jesus:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Mc 15,1-15: Jesus é julgado e condenado à morte por Pilatos;</li> <li>– Mc 15,24-37: Crucificação e morte de Jesus na cruz.</li> </ul> </li> <li>A ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Jo 20, 19-23: Aparição aos Discípulos.</li> </ul> </li> <li>Deus quer a vida e não a morte:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Jo 10,10: “Eu vim para que tenham vida”.</li> </ul> </li> </ul>	<p><b>Acolhimento</b> aos alunos e registo do <b>sumário</b>.</p> <p><b>Revisão da aula anterior:</b> - Correção do guião de exploração.</p> <p><b>Visualização e exploração da 9ª cena do filme “O Fazedor de Milagres”:</b> - Distribuição de pipocas; - Visualização da 9ª parte do filme.</p> <p><b>Realização do “Jogo da memória”:</b> - Organização da turma em grupos de quatro alunos; - Explicação do “jogo da memória”; - Distribuição do “jogo da memória”; - Realização do “jogo da memória”.</p> <p><b>Síntese da aula:</b> “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”.</p> <p><b>Despedida.</b></p>	<p>Caderno diário e material de escrita PowerPoint (anexo 64) computador, projetor de vídeo Filme (anexo 65), computador, projetor de vídeo, manual do aluno, coluna Jogo da memória (anexo 66)</p>	<p>2'</p> <p>5'</p> <p>18'</p> <p>17'</p> <p>2'</p> <p>1'</p>	<p>- Desempenho</p> <p>- Assertividade</p> <p>- Assertividade</p> <p>- Desempenho</p>

RESUMO: Na última aula, fez-se a correção dos guiões de exploração e visualizou-se a nona cena, que retrata os últimos momentos da vida de Jesus: julgamento e condenação à morte por Pilatos, crucificação e morte na cruz. A última cena do filme termina com a ressurreição e a aparição de Jesus à multidão. Para abordar a páscoa cristã, foi realizado um jogo de memória com imagens e significados das mesmas.

Como referido anteriormente, a primeira aula foi planificada e lecionada em conjunto pelos dois professores estagiários. Para introduzir o objetivo “1 - Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã”, distribuámos pela turma uma capa do jornal da região com uma imagem do nascimento de Jesus com o seguinte título: “Jesus nasce num estábulo!” Foi lida e explorada a notícia com partilha sobre as experiências da festa de Natal com as suas famílias. De seguida, fez-se uma dinâmica em que cada aluno receberia uma imagem branca do contorno de Jesus. Pretendia-se, assim, que os alunos, de uma forma individual, respondessem à pergunta: “Quem sou eu para ti?”

As aulas 2, 3, 4 e 5 da UL2 foram lecionadas pela minha colega de acordo com a planificação geral acordada anteriormente. Foram trabalhados os seguintes objetivos: “1 - Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã; 2 - Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã; 3 - Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, filho de Deus.” Estas aulas, em que estava presente enquanto professor estagiário assistente, também foram importantes para compreender a aceitação dos alunos às estratégias usadas na leção dos conteúdos apresentados. Observou-se que um aluno inscrito na catequese tinha melhor desempenho do que os outros, e, que este se mostrava sempre pronto para responder às perguntas dos professores.

A primeira aula que lecionei, aula 6, tinha como conteúdos a misericórdia de Deus e o amor ao próximo, integrados na missão de Jesus. Para estes conteúdos, o programa apresenta a parábola do bom samaritano: Lc 10, 25-37. Assim, para esta aula considerei logo uma estratégia que fosse de natureza envolvente e dinâmica e ao encontro das características da turma: ativa e participativa. As estratégias utilizadas foram bem-sucedidas junto dos alunos e eles corresponderam com o seu empenho e participação. Utilizei uma cena do filme “The Miracle Maker” sobre o bom samaritano para enquadrar a temática da aula e depois reinventei a parábola para os nossos dias, intitulando-a de “parábola do bom Samir.” Este novo texto

retrata uma situação de um jovem trabalhador, chamado José, que, assaltado por dois ladrões, fica sem o salário do mês e muito ferido. Os personagens que não prestam ajuda serão um empresário e um sacristão. O samaritano será um refugiado com o nome de Samir. A história inicia e termina com o diálogo de Jesus e o Doutor da Lei. Praticamente todos os alunos participaram enquanto personagens ou na encenação com uma personagem da história.

Na segunda aula o entusiasmo dos alunos já não foi tão evidente, não só pelos conteúdos, paixão e morte de Jesus, como também pelas estratégias utilizadas. Como o Manual só apresenta as passagens bíblicas para abordar esta temática, voltei a recorrer ao filme “The Miracle Maker”. Durante a visualização de duas cenas, os alunos eram desafiados a preencher um guião de exploração em que teriam que colocar, por ordem cronológica, os momentos mais importantes. Foram evidentes e constantes as dificuldades apresentadas pelos alunos. A tarefa exigia alguma concentração no visionamento do filme e, ao mesmo tempo, a leitura do guião de exploração. A maior parte da turma só conseguiu ultrapassar as dificuldades na correção da tarefa, que se traduz numa desadequação e ineficácia de estratégias às características da turma.

Depois da experiência da minha segunda aula, resolvi retomar estratégias de natureza mais prática, evidenciadas na primeira aula. A temática da ressurreição de Jesus e aparição aos apóstolos estava sintonizada com a última cena do filme “The Miracle Maker”. A celebração da Vida sobre a morte remetia para as festividades da Páscoa cristã. Desta forma, os alunos, através de um jogo de memória, seriam desafiados a decorar uma imagem e o seu significado. Dado que a maior parte dos alunos demonstravam muita competitividade, houve alguma confusão com as regras do jogo mas observou-se que teve um impacto significativo na predisposição dos alunos para colaborar na aula e, conseqüentemente, no seu processo de aprendizagem.

A última aula desta unidade letiva compreendia a sua avaliação. A experiência da avaliação da primeira unidade demonstrou que os alunos desmotivam para fichas de

avaliação. Então, recorri a exercícios mais práticos. No primeiro, o aluno deveria completar as falas dos personagens da banda desenhada, recorrendo aos textos bíblicos do Manual; no segundo exercício, era solicitado ao aluno que resolvesse palavras cruzadas, tendo em conta que se referiam ao processo de condenação e morte de Jesus; no terceiro exercício era pedido que o aluno encontrasse o caminho para Jesus, ajudando, assim, o apóstolo Bartolomeu; no quarto exercício, era pedido que encontrasse as sete diferenças nas duas imagens sobre o batismo de Jesus. No último exercício, pediu-se ao aluno que construísse origamis em forma de coelhos e escrevesse neles frases sobre a missão de Jesus.

Ao longo das aulas fui-me apercebendo que o sucesso das estratégias utilizadas depende muito da sua adequabilidade às características da turma, e, por isso mesmo, sempre que possível, procurei utilizar estratégias enquadradas num modelo de ensino centrado no aluno, reduzindo ao mínimo os modelos centrados no professor, mesmo que para isso seja necessário facilitar a realização da tarefa.

### **1.3. ANÁLISE DA UL2 *JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS* DO 6º ANO**

Sendo essencial o papel que a Escola desempenha na formação das pessoas, esta deve procurar ser um espaço de evolução da pessoa como ser em desenvolvimento e em permanente relação, até porque é nele que as crianças e os jovens passam a maior parte do tempo e da sua formação.

O facto de a “escola não poder ser apenas um conjunto de atividades, é uma visão da vida, persistente e longamente perseguida e afirmada”<sup>19</sup>, vem salientar a importância de que a preocupação da escola não pode passar, exclusivamente, por transmitir informação e

---

<sup>19</sup> ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESCOLAS CATÓLICAS, *Atas do I congresso nacional da escola católica, Escola católica proposta e desafio*, Fátima, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, 10.

conhecimento, mas sim por uma totalidade de saber ser e fazer, visto que a pessoa é um todo e não apenas partes.

Assim, a educação é muito mais do que o simples ato de educar, isto é, ninguém se educa a si mesmo, mas sempre através de um outro, implícita ou explicitamente, por isso, a educação deve ajudar a que cada um seja ele mesmo, nas suas diferenças e igualdades “a dignidade de cada pessoa fundamenta o seu direito inalienável a uma educação adequada às suas circunstâncias específicas. A pessoa é o sujeito primeiro e o objeto último da educação”<sup>20</sup>.

Desta forma se entende que uma autêntica educação escolar exija uma radicação na verdade do Homem, isto é, no respeito integral da pessoa, daí que a tarefa da escola seja, sobretudo, a de promover a vida, primeira condição no desenvolvimento da pessoa e do progresso social. É neste sentido que se pode afirmar que a EMRC se integra positivamente na escola, visto que é um lugar privilegiado do desenvolvimento harmonioso do aluno enquanto pessoa e não enquanto número, na integridade das dimensões, e abertura ao transcendental, aos outros e ao mundo que é chamado a construir<sup>21</sup>.

Pelo facto de se orientar para “formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade”<sup>22</sup>, esta disciplina deve proporcionar um aprofundamento reflexivo das mais profundas razões íntimas e transcendentais da existência humana nas suas cinco dimensões de relação comunitária: dimensão social, dimensão espiritual, dimensão sexual, dimensão biológica e dimensão comunicacional.

---

<sup>20</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral *Educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2002, nº 8.

<sup>21</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade – Um valioso contributo para a formação da personalidade”, *Pastoral Catequética*, Ano II, 5 (2006), 9.

<sup>22</sup> *Ibidem*, 12.

### 1.3.1. Estrutura e organização da UL

A UL2 *Jesus, um Homem para os outros* do 6º ano de escolaridade norteia-se segundo quatro metas curriculares: “E - Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo; K – Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso; B – Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história; M- Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano”<sup>23</sup>. Estas quatro metas estão contempladas nos três domínios de aprendizagem definidos no programa da disciplina: religião e experiência religiosa, cultura cristã e visão cristã da vida e ética e moral<sup>24</sup>.

O centro da unidade letiva é Jesus, homem de Nazaré e Filho de Deus. Pretende-se, nos seus objetivos, que o aluno reconheça Jesus como o centro da identidade cristã, primeiro através da abordagem da profecia da vinda do Messias e do seu próprio nascimento, depois como influência que esse acontecimento faz na história e cultura da humanidade. Jesus, na sua mensagem, apresenta uma nova maneira de entender Deus, não um Deus que castiga com doenças e pobreza, mas um Deus que usa de misericórdia pura para com todos. O programa pretende que o aluno identifique este Deus misericordioso como o núcleo central da mensagem cristã.

Para aprofundar o conhecimento sobre a vida de Jesus, o programa convida o aluno a compreender a missão de Jesus como Filho de Deus através dos textos bíblicos. Depois da condenação pelas autoridades religiosas, paixão e morte de Jesus, convida novamente a reconhecer ressurreição de Jesus como vitória da vida sobre a morte.

Finalmente, considerando a meta “M- Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano”, o aluno é convidado a mobilizar o valor da vida na orientação

---

<sup>23</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 2014, 66.

<sup>24</sup> Cf. *Ibidem*, 8.

do comportamento nas situações do quotidiano, ou seja, o que podemos fazer para que o outro tenha mais qualidade de vida à maneira de Jesus.

### **1.3.2. A UL inserida no programa do 6º ano**

O programa de EMRC, à semelhança das demais disciplinas, está organizado por níveis de ensino, cabendo a cada nível o estudo de determinadas unidades letivas. Cada uma das unidades desenvolve-se em objetivos, que, por sua vez, operacionalizam a aprendizagem dos conteúdos específicos do tema de cada unidade<sup>25</sup>.

O programa do 6º ano está direcionado para a questão da existência humana nas suas diferentes dimensões, prevendo a abordagem de três unidades letivas: *UL1 A Pessoa Humana*, *UL2 Jesus, um Homem para os outros* e *UL3 A Partilha do Pão*.

Ao analisar os conteúdos de cada uma das unidades, é visível um fio condutor ao longo de todo o ano letivo, iniciando os alunos na reflexão sobre a o que é a pessoa, na sua relação com os outros, quais as diferentes dimensões, valorizando a relação com o transcendente, a importância da autenticidade e da dignidade da pessoa humana, na *UL1 A Pessoa Humana*. Na *UL2 Jesus, um Homem para os outros* os alunos são convidados a explorar conteúdos sobre a humanidade e solidariedade de Jesus. É apresentado como um impulsionador da pessoa humana, da sua inclusão na sociedade, na religião, um causador da revolução do coração humano, centrado no amor ao próximo. A sua missão será sempre a de ser o Homem para os outros.

A *UL3 A Partilha do Pão* dá continuidade ao percurso iniciado com na *UL1*, procurando que o aluno seja capaz de tomar consciência da necessidade da partilha com os outros, ou seja, que também ele possa ser homem para os outros, à semelhança daquela que

---

<sup>25</sup> Cf. SNEC, *Programa de EMRC*, 2014. 9-10.

foi a missão de Jesus (e o próprio Jesus). Ao homem não chega apenas o alimento para matar a fome, ele tem fome de algo mais, precisa de mais, e esse alimento é Jesus. O homem alimenta-se, “por assim dizer do próprio Deus vivo, comemos verdadeiramente o pão do céu”<sup>26</sup>.

O percurso proposto pelo programa vai ao encontro das características da faixa etária a que se destina, na qual a dimensão da interpretação ético-moral compreende os seguintes itens: a empatia alargada aos desconhecidos, cooperação e compromisso crescentes e desejo crescente de ajudar como objetivo pessoal<sup>27</sup>. Apresenta, também, uma coerência lógica e um esquema concetual que estabelece a ligação entre os vários conteúdos, não só da UL2 *Jesus, um Homem para os outros*, mas também das outras unidades letivas do 6º ano.

### **1.3.3. Pertinência pedagógica**

Provavelmente ninguém, na história, terá exercido maior fascínio, atração ou inspiração sobre as pessoas, nem suscitado mais hostilidade nelas, do que Jesus. Nascido numa vulgar família judia, que vivia num Estado do Médio Oriente ocupado pelo Império Romano, Jesus sai do anonimato por volta dos trinta anos e inicia a sua vida pública, afirmando que o Reino de Deus tinha chegado e convidando as pessoas a adotar uma forma de vida radical. Provocou agitação no seio religioso, acolheu os marginalizados, perdoou os pecadores e, por onde passou, não deixava ninguém indiferente, até que as autoridades, chegando a um estado de hostilidade máxima, o condenaram à morte, infligindo-lhe uma morte vergonhosa e muito dolorosa.

Jesus é um homem para os outros. Desde o seu nascimento até à morte, devolve sempre o homem a si mesmo, libertando-o da alienação da lei, da tradição e da religião. Para Gnilka,

---

<sup>26</sup> Joseph RATZINGUER, *Jesus de Nazaré*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2007, 336.

<sup>27</sup> Cf. SNEC, *Programa de EMRC*, 2014, 18.

o mandamento do amor aos inimigos é decisivo<sup>28</sup>. Faz parte de Jesus tudo o que é autenticamente humano: as ações, os sentimentos, as reações. Em muitas situações, vemos Jesus indignado com os vendedores do Templo (Mc 11, 15-17); a ter compaixão da viúva de Nain (Lc 7, 11-17); a admirar o Centurião (Lc 7, 1-9); a manifestar tristeza a respeito de Jerusalém (Lc 13, 34-35); a entusiasmar-se com a sabedoria do escriba (Mc 12, 34); a revelar-se amigo de Lázaro (Jo 11, 11). Participou de todos os sentimentos e condicionamentos da vida humana, como a fome, a sede, o cansaço, o frio, a vida insegura, o pavor, a angústia e a morte violenta.

Deste modo, considero importante este interesse pedagógico, não só para os alunos, como para o professor. Tem uma relevância pedagógica significativa, já que incrementa esta unidade depois da UL1 *A Pessoa Humana*. Esta unidade, que proporciona um aprofundamento reflexivo acerca do reconhecimento da pessoa enquanto ser único que vive em relação com os outros, coloca em ênfase a importância da dignidade humana. Faz parte das finalidades da disciplina de EMRC a aquisição de um vasto conhecimento sobre Jesus.

É conveniente, também, que a UL2 *Jesus, um Homem para os outros* não seja causa de exclusão, porque há que ter em conta que nesta disciplina não está em causa a fé dos alunos. De facto, este é um dado que não pode deixar de ser tomado em linha de conta, uma vez que a disciplina de EMRC é uma disciplina escolar e que deve obedecer aos métodos e estratégias escolares, aceitando os alunos que nela se inscrevem sem fazer qualquer tipo de discriminação, pois há pais que, mesmo não sendo cristãos e não sendo cristãos católicos, matriculam os seus filhos em EMRC, porque lhes querem dar uma educação o mais completa e global possível.

“A EMRC é, por isso, oferecida a todos os alunos, independentemente da sua diversidade de crenças e opções religiosas: com fé católica ou outra, em situação de procura, indiferentes ou descrentes. Esta diversidade corresponde à situação das famílias que solicitam o apoio da

---

<sup>28</sup> Cf. Joachim GNILKA, *Jesus de Nazaré*, Editorial Presença, Barcarena, 1999, 216.

EMRC: se umas desejam que a componente religiosa integre a formação dos seus filhos, outras há que se interessam somente pela sua informação e formação moral e cultural”<sup>29</sup>.

É importante que o aluno adquira um vasto conhecimento sobre Jesus, mas também é importante que o aluno não seja olhado como um catequizando a quem se propõe e pedem atitudes de fé. Por exemplo: “Uma nova maneira de entender Deus: misericórdia pura”; “O anúncio do Reino de Deus: a vitória definitiva do bem, da justiça, da verdade, do amor, etc”; “A ressurreição: Jesus é o Senhor e Filho de Deus”. Verifica-se que estes exemplos apelam/interpelam a fé dos interlocutores e por isso não deve acontecer estas situações numa disciplina escolar como é a EMRC.

Papel fundamental neste campo é o dos docentes de EMRC, já que estes devem ter sempre muito presente, na sua prática letiva, as diferenças fundamentais entre a nossa disciplina e a Catequese. São duas formas distintas, ainda que complementares, de estudar e aprofundar a mensagem anunciada por Jesus.

---

<sup>29</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e religiosa Católica - Um valioso contributo para a formação da personalidade”, 6.

## **2. A RELAÇÃO ENTRE A EMRC E A CATEQUESE E ANÁLISE DOS OBJETIVOS E CONTEÚDOS DA EMRC E DA CATEQUESE**

### **2.1. RELAÇÃO ENTRE A EMRC E A CATEQUESE**

Existe efetivamente uma relação entre a disciplina de EMRC e a Catequese. O que poderá não ser evidente é a espécie desta relação, se é de continuidade ou de complementaridade, de similaridade ou de distinção.

Propomos, assim, uma breve análise sobre os documentos publicados, desde Paulo VI até à atualidade, destacando os principais avanços na reflexão desenvolvida sobre a clarificação da relação entre a EMRC e a Catequese. Só depois faremos a análise dos elementos a ter em conta para a distinção e complementaridade que caracterizam o EMRC e a Catequese.

#### **2.1.1. Breve análise de documentos**

Ao longo destes anos, a Igreja Católica tem vindo a aprofundar esta relação com o intuito da promoção de uma identidade própria do ERE, diferenciando-a da Catequese. Iniciaremos uma análise pelos documentos do Magistério da Igreja, onde se verifica este esforço de reflexão e, de seguida, os documentos saídos da CEP e redigidos pela CEEC.

### 2.1.1.1. Do Diretório de 1971 ao Diretório de 1997

Ao referir-se às formas da Catequese, o Diretório Catequético Geral (DCG), no n.º 19, faz uma referência ao que poderá ser a conceção de um ERE, na qual a Catequese, que segundo as circunstâncias e as necessidades do caso, se apresentará como ensino religioso no âmbito escolar. Aqui, o ERE é Catequese mas adota outra forma de ser.

“A catequese adota necessariamente várias formas segundo as circunstâncias e as necessidades do caso. Nos países tradicionalmente cristãos a catequese apresenta-se à maneira de ensino religioso que se faz às crianças e aos adolescentes no âmbito escolar ou fora dele [...]”<sup>30</sup>.

Mais tarde, em 1975, o Papa Paulo IV, na sua Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN), no nº 18, diz que evangelizar é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e, pelo seu influxo, transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade. Para este Sumo Pontífice, o ERE deverá participar na evangelização da escola, através dos métodos e meios de evangelização que as circunstâncias assim exigirem, ou seja, conforme o tempo, o lugar ou a cultura, desafiando a capacidade de cada um se adaptar. E ainda, quando fala do ensino catequético, faz alusão à escola e ao ensino religioso, dando a entender que a distinção entre ensino religioso e catequese é ainda pouco importante<sup>31</sup>. No nº 40 da EN, fala-se da importância dos métodos e meios de evangelização afirmando que “as maneiras de o fazer variam em conformidade com as diversas

---

<sup>30</sup> Tendo em conta a reflexão apresentada por Andreu Ibarz Mellado, *El diálogo fe-cultura en la acción educativa del profesor de religión: categoría y competencia. Una recepción del Concilio Vaticano II que configura las bases de un modelo de educación superior*, Publicación parcial de la Tesis Doctoral, Facultad de Teología de Catalunya, Barcelona, 2011, citado por Juan Ambrosio, *Distinção entre EMRC e Catequese*, texto não publicado para uso dos alunos para a disciplina de Didática Específica de EMRC, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2017, 1. A partir daqui citaremos apenas Juan Ambrosio, *Distinção entre EMRC e Catequese*.

<sup>31</sup> Cf. Juan AMBROSIO, *Distinção entre EMRC e Catequese*, 2.

circunstâncias de tempo, de lugar e de cultura”<sup>32</sup> lançando o desafio a todos os mediadores da evangelização à capacidade de descobrir e de adaptar.

No nº 44, embora não se evidencie uma clara distinção, verifica-se que se reconhece uma diversidade escolar nos destinatários da evangelização, sejam eles viventes de um mundo descristianizado ou que defendam um secularismo ateu.

“A inteligência nomeadamente a inteligência das crianças e a dos adolescentes, tem necessidade de aprender, mediante um sistemático ensino religioso, os dados fundamentais, o conteúdo vivo da verdade que Deus nos quis transmitir, e que a Igreja procurou exprimir de maneira cada vez mais rica, no decurso da sua história [...]”<sup>33</sup>.

Da mesma forma, em 1979, o Papa São João Paulo II, na sua Exortação apostólica *Catechesi tradendae*, no nº 69, também não apresenta uma clara distinção entre o ERE e a Catequese quando se debruça sobre o contributo da escola para a catequese. Contudo, faz referência explícita ao ensino religioso, ao qual compete possibilitar o diálogo da fé com a cultura, numa dupla prioridade, no processo de crescimento e na formação integral, de modo a que o Evangelho impregne a mentalidade dos alunos no terreno da sua formação e no facilitar do processo de harmonização da sua cultura à luz da fé.

“Importa, pois, que a catequese tenha muito em conta esta escolarização, a fim de abranger realmente os outros elementos do saber e da educação, de modo a que o Evangelho impregne a mentalidade dos alunos no próprio ambiente da sua formação e a harmonização da sua cultura se faça à luz da fé”<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> *Ibidem*, 3.

<sup>33</sup> *Ibidem*. É a partir deste momento que a distinção entre o ERE e a Catequese vai ganhando novos desenvolvimentos, cada vez com mais precisão, ao longo do tempo.

<sup>34</sup> *Ibidem*, 4-5.

É no seu discurso aos sacerdotes da diocese de Roma que o Papa São João Paulo II revela que é necessária uma clara distinção entre Catequese e o ERE, sublinhando a sua complementaridade:

“O princípio fundamental, que deve guiar o esforço neste delicado sector da pastoral, é o da distinção e ao mesmo tempo da complementaridade entre o ensino da Religião e a Catequese”<sup>35</sup>.

Reconhece ao ERE uma identidade própria ao nível dos destinatários, dos conteúdos e dos objetivos, destacando que cada um tem o seu lugar, mas que não devem viver separados, existindo entre eles uma conexão íntima, em que o ERE pode ser considerado, tanto como qualificado preâmbulo para a Catequese, como reflexão posterior sobre os conteúdos da Catequese já adquiridos<sup>36</sup>.

No que respeita ao Código de Direito Canónico, no livro III «Função de ensinar na Igreja», a tarefa do ensino da doutrina nas escolas é apresentado como forma de evangelização:

“Para anunciar a doutrina cristã utilizem-se os vários meios disponíveis, primeiramente a pregação e a instrução catequética, que têm sempre o lugar principal, mas também a exposição da doutrina nas escolas, [...]”<sup>37</sup>.

Indica que os pais devem procurar uma educação católica para os seus filhos, de acordo com a sua consciência de adultos, e que esta educação deve ser protegida pela sociedade civil.

É no dia 15 de Abril de 1991, no discurso ao Simpósio Internacional sobre o Ensino da Religião Católica na Escola, que João Paulo II fortalece esta relação entre o ERE e a Catequese, sublinhando a sua relação diversa e complementar. Afirma que a formação

---

<sup>35</sup> *Ibidem*.

<sup>36</sup> Cf. *Ibidem*, 6-7.

<sup>37</sup> CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, Edição anotada por Pedro Lombardia e Juan Ignacio Arrieta, tradução portuguesa a cargo de José A. Marques, 2ª ed. revista e atualizada de acordo com a 5ª ed. castelhana, Theologica, Braga, 1997, 761.

integral do homem se realizará segundo as finalidades próprias da escola, fazendo adquirir aos alunos uma motivada cultura religiosa cada vez mais ampla:

“Contudo, é oportuno que o ensino da religião na escola pública persiga um objetivo comum; promover o conhecimento e o encontro com o conteúdo da fé cristã segundo as finalidades e os métodos próprios da escola e, por isso, como facto cultural [...]”<sup>38</sup>.

Finalmente, vamos encontrar importantes reflexões e esclarecimentos desta relação no Diretório Geral para a Catequese (DGC) de 1997. Surge como uma revisão do DCG de 1971 com a finalidade de o adaptar às novas situações e necessidades, de forma a orientar e coordenar a ação pastoral do ministério da palavra e, de forma concreta, a catequese. No seu nº 73 considera o carácter próprio do ERE e a sua relação com a Catequese:

“A relação entre o ensino religioso na escola e a catequese é uma relação de distinção e de complementaridade: «Há um nexo indivisível e, ao mesmo tempo, uma clara distinção entre o ensino da religião e a catequese»”<sup>39</sup>.

Para este diretório, o que confere ao ensino religioso escolar a sua peculiar característica é o fato de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com outras formas do saber. Este ensino torna presente o Evangelho no processo pessoal de assimilação, sistemática e crítica, da cultura. A grande novidade desta relação é nos esclarecimentos que se fazem sobre a sua identidade:

“É necessário, portanto, que o ensino religioso escolar se mostre como uma disciplina escolar, com a mesma exigência de sistema e rigor que requerem as demais disciplinas. Deve apresentar a mensagem e o evento cristão com a mesma seriedade e profundidade com a qual as demais disciplinas apresentam seus ensinamentos. Assim, a apresentação da mensagem cristã

---

<sup>38</sup> Juan AMBROSIO, *Distinção entre EMRC e Catequese*, 8.

<sup>39</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral para a Catequese*, Paulinas, Lisboa, 2001, nº 73. Daqui em diante citaremos apenas *Diretório Geral para a Catequese*.

incidirá na maneira com que se concebe a origem do mundo e o sentido da história, o fundamento dos valores éticos, a função da religião na cultura, o destino do homem, a relação com a natureza. O ensino religioso escolar, mediante este diálogo interdisciplinar, funda, potência, desenvolve e completa a ação educadora da escola”<sup>40</sup>.

Embora o diretório faça esta distinção da Catequese, o ERE, que se desenvolve em contextos escolares diversos, adquire acentuações diversas e estas dependem das condições legais e de organização, da concepção didática, dos pressupostos pessoais dos professores e dos alunos e da relação do ERE com a Catequese familiar e paroquial. E afirma claramente que o ensino religioso na escola se situa no âmbito da educação cristã familiar e está, com a Catequese, ao serviço da educação da fé<sup>41</sup>.

Esta breve análise de alguns documentos do Magistério da Igreja, sobre a relação entre ERE e a Catequese, permite-nos a consciencialização de que este desenvolvimento foi importante para a clarificação da relação de distinção e complementaridade, embora se revele ainda insuficiente. O maior desenvolvimento de distinção regista-se no DGC, já que, até à publicação deste diretório, vinha a sublinhar-se destacadamente a complementaridade na linha da educação cristã, principalmente como “outro” meio de evangelização. No entanto, mesmo que este desenvolvimento tenha sido insuficiente para a clarificação da relação entre o ERE e a Catequese, despoletou o arranque de novas reflexões sobre o assunto. Analisaremos o caso português, através das publicações da CEP e da CEEC, em que se estabelece uma relação de identificação entre o ERE e a disciplina de EMRC. É importante que se compreenda a EMRC como uma forma da concretização do ERE, mas não como sinónima. O ERE terá muitos outros modelos, conforme o país ou a região em que se aplique.

---

<sup>40</sup> Juan AMBROSIO, *Distinção entre EMRC e Catequese*, 10.

<sup>41</sup> Cf. *Ibidem*, 11-12.

### **2.1.1.2. Contributos para a identidade e as finalidades da disciplina. A realidade Portuguesa<sup>42</sup>**

Com base nos documentos do Magistério da Igreja analisados anteriormente, a CEP e a CEEC publicaram vários documentos dos quais poderemos refletir acerca da identidade e finalidades da disciplina de EMRC, diferenciando-a assim da Catequese.

No dia 11 de Maio de 2001, com assinatura de D. Manuel Pelino, então presidente da CEEC, é publicada, por ocasião do período de matrículas que se aproxima, a Nota Pastoral «A EMRC na Escola Pública: um contributo para a civilização e para a cultura», alertando os educadores, sobretudo os pais, para a ameaça de algumas correntes ideológicas que colocam a disciplina de EMRC à margem do programa escolar<sup>43</sup>.

“A EMRC é diferente da catequese. Tem uma orientação cultural e formativa, enquanto procura abordar a religião na perspetiva da cultura e, portanto, como alicerce de valores, atitudes e comportamentos éticos. Considera a componente religiosa e espiritual como base sólida para a formação pessoal e social, para o crescimento na liberdade responsável, na solidariedade, na vida comunitária. Procura assim educar para os valores humanos e cristãos. Ensina a interpretar a vida e o mundo à luz da fé, ajuda a discernir entre o bem e o mal e contribui deste modo para definir um projeto de vida e para dar sentido à existência”<sup>44</sup>.

Procurou-se, acima de tudo, sublinhar a perspetiva cultural e o contributo da disciplina para uma educação humanista capaz de gerar uma civilização mais solidária. Afirmou que o objetivo da EMRC é educar para os valores humanos e cristãos.

No ano seguinte, no dia 6 de Janeiro, a CEP publica a Carta Pastoral «Educação - direito e dever - missão nobre ao serviço de todos». Embora seja um documento em que reflete sobre a educação em geral, afirma-se explicitamente que a EMRC presta um valioso

---

<sup>42</sup> Seguindo as considerações do trabalho realizado por Juan Ambrosio, *Identidade e Finalidades da Disciplina de EMRC*, texto não publicado para uso dos alunos para a disciplina de Didática Específica de EMRC, Faculdade de Teologia - UCP, Lisboa, 2015.

<sup>43</sup> Cf. Juan AMBROSIO, *Identidade e Finalidades da Disciplina de EMRC*, 1-2.

<sup>44</sup> *Ibidem*.

contributo na formação da personalidade, ao permitir descobrir o projeto divino sobre a pessoa, a vida humana e a sociedade, propondo aos educandos uma interpretação da existência pessoal e do compromisso social a partir dos valores humanizantes do evangelho<sup>45</sup>. Diz-se ainda que esta disciplina pode ajudar a interpretar a cultura portuguesa marcada pelo cristianismo, de saber como ajudar a aprender juntos e a aprender a ser.

“A educação moral e religiosa presta um valioso contributo na formação da personalidade na medida em que ajuda a descobrir o projeto divino sobre a pessoa, sobre a vida humana e sobre a sociedade. Longe de prejudicar a liberdade pessoal e a inserção social, propõe aos educandos uma interpretação integral da existência pessoal e do compromisso social e orienta-os na definição de um projeto de vida enriquecido pelos valores humanizantes do Evangelho que dão conteúdo à liberdade e fundamento à dignidade e à responsabilidade pessoais”<sup>46</sup>.

Deste documento podemos perceber como a identidade da disciplina está intimamente ligada aos valores do evangelho e como a sua finalidade anda muito à volta da transmissão desses mesmos valores.

Ainda no ano de 2002 é publicado a Nota Pastoral «A EMRC: alicerce da educação para os valores» por D. Manuel Pelino, como presidente da CEEC. Afirma categoricamente que a EMRC se distingue da catequese por não ser educação da fé, e esclarece onde reside essa distinção, na própria identidade da EMRC, como uma educação moral alicerçada na cultura cristã, em que a sua finalidade consiste em transmitir os valores que constituem o património moral de matriz cristã.

“Neste contexto devemos entender o papel da disciplina de EMRC. Esta área curricular disciplinar, preocupa-se, de facto, com a transmissão de valores que constituem um património moral de matriz cristã: o respeito pela dignidade da pessoa, o sentido da vida humana, o bom relacionamento mútuo, a fraternidade universal de raças e povos, a procura da verdade e da

---

<sup>45</sup> Cf. *Ibidem*, 3.

<sup>46</sup> *Ibidem*.

bondade, da justiça e da paz. Deste modo, a EMRC não é catequese, no sentido de educação da fé, mas educação moral alicerçada na cultura cristã”<sup>47</sup>.

Em 2003 é publicada a Nota Pastoral «A EMRC: alicerce da convivência social», pela CEEC, onde novamente se afirma a distinção entre catequese e EMRC, quando diz que esta disciplina não tem diretamente em vista a adesão à fé, pode oferecer aos alunos uma visão cristã do mundo e da vida, da pessoa e da sociedade, mas não uma educação da fé<sup>48</sup>.

É perceptível que até aqui os responsáveis da Igreja Católica Portuguesa tenham vindo a refletir sobre a disciplina, tendo bem presente e como pano de fundo aquilo que deve ser a missão principal da escola, a saber, a educação global dos alunos e a sua formação e desenvolvimento enquanto pessoas. Tendo isto em conta, sublinham o contributo que a disciplina dá para a procura de sentido, para a construção de um projeto de vida, para o entendimento da realidade cultural que circunda os alunos, e para a construção da sociedade. Assim, e com este pano de fundo, vai-se percebendo que a identidade da EMRC é refletida no âmbito da educação moral e como a sua finalidade aponta claramente na linha da educação para os valores. Da mesma forma é perceptível que estes mesmos responsáveis da Igreja tenham noção que a EMRC não é catequese e, nesse sentido, não tem como finalidade direta a educação da fé, mas, ao tratar-se de uma educação moral inspirada e iluminada explicitamente pelos valores do Evangelho, fica a ideia de que a EMRC tem como finalidade educar para os valores cristãos, de modo a que os alunos optem por um comportamento de acordo com a moral cristã<sup>49</sup>.

É a partir de 2006, através da publicação do documento «Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade», da autoria da CEP, que compreendemos em que consiste a identidade da EMRC e quais são as suas finalidades. Continuamos a assistir à reflexão sobre o contributo que a EMRC pode dar aos alunos em

---

<sup>47</sup> *Ibidem*, 4.

<sup>48</sup> Cf. *Ibidem*, 5.

<sup>49</sup> Cf. *Ibidem*, 6-7.

contexto escolar e o seu alcance cultural e moral. No entanto, assiste-se a uma nova reflexão sobre a dimensão religiosa do ser humano, da qual se diz ser constitutiva da pessoa humana. E desta forma, permite que a EMRC seja oferecida a todos os alunos, independentemente da diversidade de crenças e opções religiosas.

“A EMRC é, por isso, oferecida a todos os alunos, independentemente da sua diversidade de crenças e opções religiosas: com fé católica ou outra, em situação de procura, indiferentes ou descrentes. Esta diversidade corresponde à situação das famílias que solicitam o apoio da EMRC: se umas desejam que a componente religiosa integre a formação dos seus filhos, outras há que se interessam somente pela sua informação e formação moral e cultural”<sup>50</sup>.

É relevante também para este trabalho o que CEP afirma, neste documento, sobre a relação entre a Catequese e a EMRC, definindo-a como de distinção e complementaridade, já referida pelo Diretório Geral para a Catequese, e que, tendo ambas uma intencionalidade própria, não deve esta ser confundida, já que esta situação leva, frequentemente, a uma maior sensibilidade de muitos pais por aquela em detrimento desta, com consequências negativas para o número de matrículas em EMRC<sup>51</sup>.

Finalmente, o documento da CEP afirma aquilo que é específico da EMRC, ou seja, aquilo que ela faz e que as outras disciplinas não fazem, onde reside a sua identidade e qual deverão ser as suas finalidades:

“O aluno que frequente, com continuidade, a EMRC deverá conseguir alcançar as seguintes grandes finalidades: apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular; conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos; estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé; adquirir uma visão cristã da vida; entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso; adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social; apreender o fundamento religioso da moral cristã; conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã; formular uma chave de leitura que

---

<sup>50</sup> *Ibidem*, 9.

<sup>51</sup> Cf. *Ibidem*, 10-11.

clarifique as opções de fé; estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade; aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência”<sup>52</sup>.

A definição destas onze finalidades foram importantes para a disciplina de EMRC, pois abordam vários aspetos: referência explícita à dimensão religiosa, direcionando para o âmbito do cognitivo e para o campo das atitudes e dos comportamentos, ao diálogo entre cultura e fé e ao diálogo ecuménico e inter-religioso, à visão cristã da vida e à aquisição de um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social<sup>53</sup>.

Em Junho de 2007 a CEEC faz a aprovação final do «Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: Ensinos Básico e Secundário» onde se avança já com os objetivos da disciplina: educar para a dimensão moral e religiosa e educar para a compreensão dos elementos mais profundos da cultura nacional, aberta ao mundo. Reafirma-se que o ERE tem a sua identidade específica, distinguindo-se da catequese, fazendo incidir essencialmente essa distinção no contexto em que cada uma das realidades tem lugar: ao nível da catequese estamos no âmbito do contexto da comunidade cristã, enquanto que ao nível do ERE estamos no âmbito de uma comunidade escolar com preocupações em trabalhar objetivos de natureza científica, cultural e humana. Ao falar dos conteúdos temáticos, este programa vai definir as áreas que devem ser trabalhadas ao longo dos vários níveis de escolaridade e ciclos de ensino<sup>54</sup>.

Em abril de 2014 é aprovado pela CEP, e mais tarde promulgado pela Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé (CEECDP), a nova edição do Programa de EMRC<sup>55</sup>, resultante do trabalho desenvolvido no âmbito da definição das Metas Curriculares da disciplina. Aprofunda-se a missão da EMRC no contexto da escola e dos seus objetivos:

---

<sup>52</sup> *Ibidem*, 13.

<sup>53</sup> Cf. *Ibidem*, 14.

<sup>54</sup> Cf. *Ibidem*, 15-20.

<sup>55</sup> Cf. *Ibidem*, 33-40.

quais as finalidades que os alunos devem adquirir, cumprindo as metas estabelecidas, destacando de uma maneira clara e evidente a importância da dimensão religiosa para a educação integral do aluno.

A partir de 2001 verificamos que a CEP e CEEC começam a sublinhar, antes de mais, o contributo da disciplina de EMRC para uma educação humanista capaz de gerar uma civilização mais solidária com base em valores humanos e cristãos, nunca deixando de salientar que a EMRC pode ajudar a interpretar a cultura portuguesa marcada pelo cristianismo.

É a comissão episcopal, na reflexão sobre a identidade e a finalidade da disciplina, que afirma categoricamente a distinção entre a EMRC e a Catequese. A EMRC distingue-se da Catequese por esta não ser educação da fé, ao contrário do que afirmou o DGC, cinco anos antes. Não é educação da fé, mas educação moral alicerçada na cultura cristã com a finalidade da transmissão de valores que constituem o património moral de matriz cristã.

No entanto, é a CEP, em 2006, que faz esta clarificação fundamental da identidade da EMRC e das suas finalidades enquanto disciplina presente no meio escolar. É, no entanto, a referência à dimensão religiosa do ser humano, a qual se diz ser constitutiva da pessoa humana, que permite à EMRC abrir a porta a todos os alunos, independentemente da sua diversidade de crenças e opções religiosas. Verificamos que, neste documento, a CEP vai mais longe que o DGC<sup>56</sup> no que se refere à distinção e complementaridade entre EMRC e Catequese. Enquanto na Catequese se pretende formar e educar discípulos de Cristo, de modo a promover e intensificar a comunhão com ele, a EMRC, por sua vez, tendo em vista a formação global do aluno, dá especial atenção à construção da sua identidade, do seu projeto e vida<sup>57</sup>. Finalmente, o documento afirma a EMRC como uma disciplina distinta das outras, clarificando o que é específico dela através da definição das suas finalidades.

---

<sup>56</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral para a Catequese*, 73.

<sup>57</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica - Um valioso contributo para a formação da personalidade”, 8.

Por sua vez, é na edição de 2007 do Programa de EMRC, que verificamos uma clara distinção da Catequese na definição dos objetivos e conteúdos temáticos<sup>58</sup>. Na edição de 2014, verificamos uma clara distinção da Catequese na definição das metas curriculares, finalidades e missão da EMRC no contexto escolar<sup>59</sup>. Esta última edição do Programa de EMRC destaca bem a dimensão religiosa, que surge sempre em primeiro lugar, não secundarizando a dimensão ético-moral, evidenciando que a nossa chave de leitura e especificidade é o cristianismo católico<sup>60</sup>.

### **2.1.2. Uma relação de distinção e de complementaridade**

A disciplina de EMRC, como possível concretização da ERE<sup>61</sup>, distingue-se, logo à partida, da Catequese no seu programa e nas suas finalidades. Nesta disciplina, por exemplo, procura-se uma abordagem crítica e sistemática de valores integrantes no desenvolvimento da pessoa e da sua própria participação na construção da sociedade. Enquanto na escola a EMRC ensina a ser crítico perante as experiências e realidades de cada um, a Catequese faz a iniciação aos ritos litúrgicos, às celebrações ou experiências espirituais comunitárias e aprofunda uma relação íntima com Deus. Cada uma delas tem um método, conteúdos e finalidades distintas, que não se podem substituir na formação das crianças e jovens.

De uma forma equilibrada a EMRC e a Catequese também são complementares uma à outra. Cada uma no seu espaço provoca no seu destinatário ao conhecimento ou à experiência de fé, respetivamente. O catequizando na EMRC reforça os seus conhecimentos apreendidos na Catequese levando consigo o seu agir de crente e o aluno na Catequese leva o seu

---

<sup>58</sup> Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2007, 29-35.

<sup>59</sup> Cf. SNEC, *Programa de EMRC*, 2014, 3-10.

<sup>60</sup> Cf. Juan AMBROSIO, *Identidade e Finalidades da Disciplina de EMRC*, 40.

<sup>61</sup> Já afirmamos que o ERE pode ter vários perfis e que a EMRC é uma das suas possíveis concretizações.

conhecimento mais científico procurando associar conceitos ao aprofundamento, à vivência da sua própria fé.

### 2.1.2.1. Distinção entre a EMRC e a Catequese

De modo a facilitar a compreensão desta distinção, apresentamos quadros comparativos<sup>62</sup> entre a ERE e a Catequese, seguidos de uma análise dos mesmos<sup>63</sup>.

	ERE	CATEQUESE
ESPAÇO	Escola (comunidade escolar)	Igreja (comunidade cristã)
DESTINATÁRIO	Aluno (crente e não crente)	Catequizando (crente)
EDUCADOR	Professor (comunidade educativa)	Catequista (comunidade crente)

Quadro 1

A partir deste quadro, podemos imediatamente constatar três aspetos distintivos importantes. No primeiro, verifica-se que o lugar sociológico da EMRC é a escola, onde alunos, professores e funcionários, em grupos mais ou menos alargados, estabelecem relações de índole pedagógica, curricular e académica. Na Catequese, é na Igreja ou no interior de uma comunidade cristã onde os crentes formam uma família unida pela mesma fé em Jesus Cristo. Segundo o DGC, as igrejas particulares constituem a comunidade cristã de referência. Esta mesma comunidade faz-se próxima e visível na rica variedade das comunidades cristãs imediatas, nas quais os cristãos nascem para a fé, e nela vivem: a família, a paróquia, as associações e movimentos cristãos, as comunidades eclesiais de base. Estes são os lugares da

<sup>62</sup> Seguiremos a proposta feita por Rafael Artacho López, *La enseñanza escolar de la religión. Desarrollo cognitivo y currículum de ERE*, PPC, Madrid 1989, citado por Juan Ambrosio, *Distinção entre EMRC e Catequese*, texto não publicado para uso dos alunos para a disciplina de Didática Específica de EMRC, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2017, 1. A partir daqui citaremos apenas Juan Ambrosio, *Distinção entre EMRC e Catequese*.

<sup>63</sup> É de referir que alguns quadros propostos para análise são da autoria de Juan Ambrosio mas que sofreram alterações para uma melhor legibilidade dos mesmos enquadrados neste trabalho.

catequese, isto é, os espaços comunitários nos quais a catequese de iniciação e a educação permanente na fé são realizadas<sup>64</sup>.

No segundo aspeto, os destinatários poderão ser ou não os mesmos, ou seja, o aluno pode ser crente ou não crente, enquanto o catequizando será sempre olhado como crente. O aluno, na EMRC, incorpora o fenómeno religioso na sua formação, seja crente da confissão religiosa em que se está a lecionar, seja crente de outra confissão, ou seja ele até não crente. Para o aluno, a fé não é um pré-requisito na dinâmica da aula de EMRC, porque, antes de ser crente ou não crente, é aluno. Para a Catequese, o destinatário é o crente, o cristão de qualquer idade que inicia ou aprofunda a sua fé no seio de uma comunidade eclesial, que se encontra numa dinâmica de adesão à fé cristã, mas também “tanto pode ser rico ou pobre, são ou enfermo, próximo ou distante, judeu ou gentio, homem ou mulher, justo ou pecador, povo ou autoridade, indivíduos ou grupos”<sup>65</sup>.

O educador, neste terceiro aspeto, na disciplina de EMRC, é o professor. Ao professor, no seu perfil geral, requer-se que contemple quatro dimensões: dimensão profissional, ética e social; dimensão do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade e a dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da sua vida<sup>66</sup>.

Ao professor de EMRC, no seu perfil mais específico, exigem-se, em íntima relação, também estas outras dimensões: uma personalidade humana (equilíbrio humano, maturidade, facilidade de estabelecer relações interpessoais, sensibilidade à problemática sociocultural, abertura de espírito universal e postura cívica e ética); uma personalidade docente (propensão para a educação e o ensino, aptidão científica - teológica, didática e pedagógica e profissional, compromisso na aquisição de formação permanente, disponibilidade para assumir responsabilidades na comunidade educativa, abertura ao estabelecimento de redes com as

---

<sup>64</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral para a Catequese*, 163.

<sup>65</sup> *Ibidem*, 163, 171 e 174.

<sup>66</sup> Cf. Juan TEDESCO, *O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 1999, 17-19.

famílias e a comunidade envolvente; e uma personalidade crente (fé comprometida, testemunho de coerência e integridade de vida, clareza e objetividade na transmissão da fé e da doutrina da Igreja, capacidade para criar nos alunos abertura à dimensão religiosa e à busca de opções pessoais, capacidade para ajudar a amadurecer nos alunos as interrogações de sentido para a vida)<sup>67</sup>.

O catequista, por sua vez, é, intrinsecamente, um mediador que facilita a comunicação entre os seus catequizandos e o mistério de Deus, e destes entre si e com a comunidade crente. Por isso, deve empenhar-se, a fim de que a sua visão cultural, condição social e estilo de vida não representem um obstáculo ao caminho da fé, criando, pelo contrário, as condições mais apropriadas para que a mensagem cristã seja procurada, acolhida e aprofundada. O catequista deve procurar a relação pessoal com o destinatário da catequese e esta relação é fruto da paixão educativa, da engenhosa criatividade e, ao mesmo tempo, de máximo respeito pela liberdade e amadurecimento do catequizando<sup>68</sup>.

O catequista, sendo ele crente, não se esquece que a adesão crente das crianças é fruto da graça e da liberdade do Espírito Santo, não deixando de realizar um dos mais preciosos serviços da ação catequética: ajuda os destinatários da catequese a distinguirem a vocação para a qual Deus os chama<sup>69</sup>.

	<b>ERE</b>	<b>CATEQUESE</b>
<b>FINALIDADE PESSOAL</b>	Construção da identidade pessoal e do projeto de vida, a partir da dimensão religiosa.	Construção da identidade cristã a partir do aprofundamento e da adesão à fé.
<b>FINALIDADE SOCIAL</b>	Edificação da comunidade humana. Inserção na comunidade humana.	Edificação da comunidade cristã. Inserção na comunidade cristã.

Quadro 2

<sup>67</sup> Cf. Tomaz da Silva NUNES, “O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”, in *Fórum de EMRC*, SNEC, Lisboa, 2005, 93.

<sup>68</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral para a Catequese*, 156.

<sup>69</sup> Cf. *Ibidem*.

Neste quadro dois, compreendemos, também, duas finalidades bem distintas, a pessoal e a social. Enquanto na pessoal a EMRC procura construir uma identidade pessoal do aluno a partir da dimensão religiosa, na Catequese pretende-se que o catequizando construa a sua identidade com base na sua adesão à fé cristã. Da mesma forma que, na social, a EMRC procura que o aluno participe ativamente na comunidade humana, a Catequese procura que o catequizando participe ativamente na comunidade crente.

	<b>ERE</b>	<b>CATEQUESE</b>
<b>CONTEÚDOS</b>	O fenómeno religioso como 'produto' de cultura e como processo de leitura da cultura e de construção do conhecimento.	A experiência pessoal de Deus como revelação de Deus na vida, na história, na sociedade.
<b>MÉTODO</b>	Escolar (trabalha com os alunos conteúdos para seu conhecimento e utilização).	Catequético (apresenta ao catequizando os conteúdos como revelação de Deus para ele, e como experiência de salvação).

Quadro 3

No quadro três, verificamos uma distinção mais clara nos conteúdos e no método. Enquanto os conteúdos da EMRC se situam dentro de um processo escolar e, como tal, a sua sistematização faz-se a partir da visão ética e cultural, na Catequese trabalham-se, aprendem-se e transmitem-se, a partir da experiência religiosa inculturada. Enquanto alguns conteúdos da EMRC resultam de experiências pessoais, familiares e sociais, na Catequese provêm do conhecimento da Bíblia e das "verdades da fé" e da beleza da (s) celebração (ões) da fé e da vida. Enquanto a EMRC se debruça sobre o fenómeno religioso nas suas diversas expressões e manifestações, o objeto da Catequese encontra-se na Bíblia, Palavra de Deus, na tradição da Igreja e no Credo. Enquanto a EMRC se debruça sobre a especificidade do cristianismo e da Igreja católica, a Catequese ensina a "adorar Deus em espírito e verdade". Finalmente, enquanto a EMRC proporciona uma (re) leitura cristã das experiências significativas do viver

humano procurando ser portadora de sentido, ajudando no discernimento por opções livres e responsáveis, a Catequese apresenta os conteúdos como revelação de Deus para ele, e como experiência de salvação.

O método com que são trabalhados os conteúdos acentua também essa distinção. Não é, de todo, o mesmo olhar para um conteúdo do ponto de vista cultural, ou do ponto de vista estritamente revelacional. Metodologicamente, na EMRC verificamos uma empatia cultural com as mediações de forma hermenêutica e cognitivo-desenvolvimentista, enquanto na Catequese verificamos os processos de relação com a divindade, seja na participação religiosa, seja na ação moral.

	<b>ERE</b>	<b>CATEQUESE</b>
<b>ABORDAGEM BÍBLICA</b>	O texto que os crentes consideram ser a “Palavra de Deus”.	A Bíblia é Palavra de Deus dirigida ao catequizando. Interpelando-o a determinadas ações e atitudes.
<b>ABORDAGEM LITÚRGICA</b>	Procura-se dar a compreender aos alunos o significado das celebrações para os cristãos. Porquê celebram? Para quê celebram?	Os catequizandos são iniciados e participam nas celebrações litúrgicas da comunidade
<b>ABORDAGEM MORAL</b>	Apresentam-se o significado das normas e critérios morais para os cristãos. Propõe-se essas normas e critérios como contributo para a edificação da sociedade.	As normas e os critérios morais são apresentados na sua fundamentação divina. Seguir essas normas e critérios incorporando-as na existência é uma 'chave' para avaliar e viver a fé
<b>ABORDAGEM DOUTRINAL</b>	A doutrina é apresentada aos alunos de maneira que eles possam compreender o seu significado e as implicações que daí podem advir para a vida dos cristãos. Procura-se compreender o seu impacto na história da humanidade e que contributo poderá continuar a ter.	A doutrina é apresentada a partir do seu fundamento divino e ela deve ser integrada na experiência do catequizando, servindo de critério para que estes formulem os juízos e desenvolvam a reflexão. A doutrina corresponde e fundamenta a experiência de fé do catequizando.
<b>ABORDAGEM PEDAGÓGICA</b>	De proposta e de indagação, convidando à compreensão e à ação.	De implicação, requerendo a participação assumida e comprometida.

Quadro 4

Neste último quadro poderemos compreender que, apesar dos conteúdos, em algumas situações, serem praticamente os mesmos, a abordagem é completamente diferente. O que se pretende na EMRC, por exemplo, da abordagem bíblica é distinta do pretendido na Catequese. A EMRC considera a Bíblia como o texto que os crentes consideram ser a “Palavra de Deus” e para a Catequese é Palavra de Deus dirigida ao catequizando, interpelando-o a determinadas ações e atitudes.

Depois desta sucinta análise de quadros comparativos, podemos concluir que o ERE, no nosso caso a EMRC e a Catequese, são bem distintos nos mais variados níveis. Claro que entre esta e a catequese existem pontos de contacto fortes e evidentes, mas o percurso proposto e os seus objetivos são inconfundíveis.

Verificamos que a Catequese tem como objetivo explícito a educação da fé e o amadurecimento na participação comprometida na vida da comunidade eclesial. Ao catequizando é requerido que seja discípulo de Cristo, que pertença à comunidade viva, assumindo a sua missão evangelizadora. É por isto mesmo que na Catequese se procede ao ensino da doutrina e moral cristã, celebrando-se, vivenciando a fé, através da participação nas celebrações da comunidade cristã. Como cristão, o catequizando é impulsionado a construir uma nova sociedade, uma nova história humana.

A EMRC, por sua vez, pretende trabalhar e desenvolver nos alunos a sua dimensão religiosa, constitutiva das dimensões da condição humana, de modo a possibilitar uma leitura e uma construção da sua identidade e do seu projeto de vida. A EMRC não tem como objetivo o amadurecimento e a educação na fé, como é próprio da Catequese, mas poderá eventualmente acontecer que os alunos crentes encontrem mais razões para o aprofundamento da sua fé.

### 2.1.2.2. Complementaridade entre a EMRC e a Catequese

Para o DGC, tanto a Catequese como o ERE têm a sua fonte no ministério da Palavra de Deus. Desta fundamental relação nasce o nexo indivisível<sup>70</sup> que permanece para além da distinção que as caracteriza, construindo-se uma relação fundamental: a da complementaridade na especificidade de cada uma. Na definição do carácter próprio do ERE, o DGC afirma que o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de relacionar-se com outras formas do saber, torna presente o Evangelho no processo pessoal de assimilação, sistemática e crítica, da cultura<sup>71</sup>. A complementaridade assume, deste modo, à semelhança da própria natureza da Igreja que, por um lado tem uma dimensão humana e, por outro, uma dimensão espiritual, uma comunidade divina e uma comunidade humana<sup>72</sup>.

Diz o DGC que a finalidade do ERE consiste em tornar presente o Evangelho, conjugando este com a cultura, Boa Nova com o homem novo a construir. Exige que o ERE mantenha esta relação de fundamentação com o conteúdo da mensagem cristã, como, por exemplo, no ensino-aprendizagem sobre a origem do mundo, do sentido da história, do fundamento dos valores éticos, do destino do homem e da relação com a natureza e com os outros irmãos<sup>73</sup>.

Para reforçar esta ideia de complementaridade entre o ERE e a Catequese, o Papa Paulo VI, na EN, faz referência ao ERE como lugar de evangelização, da mesma forma que a Catequese. Assim, como o espaço eclesial, também a escola será lugar de educação cristã, assumindo-se como portadora de uma “boa notícia” transformadora e libertadora, seja para o agir pessoal, seja para a ação social e comunitária. São, portanto, duas formas de evangelização:

---

<sup>70</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO *Diretório Geral para a Catequese*, 73.

<sup>71</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>72</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et spes*, in *Documentos do Concílio Vaticano II : constituições, decretos, declarações e mensagens conciliares*, Gráfica de Coimbra, 2014, 40.

<sup>73</sup> Cf. *Ibidem*, 75-76.

“Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade: "Eis que faço de novo todas as coisas"”<sup>74</sup>.

Apesar das dificuldades, afirma ainda a EN, este anúncio, na escola e na comunidade eclesial, está a ser, entre outros, a presença amiga e libertadora de um Deus que ama e salva e estimula os educandos a assumirem, na vida, o compromisso que a sociedade e a Igreja lhes pedem no serviço aos outros. O ERE e a Catequese são duas ações da Igreja que propõe, oferece e possibilita a salvação, dom de Deus, objetivada em sinais, Palavra e gestos proféticos<sup>75</sup>.

A Catequese pressupõe sempre uma caminhada de aprofundamento da fé, em que gerado no batismo, o cristão deve, por iniciativa própria e/ou de seus pais, dar um passo em frente na tentativa de perceber o grandioso mistério do Deus amor em nós. Não deverá, jamais, ser um fardo imposto pelo peso exclusivo de tradições, por vezes incompreendidas, mas uma adesão pessoal e dialógica, concebida e potenciada no seio familiar<sup>76</sup>. A EMRC brota desta evangelização da Igreja que, ao mesmo tempo que propõe as verdades da fé pelo anúncio da Palavra, propõe os fundamentos e os conteúdos da moral cristã, anuncia a beleza da verdade, a força libertadora do Amor de Deus, tanto pela Palavra como pela vida santa de muitos daqueles que constituem o Povo de Deus.

Segundo o Guia do Catequista do 6º ano, é também na escola que a criança pode iniciar-se na missão, com os colegas e amigos, pondo em prática as propostas de vida que Jesus lhe faz na Catequese. Estudar é importante, apreciar o trabalho como um valor, respeitar as pessoas como uma proposta crucial no modo de se viver na escola. E, por outro lado, alguns conteúdos da fé e as atitudes cristãs são explicitamente trabalhados na escola através da EMRC, que constitui, para aqueles que escolhem a disciplina, uma oportunidade de criar um

---

<sup>74</sup> Cf. PAULO VI, Exortação apostólica *Evangelii nunciandi*, Paulus Editora, 2014, 18.

<sup>75</sup> Cf. *Ibidem*, 44.

<sup>76</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral para a Catequese*, 24-25.

primeiro acervo de conhecimentos e de conceitos religiosos que a catequese deve aprofundar, vivenciar e expressar<sup>77</sup>.

A disciplina de EMRC é também complementaridade da Catequese, de forma que a fé vivida numa comunidade não se alheia do processo educativo. Isto é, o cristão quando ingressa na escola, não pode, ou não deve, deixar à porta os princípios que regem a sua vida. Na escola, o aluno católico tem espaço para participar ativamente no testemunho da sua fé, no ministério da Palavra. Da Catequese para a EMRC, levamos o nosso sentir e agir de crentes em formação contínua para o meio do mundo onde existimos e nos movemos. Da EMRC para a Catequese levamos o nosso discernir em moldes mais científicos e articuláveis, procurando associar os conceitos, que não são antagónicos, de fé, cultura e razão.

Muito recentemente, em Maio de 2017 a Carta Pastoral «Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo», da autoria da CEP apela à necessidade de haver uma colaboração estreita entre os responsáveis pelas comunidades cristãs dos alunos e seus docentes:

“Tratando-se de crianças e jovens adolescentes em idade escolar, são, antes de mais, os docentes de Educação Moral e Religiosa Católica. Uma disciplina que, sem deixar «a sua característica peculiar», visa, contudo e como a catequese, dar a conhecer «a pessoa de Jesus Cristo e a totalidade do anúncio salvífico por Ele proclamado». Mais: para alunos não crentes, pode ser até um anúncio missionário do Evangelho, em ordem a uma decisão de fé que a catequese, por seu lado, em contexto comunitário, fará depois crescer e amadurecer”<sup>78</sup>.

Neste documento, a CEP considera em primeiro lugar, também os docentes de EMRC como mediadores do encontro com Jesus Cristo e afirma depois que a disciplina de EMRC deverá dar a conhecer a pessoa de Jesus Cristo “como” a Catequese, pondo em causa, nesta última afirmação, tudo o que foi desenvolvido nos documentos anteriores acerca da identidade da EMRC e clarificação da relação entre a EMRC e a Catequese.

---

<sup>77</sup> Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Guia do Catecismo do 6º Ano*, SNEC, 2012, p. 25. A partir daqui citarei apenas: SNEC, *Guia do Catecismo do 6º Ano*.

<sup>78</sup> SECRETARIADO GERAL DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa – Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo*, Gráfica Almondina, Torres Novas, 2017, 46-47.

Deste modo, poderemos recapitular algumas considerações sobre o que deverá ser a complementaridade entre a EMRC e Catequese:

Pode dizer-se que a EMRC e a Catequese devem ser complementares, ainda que de formas bem distintas. Ambas contribuem para a edificação do seu destinatário e ambas o interpelam a construir uma nova sociedade, ainda que de maneiras diferentes, próprias de cada uma.

O facto do crente, neste caso, do cristão, participar na Catequese não constitui razões para a sua exclusão das aulas de EMRC, até pelo contrário, já que são áreas complementares, no que concerne à contribuição para o crescimento e amadurecimento dos crentes. Os alunos que frequentam a EMRC, por sua vez, não estão obrigados a participarem na Catequese, no entanto, essa participação poderá intervir na descoberta da importância da dimensão religiosa nas suas vidas e na visão do cristianismo como uma forma de viver e concretizar essa dimensão. Posteriormente, poderão participar na Catequese para ajudar a amadurecer e crescer nessa opção livre.

Compreendemos, assim, que a EMRC e a Catequese assentam na complementaridade e distinção simultâneas porque realizam a missão da comunidade cristã, que tem como objetivo, não só a sua edificação, mas também a edificação da sociedade, de modo a que esta possa ajudar o ser humano a desenvolver-se e a realizar-se.

É nosso propósito verificar como se concretiza essa relação de complementaridade e distinção nos livros de apoio da EMRC e da Catequese do 6º ano a fim de fundamentar as questões anteriormente levantadas no primeiro capítulo deste trabalho.

## **2.2. ANÁLISE DOS OBJETIVOS E CONTEÚDOS DA EMRC E DA CATEQUESE**

Depois de elucidada a relação da disciplina de EMRC com a Catequese, faz-se agora a apresentação e análise crítica das metas, objetivos e conteúdos do Programa de EMRC do 6º ano para a UL 2 *Jesus, um Homem para os outros* e das metas e objetivos do GC para a Catequese do 6º ano *Creio em Jesus Cristo*.

No último ponto, faremos a análise comparativa da concretização dos objetivos e conteúdos do Programa de EMRC do 6º ano para a UL 2 *Jesus, um Homem para os outros* no Manual de EMRC do 6º ano de escolaridade e dos objetivos do GC para a Catequese do 6º ano *Creio em Jesus Cristo* no catecismo do 6º ano da Catequese.

### **2.2.1. Análise comparativa do Programa de EMRC e do GC para a Catequese**

Os docentes de EMRC têm a sua base na edição de 2014 do Programa de EMRC. Nesta edição, as finalidades da disciplina, apresentadas pela CEP em 2006, foram organizadas com melhor clarividência. A partir delas são definidas as metas curriculares de acordo com o Despacho 5306/2012 de 18 de abril, referência fundamental para todas as disciplinas de ensino. É a partir deste programa que os manuais são revistos e aperfeiçoados de forma a serem mais adequados à realidade escolar. Este programa é, acima de tudo, um instrumento que “favorece a conquista diária da proficiência pedagógica a que cada docente é, quotidianamente, chamado, fazendo deste um gestor da circunstância educativa em que deve agir”<sup>79</sup>. E para ser um bom gestor é necessário conhecer o programa em profundidade de forma a distribuir as propostas de aprendizagem de acordo com as necessidades e as realidades pessoais e escolares dos alunos. O docente é, assim, convidado a conhecer e a

---

<sup>79</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 2014, VII.

aprofundar as finalidades da disciplina, nas quais definem o que se pretende que o aluno adquira, cumprindo com uma ordenação sequencial e hierárquica das metas curriculares e objetivos programáticos, articulando-se em torno de um conjunto de conteúdos. Desta forma, é premente analisar as metas, os objetivos e os conteúdos programáticos porque é através deles que o docente realiza a planificação para a lecionação das aulas.

Por sua vez, a Catequese do 6º ano está inserida na 2ª Etapa (A vida da fé) do Programa da Catequese de Iniciação da Infância e Adolescência. Esta etapa contempla os 4º, 5º e 6º anos e, de acordo com as características próprias dos catequizandos, é dedicada à primeira síntese da fé cristã “ser cristão é seguir Jesus e viver à maneira da comunhão trinitária”<sup>80</sup>.

Para a preparação das catequese, os catequistas têm como fundamental apoio o GC para cada ano da Catequese, pois este “é um instrumento pedagógico insubstituível, pois contém todas as indicações práticas necessárias à preparação e implementação da catequese”<sup>81</sup>. E como tal, o catequista deve analisar os objetivos, para ficar a conhecer, com clareza, as metas a atingir. No V ponto da sua Introdução, o GC refere as opções pedagógicas para a Catequese do 6º ano, através de metas pedagógicas, conteúdos e objetivos gerais.

### **2.2.1.1. Análise comparativa das metas**

Para o Ministério da Educação e Ciência, as metas estabelecem aquilo que pode ser considerado como a aprendizagem essencial a realizar pelos alunos, em cada um dos anos de escolaridade. Constituindo um referencial para professores e encarregados de educação, as metas ajudam a encontrar os meios necessários para que os alunos desenvolvam as capacidades e adquiram os conhecimentos indispensáveis ao prosseguimento dos seus estudos

---

<sup>80</sup> SNEC, *Guia do Catecismo do 6º Ano*, 8.

<sup>81</sup> *Ibidem*, 42.

e às necessidades da sociedade atual<sup>82</sup>. Tendo em conta as finalidades das metas, comparemos o seguinte quadro, para que se perceba o que se pretende para a EMRC e a Catequese, respetivamente:

METAS EMRC 6º ANO UL 2 <sup>83</sup>	METAS CATEQUESE 6º ANO <sup>84</sup>
<ul style="list-style-type: none"> <li>– Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo;</li> <li>– Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso;</li> <li>– Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história;</li> <li>– Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Descobrir que Jesus Cristo está no centro da história da salvação;</li> <li>– Compreender que Jesus é o Filho de Deus que veio ao mundo mostrar como é Deus e qual o seu plano para dar Vida aos seus filhos e filhas;</li> <li>– Encontrar-se com Jesus, com a Verdade que comunica, o Caminho que propõe e a Vida que oferece;</li> <li>– Deixar que o encontro com o mistério de Jesus promova o nascimento do amor, a caridade cada vez mais perfeita que significa a adesão à proposta que Ele faz;</li> <li>– Transformar-se em discípulo de Jesus, convertido e capaz de O testemunhar.</li> </ul>

Quadro 5

As metas da Catequese e da EMRC são bem distintas umas das outras. Antes de mais, verificamos que os verbos utilizados nas metas de EMRC: “identificar”, “reconhecer” e “construir” indicam um processo de conhecimentos e capacidades essenciais que o aluno deve adquirir, próprias de uma disciplina. Por sua vez, os verbos utilizados nas metas para a Catequese: “descobrir”, “compreender”, “encontrar-se”, “deixar” e “transformar-se” indicam um processo de conversão e adesão a Jesus Cristo pelos seus destinatários<sup>85</sup>.

Os conteúdos são, de facto, os mesmos, mas a abordagem é significativamente diferente. A EMRC procura identificar Jesus como o núcleo central do cristianismo, e o reconhecimento da importância de Jesus no mundo artístico, como a sua proposta do agir

<sup>82</sup> Cf. Despacho n.º 5306/2012, de 18/Abril.

<sup>83</sup> Cf. SNEC, *Programa de EMRC*, 2014, 66.

<sup>84</sup> Cf. SNEC, *Guia do Catecismo do 6º Ano*, 27.

<sup>85</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral para a Catequese*, 56.

ético. Na Catequese faz-se a descoberta de Jesus, compreende-se que Ele é o Filho de Deus, o encontro com Ele faz-se na adesão à sua mensagem, culminando na conversão e transformação em Seu discípulo.

### **2.2.1.2. Análise comparativa dos objetivos**

Segundo o Programa de EMRC, a definição dos objetivos, neste caso programáticos, porque se esperam da lecionação de determinados conteúdos, permite delimitar o comportamento que o aluno deverá adquirir e aquilo que o professor aceitará como prova de aprendizagem<sup>86</sup>. Esta conceção de objetivos favorece a aprendizagem e a autonomização progressiva dos alunos.

Para o Guia do Catequista, os objetivos devem ser bem analisados, para que se fique a conhecer, com clareza, as metas a atingir, porque educar ao acaso, sem rumo definido, não leva a qualquer porto. A compreensão dos objetivos é essencial para que o catequista se possa situar nas tarefas a desenvolver. Compreendê-los torna toda a transmissão da catequese substancialmente mais entendível<sup>87</sup>.

Diferentemente das metas propostas pelo programa de EMRC e GC, os objetivos e conteúdos da EMRC, em comparação com os objetivos dos encontros da Catequese, registam uma clara e acentuada repetição. Observemos em pormenor os quadros seguintes, nos quais os objetivos e conteúdos da EMRC serão expostos na sua totalidade em comparação com uma pequena seleção de objetivos da Catequese importantes para esta análise.

---

<sup>86</sup> Cf. SNEC, *Programa de EMRC*, 2014, 9.

<sup>87</sup> Cf. SNEC, *Guia do Catecismo do 6º Ano*, 42.

a) **Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã**

OBJETIVO DA EMRC		OBJETIVOS DA CATEQUESE
1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã:		Destacámos os seguintes objetivos da Catequese para os encontros: 1,2, 10,11,12 e 8.
C O N T E Ú D O S D A E M R C	<p><u>Quem é Jesus de Nazaré?</u></p> <p>- Jesus, o Profeta de Deus, o Mestre e o Messias (Cristo). O Filho de Deus;</p> <p>- O anúncio do Reino de Deus: a vitória definitiva do bem, da justiça, da verdade, do amor.</p>	(1) Situar e enquadrar Jesus Cristo no contexto do plano de salvação que Deus tem para a humanidade; Descobrir que Jesus Cristo está no centro e é o acontecimento mais decisivo da história da salvação.
		(2) Contactar com os “títulos” de Jesus que frequentemente encontramos na liturgia, na catequese e na Palavra de Deus; Despertar para o conhecimento da pessoa de Jesus.
		(10) Descobrir o tema central da pregação de Jesus: o Reino de Deus; Perceber o que é que Jesus queria ao anunciar o Reino de Deus; Sentir vontade de se empenhar na construção do Reino de Deus.
		(11) Descobrir, através das parábolas de Jesus, a proposta do Reino; Perceber e assumir os valores do Reino.
		(12) Descobrir, através dos gestos “curadores” de Jesus, a proposta do Reino; Descobrir a sua responsabilidade na construção do Reino; Assumir atitudes de aceitação e de amor para com todos os que vivem na sua comunidade: os idosos, as pessoas com deficiência...
	<p><u>O nascimento de Jesus marcou a história:</u></p> <p>- A arte celebra o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus;</p>	(8) Ver no nascimento de Jesus o passo supremo de Deus para vir ao nosso encontro e oferecer-nos uma proposta de salvação e de Vida verdadeira; Sentir vontade de acolher Jesus e de aceitar a proposta de vida que Ele traz.

Quadro 6

Através do quadro 6, compreendemos que os mesmos conteúdos propostos pelo Programa de EMRC para o primeiro objetivo são abordados amplamente pelo GC para os encontros da Catequese. Verificamos que o objetivo “Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã” não estará em desacordo com as finalidades, já

que este apresenta uma linguagem muito específica daquilo que se pretende com a disciplina de EMRC: solicita-se que o aluno apenas reconheça Jesus como o centro do cristianismo. Em relação aos seus conteúdos, observamos que estes estão mais inseridos num contexto da fé, da Catequese, do que de um contexto escolar, de uma disciplina específica. Logo no primeiro conteúdo “Quem é Jesus de Nazaré?”, é estabelecida a ligação de Jesus ao “Messias”, ao “Filho de Deus” e a referência ao anúncio “Reino de Deus” como a vitória definitiva do bem, da justiça, da verdade, do amor, próprios dos conteúdos da Catequese, onde o catequisando é confrontado com a Revelação de Deus: Jesus é o Messias, o Salvador prometido por Deus no Antigo Testamento. Na Catequese, os “títulos” de Jesus são amplamente trabalhados, o que nos faz concluir que o primeiro conteúdo é uma síntese deste encontro da Catequese.

Mais evidente será o segundo ponto deste primeiro conteúdo. Para a EMRC “o anúncio do Reino de Deus: vitória definitiva do bem, da justiça, da verdade, do amor” parece-nos formulado numa perspetiva demasiado catequética, numa linha mais orientada para a educação na fé, mais até do que alguns objetivos para alguns encontros da própria Catequese. Ainda neste conteúdo, assistimos também à síntese de vários encontros da Catequese, pelo menos três, em que se aborda o Reino de Deus como tema central da pregação de Jesus.

O segundo conteúdo do primeiro objetivo “O nascimento de Jesus marcou a história” evidencia-se como um conteúdo mais próprio de uma disciplina como a EMRC, onde se pretende conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso, influenciado pelo acontecimento do nascimento de Jesus. Verificamos, também, que o segundo ponto onde a EMRC desenvolve a temática do calendário gregoriano “O calendário usado entre nós tem como ponto de referência o nascimento de Jesus” não é sequer referido nos objetivos do Guia do Catequista.

De um modo geral, pode afirmar-se que o primeiro conteúdo do primeiro objetivo da EMRC para a UL 2 *Jesus, um Homem para os outros* é mais do que complementar à Catequese, acabando por tratar-se de uma síntese dos objetivos desta. O segundo conteúdo do

primeiro objetivo é claramente distinto, embora seja também complementar à Catequese, respeitando, assim, as metas e finalidades da disciplina.

**b) Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã**

OBJETIVO DA EMRC	OBJETIVOS DA CATEQUESE
<p><b>2.</b> Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã.</p>	<p>Destacámos os seguintes objetivos da Catequese para os encontros: 4, 11, 12, 15, 7, 14.</p>
<p><u>Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura:</u></p> <p><b>C</b> - A confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa: Lc 12, 22-32;</p> <p><b>O</b> - Contra a exclusão, a inclusão no amor de Deus: inclusão dos marginalizados, dos pobres, dos doentes: Lc 15,1-2;</p> <p><b>N</b> - A revolução do coração humano: viver centrado no amor ao próximo (próximo é todo o que precisa de mim, independentemente da sua origem ou identidade): Lc 10,25-37;</p> <p><b>T</b> - O perdão de Deus e a necessidade de arrependimento: Lc 7,36-50;</p> <p><b>E</b> - Uma religião que brota de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade, e não uma religião do culto exterior: Lc 18, 9-14.</p> <p><b>Ú</b> - É mais importante ser do que ter.</p>	<p><b>(4)</b> Compreender melhor a mensagem proposta por Jesus; Entender Jesus como homem plenamente enquadrado na sociedade do seu tempo, que conhecia a “vida” e as preocupações dos seus concidadãos, mas que tinha uma proposta nova, capaz de responder às preocupações e inquietações dos homens, seus irmãos.</p> <p><b>(11)</b> Descobrir, através das parábolas de Jesus, a proposta do Reino; Perceber e assumir os valores do Reino; Aprofundar o seu conhecimento e a sua paixão por Jesus e a sua proposta.</p> <p><b>(12)</b> Assumir atitudes de aceitação e de amor para com todos os que vivem na sua comunidade: os idosos, as pessoas com deficiência...</p> <p><b>(15)</b> Perceber o mandamento fundamental de Jesus: o mandamento do amor; Verificar a centralidade do amor no projeto do Reino.</p> <p><b>(7)</b> Conhecer João Batista, o profeta que Deus escolheu e enviou para ajudar os homens a preparar a chegada de Jesus; Acolher e interiorizar o desafio da conversão.</p> <p><b>(14)</b> Descobrir o valor e a importância de “falar” com Deus; Aprender, com Jesus, a rezar; Perceber e descobrir a beleza da mais bela das orações: o Pai Nosso.</p>

Quadro 7

Em relação ao segundo objetivo da EMRC para a UL 2, no quadro 7, “Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã” quando comparado com os objetivos da Catequese, é simples reconhecer que o mesmo se sucede com o primeiro conteúdo do primeiro objetivo. Ao longo de seis catequeses, pelo menos, é desenvolvido o único conteúdo da EMRC para este objetivo “Jesus legamos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura”. Parece-nos que a relação de Deus à misericórdia pura estará novamente no campo da educação da fé. É certo que é Jesus que nos transmite uma nova “imagem” de Deus, diferente daquela que é aceita pela religião judaica, mas, ao afirmar que Deus é misericórdia pura, sugere ao discente a aceitação de uma fé, própria do cristianismo.

A Catequese propõe “Descobrir, através das parábolas de Jesus, a proposta do Reino” e a EMRC, por sua vez, propõe a exploração da Parábola do Bom Samaritano para entender “A revolução do coração humano: viver centrado no amor ao próximo”, dando-nos a entender que a EMRC, nesta temática, seleciona apenas uma parábola para abordar a mensagem implícita sobre a instauração do Reino de Deus abordada pela Catequese, ou seja, a metodologia da EMRC é a mesma da Catequese, apesar que na EMRC seja mais limitada.

Ainda neste conteúdo, e não menos importante, é abordada a confiança em Deus, o perdão de Deus e a necessidade de arrependimento. Parece-nos que estas temáticas são profundamente catequéticas, pelo menos na sua maneira de apresentar os conteúdos. Pressupõem sempre que o aluno assumirá estes conteúdos da mesma forma que na Catequese.

c) **Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, filho de Deus**

OBJETIVO DA EMRC		OBJETIVOS DA CATEQUESE
3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, filho de Deus:		Destacámos os seguintes objetivos da Catequese para os encontros: 4, 16, 17.
C O N T E Ú D O S D A E M R C	<u>A interpelação aos poderosos.</u>	(4) Conhecer o Povo do qual Jesus fazia parte e a realidade social, económica e religiosa em que Ele se moveu.
	<u>A paixão e morte de Jesus:</u>  - Mc 14,32-50: Oração no Getsemani e prisão; - Mc 14,53-65: Jesus é julgado e condenado pelo tribunal judaico; - Mc 15,1-15: Jesus é julgado e condenado à morte por Pilatos; - Mc 15,24-37: Crucificação e morte de Jesus na cruz.	(16) Situar a “última ceia” no contexto da vida de Jesus e do anúncio do Reino; Ter oportunidade de compreender mais completamente os mistérios celebrados na Semana Santa, nomeadamente da “ceia do Senhor” (Quinta-feira Santa).  (17) Reconhecer os “passos” e momentos da paixão e morte de Jesus; Entender o sentido da morte de Jesus; Situar-se no contexto litúrgico deste tempo e a viver, de forma mais sentida, as celebrações da Semana Santa.

Quadro 8

O terceiro objetivo “Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, filho de Deus”, parece-nos, logo à partida, que está a delimitar as metodologias a definir pelo docente. Podemos sempre compreender a missão de Jesus sem recorrer aos textos bíblicos, ou, recorrendo, podem sempre seleccionar-se textos de outros evangelistas, não se reduzindo apenas à opção do evangelista S. Marcos, como se pode verificar no quadro 8. A opção de relacionar, no próprio objetivo, Jesus com o filho de Deus,

poderá não ter sido a decisão mais perfeita, já que para o discente assumir que Jesus é filho de Deus, terá que, anteriormente, ter sido educado na fé. Não é isso que pretendemos da disciplina de EMRC.

Em relação ao primeiro conteúdo do terceiro objetivo “A interpelação aos poderosos”, verifica-se que este tema é tratado amplamente no encontro quatro da Catequese “O Povo de Jesus”, contextualizando Jesus no tempo e no espaço, incidindo sobre os vários grupos que diferenciavam nas opiniões sobre como viver a vida e a religião. Mais adiante, o GC também apresenta um texto de exploração e orientação para o catequista sobre “O choque com a mentalidade dominante” no encontro dezassete da Catequese<sup>88</sup>, em que caracterizam estes grupos como aqueles que recusam o Reino que Jesus propõe e consideram-no um perigoso agitador e um herege. É aqui apresentado e caracterizado mais em pormenor o grupo dos Saduceus e o grupo dos Fariseus.

Em relação ao contexto de Jesus, é importante referir que, até aqui, o programa tem incidido mais, nos seus objetivos, numa consolidação de conteúdos doutrinários, pressupondo que estes já foram trabalhados nos encontros da Catequese. Não há propriamente uma apresentação, descoberta, compreensão de *Jesus, um Homem para os outros*, como é intitulada a UL.

Pode ainda verificar-se que quatro objetivos dos encontros três e quatro da Catequese teriam também melhor enquadramento e pertinência numa disciplina como a EMRC:

“Conhecer a terra onde Jesus nasceu e viveu e entender as referências geográficas feitas pelos evangelistas; Perceber que Jesus é uma personagem real, que se encontrou com os homens num mundo real, que andou com eles por terras e caminhos que podemos identificar, conhecer e mesmo visitar; Conhecer o Povo do qual Jesus fazia parte e a realidade social, económica e religiosa em que Ele se moveu e Entender Jesus como homem plenamente enquadrado na sociedade do seu tempo, que conhecia as preocupações dos seus concidadãos, mas que tinha

---

<sup>88</sup> Cf. SNEC, *Guia do Catecismo do 6º Ano*, 275.

uma proposta nova, capaz de responder às preocupações e inquietações dos homens, seus irmãos”<sup>89</sup>.

O GC propõe ao catequisando conhecer a terra de Jesus, com as suas características geográficas muito idênticas às características das terras mediterrânicas, visitadas na atualidade por muitos crentes das religiões abraâmicas. É neste espaço físico que Jesus, homem real, se encontra com homens reais, e que vive, convive e que caminha com eles. O GC contextualiza Jesus num povo com características únicas no mundo ao qual Jesus dedica a sua vida e a sua missão.

Em relação ao segundo conteúdo do terceiro objetivo, o programa recorre aos textos bíblicos para apresentar a paixão e morte de Jesus. Compreendemos a intenção de ajudar o aluno a entender estes acontecimentos através dos textos bíblicos, mas ficamos com a impressão de que apresentar quatro textos será demasiado repetitivo para um só conteúdo.

#### **d) Reconhecer a Ressurreição de Cristo como vitória da Vida sobre a morte**

O quarto objetivo é claramente mal elaborado, assim como os seus dois conteúdos. O programa requer que o discente reconheça a Ressurreição de Jesus como vitória da Vida sobre a morte, ou seja, que assuma este acontecimento da fé cristã que Jesus retornou à vida três dias depois de morrer na cruz como acontecimento da vitória definitiva da Vida sobre a morte. Verificamos que este objetivo não é distinto nem complementar da Catequese, como demonstra o quadro 9.

---

<sup>89</sup> *Ibidem*, 79-91.

OBJETIVO DA EMRC		OBJETIVOS DA CATEQUESE
4. Reconhecer a Ressurreição de Cristo como vitória da Vida sobre a morte.		Destacámos os seguintes objetivos da Catequese para os encontros: 18, 19, 20.
C O N T E Ú D O S  D A E M R C	<u>A ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus:</u> - Jo 20,19-23: Aparição aos discípulos;  <u>Deus quer a vida e não a morte:</u> - Jo 10,10: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”.	<b>(18)</b> Descobrir o “Evangelho” da Ressurreição: Jesus, que anunciou o Reino e que as autoridades judaicas condenaram e mataram está vivo; a morte não conseguiu derrotá-lo;  Perceber que a Ressurreição de Jesus garante a verdade e a autenticidade da proposta que Ele nos veio fazer;  Compreender que a Ressurreição significa que o projeto do Reino nunca será derrotado pelas forças do pecado e da morte.
		<b>(19)</b> Descobrir que a Ressurreição de Jesus encerra um dinamismo de Vida capaz de renovar e transformar os discípulos.
		<b>(20)</b> Entender o Espírito Santo como dinamismo de Vida, que estava presente em Jesus e o conduzia na missão de anunciar o Reino de Deus;  Descobrir que esse mesmo dinamismo de Vida foi dado aos discípulos, a fim de que eles pudessem continuar a missão de Jesus, no tempo e na história;  Conhecer o papel e a importância do Espírito na vida da Igreja e dos discípulos de Jesus.

Quadro 9

Para os alunos de EMRC que frequentam a Catequese, estes conteúdos serão, antes de mais, continuidade e consolidação dos conteúdos já apreendidos anteriormente nos encontros da Catequese.

O programa deveria incidir na Ressurreição de Jesus como o centro da fé cristã e que aparece nos mais diversos elementos da tradição, como a festa da Páscoa, identificando o núcleo central do cristianismo e do catolicismo, como nos indica uma das metas definidas para esta UL.

Os conteúdos são reforçados com textos bíblicos de igual forma como o segundo conteúdo do terceiro objetivo. Para o GC, a Ressurreição de Jesus Cristo constitui o acolhimento central e definitivo da salvação dos cristãos e é desenvolvido em três encontros da Catequese. Podemos constatar aqui uma clara repetição de conteúdos e síntese dos mesmos nos dois contextos.

**e) Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano**

OBJETIVO DA EMRC		OBJETIVOS DA CATEQUESE
5. Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano:		Destacámos os seguintes objetivos da Catequese para os encontros: 21, 22, 4, 10, 11, 12, 13.
C O N T E Ú D O S  D A  E M R C	<u>Que posso fazer para viver cada vez com mais</u>	(21) Interiorizar que a Igreja é a comunidade dos discípulos que Jesus chama e reúne à sua volta, e a quem Ele dá o seu Espírito para que possam concretizar, no mundo e na história, o projeto do Reino; Perceber que, como membro efetivo do “Corpo de Cristo”, cada cristão tem uma determinada tarefa a desempenhar na vida e na missão da comunidade cristã.
	<u>qualidade e dar a vida aos outros?</u>	(22) Interrogar-se sobre o seu papel e as tarefas que é chamada a assumir no mundo e na comunidade cristã.
	<u>Devo ser capaz de:</u>	(4) Sentir vontade de se empenhar na construção do Reino de Deus.
	- Respeitar; Cuidar; Ajudar;	(10) Perceber e assumir os valores do Reino.
	Compreender; Partilhar;	(11) Descobrir a sua responsabilidade na construção do Reino; Assumir atitudes de aceitação e de amor para com todos os que vivem na sua comunidade.
	Amar.	(12) Ter vontade de assumir as atitudes propostas por Jesus nas “Bem-aventuranças”.
	(13) Perceber o mandamento fundamental de Jesus: o mandamento do amor.	

Quadro 10

Por fim, o quinto objetivo “Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano” vai ao encontro daquilo que a EMRC pretende no âmbito da participação ativa do aluno na construção do seu projeto de vida e edificação e transformação da comunidade humana, da mesma forma que Jesus fez com a sua vida na comunidade do seu tempo.

Este objetivo está bem conseguido, não só porque dá orientações específicas ao docente sobre o que o aluno deverá aprender, como também indica o caminho a seguir pelo aluno. É distinto da Catequese porque a sua finalidade é na comunidade humana enquanto a Catequese faz o mesmo trabalho, mas visando a comunidade crente.

### **2.2.2. Análise do manual do 6º ano e catecismo do 6º ano**

Na edição do Programa de EMRC de 2014, é visível a opção por uma estratégia de desenvolvimento curricular orientada por metas curriculares, definidas a partir das finalidades da disciplina de EMRC. São as metas que nos vão permitir determinar, de forma consistente, os conhecimentos e as capacidades essenciais que os alunos devem adquirir. As metas só poderão ser totalmente atingidas aquando da conclusão do percurso escolar, pelo que cada docente deve ter a preocupação de transmitir aos seus discentes os conteúdos necessários para a aquisição da totalidade dos objetivos previstos para as várias unidades letivas<sup>90</sup>. Na revisão do Programa, a UL 3 *Jesus, um Homem para os outros*, do 5º ano, é transferida para o Programa do 6º ano, passando a ser a UL 2, depois da UL 1 *A Pessoa Humana* e antes do UL 3 *A Partilha do Pão*. O Programa de EMRC foi melhorado, no entanto, o manual do 6º ano<sup>91</sup>,

---

<sup>90</sup> Cf. SNEC, *Programa de EMRC*, 2014, 16-17.

<sup>91</sup> Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Manual do 6º ano de EMRC “Conta comigo”*, SNEC, Lisboa, 2015. A partir daqui citaremos apenas: SNEC, *Manual do 6º ano de EMRC*.

que representa um importante recurso pedagógico/didático para os alunos, não sofreu grandes alterações com vista a melhorar a abordagem dos conteúdos.

Na elaboração do catecismo do 6º ano<sup>92</sup> da Catequese, o último do percurso catequético da infância, os autores demonstraram a clara preocupação de propor um modelo renovado de Catequese, que corresponda às orientações da Igreja, e, desta forma, ir ao encontro das palavras do Papa Bento XVI: “oferecer a todos os fiéis uma iniciação cristã exigente e atrativa”<sup>93</sup>.

Desta forma, partindo do manual do 6º ano de EMRC, da UL 2 *Jesus, um Homem para os outros*<sup>94</sup>, procuraremos comparar com os encontros do catecismo do 6º ano da Catequese a concretização dos conteúdos analisados no ponto anterior, nos quais se verificaram uma clara repetição dos objetivos da Catequese. Esta análise focar-se-á também nas metodologias utilizadas para a exposição destes mesmos conteúdos.

### **2.2.2.1. Quem é Jesus de Nazaré?**

O manual inicia este conteúdo correspondente ao primeiro objetivo com um título em forma de interrogação *Quem é Jesus de Nazaré?*, respondendo, de seguida, com o subtítulo *Jesus, o Messias prometido*. Para fundamentar esta resposta, refere que são os evangelistas que o afirmam, principalmente Mateus, que menciona que é em Jesus que as profecias do Antigo Testamento se realizam, a vinda do Messias enviado por Deus, que haveria de nascer em Belém, descendente do rei David<sup>95</sup>.

---

<sup>92</sup> Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Catecismo do 6º ano “Creio em Jesus Cristo”*, SNEC, 2012. A partir daqui citaremos: SNEC, *Catecismo do 6º ano*.

<sup>93</sup> SNEC, *Guia do Catecismo do 6º Ano*, 9.

<sup>94</sup> Cf. SNEC, *Manual do 6º ano de EMRC*, 49-79.

<sup>95</sup> Cf. *Ibidem*, 50.

O catecismo, dando cumprimento aos objetivos do GC, inicia o primeiro encontro da Catequese com o título *Jesus no centro da fé e da história da salvação*, recordando que primeiro foram os profetas, que, falando em nome de Deus, comunicaram aos homens as suas propostas, mas que é em Jesus, Seu Filho, que Deus nos fala claramente e diretamente. Jesus fez-se homem, alimentou-se, aprendeu a falar, como nós, no meio de nós. É Jesus que dá a conhecer o rosto e a bondade de Deus, o seu Pai. Coloca em grande destaque a frase “Jesus é o centro da história da humanidade”<sup>96</sup>.

No segundo encontro da Catequese, intitulado *Os títulos de Jesus*, o catecismo inicia com quatro citações bíblicas aludindo aos nomes de Jesus e à Sua própria identidade. Depois, faz a abordagem à pessoa de Jesus a partir da compreensão dos títulos que, quer os primeiros discípulos, quer a primitiva catequese cristã, utilizavam para “definir” Jesus. Esses títulos traduzem a compreensão que os discípulos tinham do mistério de Jesus, da sua identidade e da sua missão. O catecismo atribui os seguintes nomes a Jesus: Jesus – aquele que veio trazer ao mundo a salvação de Deus; Messias – o “ungido”, enviado para libertar o povo e construir o Reino; Filho de Deus – o Filho que Deus enviou ao encontro da humanidade; Filho do Homem – homem como nós e Deus cheio de poder e majestade; Senhor – O Deus que governa o mundo e preside à história<sup>97</sup>.

Verifica-se, através da comparação do quadro 11, que este conteúdo proposto pela disciplina de EMRC é um sumário dos dois primeiros encontros da Catequese. Observa-se também que as metodologias são idênticas, iniciando-se, em primeiro lugar, o recurso à arte, e de seguida a explicação do conteúdo. É muito provável que na lecionação deste conteúdo seja levantada ao docente, por partes dos alunos que frequentam a Catequese, a questão da repetição “Professor, a irmã já tinha dito na Catequese que Jesus é o Filho de Deus, o Messias prometido na Bíblia. A aula de EMRC também é Catequese?”<sup>98</sup>

---

<sup>96</sup> Cf. SNEC, *Catecismo do 6º ano*, 9-11.

<sup>97</sup> Cf. *Ibidem*, 12-16.

<sup>98</sup> A questão foi levantada numa turma do 6º ano de vinte e sete alunos de um Colégio Católico, onde a inscrição

EMRC Manual do 6º ano <i>Estou contigo!</i> (UL 2 <i>Jesus, um Homem para os outros</i> )		CATEQUESE Catecismo 6º ano <i>Creio em Jesus Cristo</i>	
Pág. 50	Metodologia	Encontro nº	Metodologia
QUEM É JESUS DE NAZARÉ?	Imagem do quadro de Bartolome Esteban Murillo “Adoração dos pastores” Frase destacada “(...) Jesus é o Messias a que se referiam as profecias do Antigo Testamento”. Texto exploratório: “(...) Jesus é aquele que cumpre a profecia do Antigo Testamento, referido no Livro de Miqueias. Este profeta anuncia o nascimento de um Messias, um Salvador enviado por Deus e esperado pelo povo (...)”	1. Jesus Cristo, no centro da fé e da história da salvação	Imagem de “Cristo Crucificado” em marfim esculpido Indo-Português. Texto bíblico “Muitas vezes e de muitos modos falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas (...)”. Heb 1, 1-2. Frase destacada: “(...) Deus enviou ao mundo o seu Filho, Jesus Cristo”.
	Jesus, o Messias prometido	2. Os títulos de Jesus	Imagem de “Cristo Ressuscitado” da escultura de António Soares dos Reis. Apresentação de quatro citações bíblicas referentes aos nomes de Jesus - Mt 1, 21; Mt 16, 16; Mt 26, 64; Jo 21, 25-29. Texto exploratório: destacando os seguintes nomes: Jesus; Messias; Filho de Deus; Filho do Homem Senhor.

Quadro 11

Em relação à exploração do anúncio do Reino de Deus, é sublinhada uma frase chave no manual de EMRC: “O Reino de Deus é o poder do amor de Deus a reinar no coração de cada um”<sup>99</sup>, seguida de um diálogo entre as personagens do manual, no qual a Maria confessa ao Miguel que, quando era pequena, pensava que o Reino de Deus era um Reino onde existiria um castelo com Deus a reinar no seu trono. Concluem que o Reino de Deus é dentro dos seus corações<sup>100</sup>. O catecismo atribui três encontros da Catequese ao tema “Reino de Deus”. Neste reino, os Estados dos homens serão governados por Deus, através das ideias, dos sonhos, das

na disciplina de EMRC é obrigatória e a frequência na Catequese opcional. Os alunos desta turma frequentavam todos a Catequese do 6º ano no Colégio, com a exceção de três alunos que frequentavam a Catequese na sua paróquia de residência.

<sup>99</sup> SNEC, *Manual do 6º ano de EMRC*, 51.

<sup>100</sup> Cf. *Ibidem*.

tarefas inspiradas por Ele, deste Deus que cuida, que liberta e que governa com amor. No entanto, os homens terão de se converter e acreditar no Evangelho para que o Reino de Deus chegue até eles<sup>101</sup>.

Da mesma forma que o catecismo o faz, o manual apresenta o Reino de Deus em estrita relação com o amor de Deus a reinar nos corações dos homens. É perceptível que o manual não exorta o leitor à conversão como faz a Catequese, mas, quando refere o Reino de Deus como a vitória definitiva do bem, da justiça, da verdade, ou do amor, o manual fá-lo à maneira da Catequese, interpelando à fé do educando. Além da anterior observação, averigua-se no manual uma clara síntese do catecismo sobre o Reino de Deus.

#### **2.2.2.2. Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura**

O manual concretiza este único conteúdo relativo ao segundo objetivo com o título *O Deus de Jesus*<sup>102</sup>. Ao longo de nove páginas, são desenvolvidos seis pontos dos ensinamentos de Jesus sobre Deus.

O primeiro ponto, com o título *A confiança no Deus bom*,<sup>103</sup> considera que Deus não se esquece de nos dar tudo aquilo de que precisamos. Apresenta-se, de seguida, o texto bíblico Lc 12, 22-32, onde Jesus convida os discípulos a confiar num Deus providente, num Deus bondoso, atento às necessidades dos homens, “ (...) mesmo quando as coisas não correm assim tão bem...”<sup>104</sup> Ainda nesta linha de pensamento, os autores destacam a preocupação dos homens apenas por si próprios, pelas suas necessidades básicas, em prejuízo dos valores como

---

<sup>101</sup> Cf. SNEC, *Catecismo do 6º ano*, 45-56.

<sup>102</sup> Cf. SNEC, *Manual do 6º ano de EMRC*, 57.

<sup>103</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>104</sup> *Ibidem*.

o amor, a solidariedade e a justiça. Para o manual de EMRC, a confiança em Deus é fundamental para enfrentarmos as dificuldades da vida<sup>105</sup>.

O segundo ponto incide sobre o amor de Deus pelos homens, com o título *Para Deus, todos somos importantes*, no qual Jesus anunciou que Deus ama e se interessa por todas as pessoas, sem exceção. Este amor foi concretizado nas ações de Jesus, quando acolheu os pecadores, os doentes, marginalizados pela instituição religiosa judaica, dando a conhecer aos homens a misericórdia de Deus. Para reforçar esta ideia, o manual apresenta um excerto adaptado da obra “Amor”, de Phil Bosmans<sup>106</sup>.

No terceiro ponto o manual apresenta o relato da parábola do Bom Samaritano”, Lc 10, 25-37<sup>107</sup>. Inicia com *Viver centrados no amor ao próximo*, no qual Jesus afirma que o amor ao próximo não é só aquele por quem gosto, que é meu amigo, que é do meu grupo, da minha aldeia, mas aquele que precisa de mim, seja ele quem for.

De seguida, desenvolve-se a temática do acolhimento e do perdão, conduta própria do cristão, com o título *Acolher e perdoar*. O manual começa por esclarecer que o acolhimento, por parte de Jesus, daqueles que fizeram escolhas erradas não é sinónimo de concordância com esses comportamentos incorretos, mas sim a determinação de um apelo ao arrependimento e à conversão dos seus corações. Afirma depois que a conversão é uma mudança radical da forma de pensar e agir, procurando o bem de todos. A reforçar esta ideia, apresenta o texto da “Pecadora arrependida”, em Lc 7, 36-50, concluindo que “Jesus quis que soubéssemos que Deus não nos abandona, qualquer que seja a situação em que estejamos”<sup>108</sup>. Para Jesus, o culto a Deus deve ser verdadeiro, deve brotar do interior do ser humano e revelar uma relação de amor com Deus.

Ao quinto ponto o manual intitula com *Uma religião que nasce de uma relação íntima e humilde com Deus*. Jesus, fundador do cristianismo, apresenta uma nova forma de

---

<sup>105</sup> Cf. *Ibidem*, 58.

<sup>106</sup> Cf. *Ibidem*, 58-59.

<sup>107</sup> Cf. *Ibidem*, 60.

<sup>108</sup> *Ibidem*, 62.

relacionamento com Deus, uma vez que, se prestamos culto a Deus, devemos tratar os outros como irmãos, com bondade, porque a religião deve estar intimamente ligada à vida. O manual reforça esta ideia apresentando o texto do “Fariseu e o cobrador de impostos”, em Lc 18, 9-14, no qual o fariseu, orgulhoso, exalta a sua conduta no templo e o cobrador de impostos humilha-se pedindo perdão a Deus<sup>109</sup>.

No último ponto, o *Deus de Jesus*, o manual considera que *É mais importante ser do que ter*. De forma introdutória, sublinha a frase “A vontade de Deus é que cada ser humano se relacione com ele e que saiba viver numa relação de respeito e amizade com os outros”<sup>110</sup>, mas, para que isso aconteça, é necessário que se valorize mais as riquezas espirituais do que os bens materiais. Em relação às riquezas espirituais, o manual não dá exemplos concretos, mas considera o lucro e o dinheiro como bens materiais. Neste contexto, o manual apresenta o conto oriental “De passagem” e o texto “As sete maravilhas do mundo” para reforçar a temática desenvolvida.

Como facilmente podemos verificar, a abordagem ao conteúdo não é a mais apropriada para uma disciplina como a EMRC. Os verbos utilizados nos pontos referidos, como “confiar (em Deus)”, “acolher” e “perdoar” não representarão, certamente, aquilo que se pretende que o aluno adquira e desenvolva com a frequência da disciplina. A abordagem deste conteúdo é fundamental para a disciplina, mas com a restrição ao conhecimento da mensagem cristã, identificando os valores evangélicos inerentes aos textos bíblicos. Admitimos que o conhecimento da mensagem cristã leve à imediata ação, à maneira de Jesus. Compreendemos também a intencionalidade legítima do manual em procurar evidenciar aqui, neste conteúdo, a moral cristã. No entanto, é notório que a concretização deste conteúdo da EMRC no manual seja de facto uma abordagem catequética. A maior parte dos pontos sobre *O Deus de Jesus*, na EMRC, pressupõe sempre a fé dos discentes.

---

<sup>109</sup> Cf. *Ibidem*, 63.

<sup>110</sup> *Ibidem*, 64.

### 2.2.2.3. A ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus

Na abordagem à ressurreição de Jesus, o manual inicia com o título *A Ressurreição, vitória da Vida sobre a morte*<sup>111</sup>. Primeiro explora questões relacionadas com a morte de Jesus: confrontando-se com a morte do seu mestre os discípulos temiam o fim do Reino que Ele tinha vindo inaugurar. No seguimento é levantada a questão ao leitor: “Mas se Ele veio em nome de Deus, como podia Deus permitir que Ele morresse daquela maneira, desprezado por todos?”<sup>112</sup> É esclarecido que a morte não vence sobre a Vida e, como Deus quer a Vida, Jesus está vivo, ressuscitou. Os seus amigos viram-no ressuscitado e transmitiram isso a todos os cristãos. Esta é a fé dos cristãos, e, por isso mesmo, a Páscoa é a festa mais importante do calendário cristão.

Como a Catequese também aborda a Ressurreição de Jesus no catecismo do 6º ano, no décimo oitavo encontro<sup>113</sup>, propomos a comparação de metodologias usadas entre a EMRC e a Catequese, através do seguinte quadro:

EMRC		CATEQUESE	
Manual do 6º ano “Estou contigo!” UL 2 “Jesus, um Homem para os outros”		Catecismo 6º ano “Creio em Jesus Cristo”	
Pág. 72-73	Metodologia	Nº catequese:	Metodologia
A RESSURREIÇÃO, VITÓRIA DA VIDA SOBRE A MORTE	<p>Texto exploratório a morte e ressurreição de Jesus.</p> <p>Excerto de uma catequese do Papa Francisco “A Ressurreição de Cristo é a nossa força!”</p> <p>Texto bíblico: Jo 20, 19-23.</p> <p>Imagem da pintura de Caravaggio “O incrédulo S. Tomé”</p>	18. Jesus ressuscitou: a vitória do Reino	<p>Imagem do óleo de Adriano de Sousa: “Mar e Céu”.</p> <p>Imagem do mosaico do Centro Alletti: “Cristo e os Apóstolos”.</p> <p>Imagem do óleo sobre a madeira de Duccio di Buoninsegna: “Cristo aparece aos discípulos”.</p> <p>Citação de alguns versículos: Mc 16, 1-11 – Lc 24, 36-43.</p> <p>Mensagem aos pais/educadores: a morte e ressurreição de Jesus.</p>

Quadro 12

<sup>111</sup> Cf. SNEC, *Manual do 6º ano de EMRC*, 72-73.

<sup>112</sup> *Ibidem*, 72.

<sup>113</sup> Cf. SNEC, *Catecismo do 6º ano*, 77.

Observamos que o catecismo intitula o encontro *Jesus ressuscitou: a vitória do Reino* e o manual apresenta o título *A Ressurreição, vitória da Vida sobre a morte*. Ambos relacionam a ressurreição como uma vitória. No primeiro caso, a vitória do Reino e, no segundo, a vitória da Vida sobre a morte.

O catecismo apresenta o óleo *Mar e Céu*, desafiando o catequizando à tranquilidade, à serenidade. O mosaico *Cristo e os Apóstolos* e o óleo *Cristo aparece aos discípulos* remetem para o aparecimento de Cristo ressuscitado aos apóstolos que se encontravam escondidos e cheios de medo. Por sua vez, o manual apresenta a pintura *O incrédulo S. Tomé*. Ambos recorrem à arte como forma de salientar o medo e a incredulidade dos apóstolos, escondidos do ódio das autoridades judaicas.

É nítido que ambas as citações bíblicas do catecismo e do manual incidem sobre as primeiras palavras que Jesus Ressuscitado dirige aos apóstolos: “A paz esteja convosco”<sup>114</sup>.

Nos textos exploratórios, o catecismo envia uma mensagem aos pais, ou educadores em geral, em que acautela que a morte e a maldade dos homens não puseram fim ao projeto salvador e libertador de Deus. O Reino anunciado por Jesus não pode parar. A ressurreição de Jesus mostra-nos que Ele veio de Deus. Deus quer a Vida, Vida em abundância, a ressurreição de Jesus destrói a morte, a maldade, o egoísmo, a injustiça, a violência e o medo. Constatamos que o manual explora primeiro a ressurreição de Jesus “do lado de fora” da fé: “Os cristãos sabem que Jesus está vivo (...)”<sup>115</sup>, mas tão depressa aborda esta questão “do lado de fora”, como se aproxima imediatamente da mesma fé dos cristãos assumindo-a como sua: “Mas Deus quer a vida e não a morte: Jesus não ficou morto. Está vivo, ressuscitou!”<sup>116</sup>

Observamos que o texto exploratório da morte e ressurreição de Jesus, no manual, é bastante semelhante à mensagem para os pais e educadores proposta pela Catequese. Ambos

---

<sup>114</sup> SNEC, *Catecismo do 6º ano*, 79; SNEC, *Manual do 6º ano de EMRC*, 72.

<sup>115</sup> SNEC, *Manual do 6º ano de EMRC*, 72.

<sup>116</sup> *Ibidem*.

referem que a morte não acabou com o Reino anunciado por Jesus, facto comprovado com a ressurreição. Jesus é o enviado de Deus, a Vida vence a morte, é a Vida Eterna.

O excerto da catequese do Papa Francisco, presente no manual, sobre a ressurreição de Cristo, indica que estamos perante conteúdos puramente catequéticos. E, não menos importante, ao lado da citação bíblica de Jo 10, 10, o manual destaca, através da personagem Maria, “Ao contrário de um ladrão, Jesus não vem para tirar mas para dar. Quando O aceitamos como Salvador, a nossa vida passa a ser feliz, eterna, abundante”, remetendo para a conversão o leitor, neste caso o aluno. Concluimos que o manual explora a ressurreição de Jesus em perspetiva similar ao catecismo.

No entanto, verificamos que o manual também se preocupa em dar a conhecer tradições culturais dos portugueses relacionadas com a Ressurreição de Cristo e com a celebração da Vida. Com o título “Tradições da Páscoa”,<sup>117</sup> o manual destaca, em primeiro lugar, as procissões e a Semana Santa, com início no Domingo de Ramos. Neste domingo, os cristãos fazem a procissão de ramos para assinalar a entrada de Jesus em Jerusalém. Convida o aluno a pesquisar sobre as diferentes tradições sobre a Semana Santa e destaca a procissão da Páscoa em Braga, em Castelo de Vide e em São Brás de Alportel. Em segundo lugar o Compasso, em que muitas casas são limpas e pintadas de propósito para receber a visita pascal. O pároco leva “o Senhor” às casas dos seus paroquianos para abençoar aquele lar e a família que lá vive. Finalmente, em terceiro lugar, o Folar, sinal de amizade e reconciliação. É tradicionalmente o pão da Páscoa, em Portugal, que os padrinhos e madrinhas ofereciam aos seus afilhados. Para reforçar este símbolo pascal, apresenta-se a “Lenda do Folar de Páscoa” retirado da Infopédia. Destacam-se outros símbolos: o ovo, o cordeiro, a vela, a cruz e os sinos.

---

<sup>117</sup> Cf. *Ibidem*, 74-75.

### 2.2.3. Considerações finais

O Papa Francisco quando fala dos diferentes desafios culturais aponta para o problema da cultura dominante, na qual o que é exterior, imediato, visível, rápido, superficial, provisório, é que é valorizado. Acontece em muitos países, fruto da globalização que comportou uma acelerada deterioração das raízes culturais com a invasão de tendências pertencentes a outras culturas, economicamente desenvolvidas mas eticamente debilitadas<sup>118</sup>. Esta transformação cultural é particularmente importante na missão evangelizadora da Igreja, como também, o é na afirmação cultural da identidade de toda e qualquer comunidade humana<sup>119</sup>.

Nesta perspectiva, a Igreja Católica propõe a disciplina de EMRC, na escola, com finalidades próprias, para as mesmas crianças e adolescentes que frequentam a Catequese. Através da EMRC, a Igreja Católica dá a oportunidade do conhecimento da sua própria história, aprofundando, ao mesmo tempo, as características da pessoa de Jesus e da mensagem que Ele veio anunciar, alicerçada nos valores da verdade, da justiça, da liberdade e do amor. Este conhecimento de Jesus é imprescindível para a formação religiosa do aluno, no que ao plano cultural diz respeito.

No seguimento do percurso efetuado neste estudo surgiram questões relacionadas com a distinção e complementaridade entre a EMRC e a Catequese. Apresentamos duas questões significativas:

- Se as aulas de EMRC são oportunidade de aprofundamento cultural com o envolvimento no mundo atual onde se vive, por que razão os alunos continuam a comparar a EMRC com os encontros da Catequese? Verificou-se que o programa de EMRC e o GC da

---

<sup>118</sup> Cf. FRANCISCO, Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, Difusora Bíblica, Fátima, 2014, 61-62.

<sup>119</sup> Cf. José C. POLICARPO, “Cultura, Escola e Religião”, *Pastoral Catequética*, Ano X, nº 31-32, (2015) 26.

Catequese deixam transparecer, na definição de objetivos e conteúdos, uma clara confusão sobre esta relação;

- Se, na EMRC, os conteúdos são transmitidos enquanto informações culturais, próprios da transmissão escolar, e, na Catequese, os conteúdos são transmitidos a partir do ponto de vista da confissão da fé, como conteúdos de fé que o sujeito possui, por que motivo a abordagem destes conteúdos na EMRC e na Catequese não são transmitidos de forma diferente? Verificou-se que o manual e o catecismo abordam alguns conteúdos de forma idêntica, trazendo algumas dificuldades na distinção entre EMRC e Catequese.

O programa de EMRC afirma que os conteúdos específicos propostos para a UL2 *Jesus, um Homem para os outros* são o resultado da operacionalização dos objetivos programáticos. Estes objetivos foram definidos com base na determinação das metas curriculares a partir das finalidades da disciplina enunciadas pela CEP<sup>120</sup>.

As metas curriculares alicerçam-se também em domínios de aprendizagem. É a partir dos conteúdos, como base dos conhecimentos e procedimentos na aprendizagem, que o aluno alcançará os domínios cognitivo (saber-saber), psico-motor (saber-fazer) e sócio-afetivo (saber-ser)<sup>121</sup>.

Resultante da análise efetuada, indagou-se acerca de alguns objetivos que não estão de acordo com a determinação das metas curriculares da disciplina de EMRC. Verificou-se que os conteúdos não conseguem elucidar o aluno para o significado do título da UL2 *Jesus, um Homem para os outros*, já que estes são o resultado de sínteses de encontros da Catequese do 6º ano. Em muitas situações, as palavras e os gestos de Jesus a favor dos outros são apresentados de forma catequética num contexto de fé.

Para além desta confusão instalada em conteúdos específicos, é também importante referir que, na nossa cultura ocidental e especificamente nas nossas escolas, a EMRC sente

---

<sup>120</sup> Cf. SNEC, *Programa de EMRC*, 2014, 7-9.

<sup>121</sup> Cf. Magda INÁCIO, *Manual do Formando - O Processo de Aprendizagem*, 2007, Lisboa, 3. Disponível em: <http://opac.iefp.pt:8080/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=55606&img=324> [consultado a 20.12.2017].

necessidade de continuamente justificar a sua existência. Numa escola cada vez mais laicizada, a apresentação de uma disciplina como a EMRC, de cariz confessional, é muitas vezes encarada com alguma indiferença e até algum desprezo.

“A Igreja Católica tornou-se um corpo algo estranho, e que torna compreensível que a EMRC também se possa sentir um corpo estranho, dentro da realidade educativa, concretamente nas escolas<sup>122</sup>.

E quem fala nas escolas públicas falará também de escolas privadas católicas. Independentemente do projeto educativo das escolas católicas se fundar em princípios cristãos, a disciplina de EMRC depara-se com alguma resistência por parte dos alunos devido a esta falta de distinção relativamente à Catequese.

Uma última nota será sobre o contributo da disciplina de EMRC para uma escola multicultural e multirreligiosa. É sabido que as nossas escolas são frequentadas por alunos de outras culturas e de outras religiões, que não a católica. A EMRC tem um papel importante na conceção de um clima escolar de fraternidade e solidariedade entre todos estes alunos. Por isso, é necessário que uma disciplina específica como a EMRC evite a desconsideração devido à identificação com os encontros da Catequese.

Verificada a análise comparativa dos objetivos, conteúdos e metodologias usadas, é necessário traçar linhas orientadoras de uma reformulação, dos objetivos e conteúdos sobre o “Jesus, um Homem para os outros”. Propomos refletir, no capítulo três, sobre as seguintes linhas:

- Incidir os conteúdos sobre as ações de Jesus pelas quais foi recuperando as pessoas das doenças, da fome, da marginalização política e social. Incluir-se-iam as palavras, as curas e os milagres que revelam a atenção de Jesus aos mais débeis da sociedade;

---

<sup>122</sup> José F. CORREIA, “Educação Moral e Religiosa Católica: profecia e dom, um jeito de ser Igreja”, *Pastoral Catequética*, Ano X, nº 31-32, (2015) 96.

- O conteúdo “Quem é Jesus?” indicaria a vida pública a favor da cura das pessoas. É nesta dinâmica da atenção pessoal de Jesus com cada um dos seres humanos que poderá ser incluído o seu conflito com o poder do seu tempo, levando-o à morte e ressurreição;

- Identificar na pregação e nas ações de Jesus o cumprimento da sua missão a favor da humanidade, principalmente dos marginalizados. Identificar “Jesus, um Homem para os outros” na defesa da dignidade humana e dos direitos humanos;

- Evidenciar como a fé dos cristãos em Jesus Cristo pode contribuir para a construção de uma ética ao serviço de toda a pessoa;

E é com a missão de, na cultura atual, responder às ansiedades, às esperanças e às questões sobre a vitória quotidiana da vida sobre a morte que a espreita em várias formas, que permanece, e deverá permanecer, no espaço escolar, a referência à morte, à Ressurreição de Jesus e ao Reino por Ele anunciado e realizado<sup>123</sup>.

Procuraremos assim, no próximo capítulo, e de forma a colmatar o que foi destacado na análise comparativa, apresentar a nossa proposta de objetivos e conteúdos específicos da disciplina para a UL 2 *Jesus, um Homem para os outros*, ou seja, de que forma a EMRC deve apresentar Jesus em sala de aula.

---

<sup>123</sup> Cf. Xabier PIKAZA, *Manual de cristologia*, Secretariado Trinitário, Salamanca, 1997, 421-422.

### 3. O JESUS DA AULA DE EMRC

Evidentemente que o Jesus da aula de EMRC é o mesmo Cristo da fé dos encontros da Catequese. É a mesma Pessoa, humana e divina, de quem nos fala o Novo Testamento. Porém, neste capítulo, pretendemos apresentar novos objetivos e conteúdos próprios para o meio escolar, contribuindo assim para a educação integral do aluno e, conseqüentemente para a sua formação como pessoa<sup>124</sup>.

No quadro abaixo apresentaremos a nossa proposta destes objetivos e conteúdos específicos sobre Jesus, sobre as ações que Ele fez em favor dos outros, como o fez e com que significado. Pretendemos assim, aprofundar a razão de Jesus preferir, na sua atividade, os doentes, os impuros, os pecadores, resumindo, os mais débeis da sociedade, considerando, igualmente, Jesus como modelo radical da humanidade, tal como Papa Bento XVI afirmou: “Jesus diz-nos quem é na realidade o ser humano e o que ele deve ser para ser verdadeiramente humano”<sup>125</sup>.

OBJETIVOS	CONTEÚDOS
1. Reconhecer a existência de Jesus através de testemunhos de crentes e não crentes. 2. Compreender o contexto cultural e religioso do tempo de Jesus.	<b>Jesus, um homem no seu contexto:</b> - As fontes da sua história; os seus biógrafos.  - O seu mundo; a sua terra; a sua nação; o seu povo.
3. Identificar a relação de Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã.	<b>Jesus, um homem de Nazaré:</b> - A sua vinda; o seu nascimento; os seus anos de silêncio; a sua fé.
4. Reconhecer Jesus como um Homem que marcou a humanidade e a sua história.	<b>Jesus, um homem para os outros:</b> - O seu começo; os seus discípulos; a sua mensagem; os seus atos; a sua ética; o seu estilo de vida para com as pessoas; os seus adversários; a sua influência no mundo.

Quadro 13

<sup>124</sup> Cf. Juan AMBROSIO, “A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública”, *Communio*, 5, (2001) 437-449.

<sup>125</sup> BENTO XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi*, Paulus Editora, Lisboa, 2007, 6.

Faremos de seguida, e a partir da nossa proposta, o desenvolvimento dos novos conteúdos específicos, para a UL 2 *Jesus, um Homem para os outros*, completados com quadros, os quais poderão ser uma base de uma futura edição do manual de EMRC do 6º ano de escolaridade, principalmente da unidade em questão.

### **3.1. Jesus, um homem no seu contexto**

Provavelmente ninguém, na história, terá exercido maior fascínio, atração ou inspiração sobre as pessoas, ou, também, suscitado mais hostilidade nelas, do que Jesus. Embora o interesse por Jesus de Nazaré seja maior do que pelo anúncio da sua mensagem na Igreja, este interesse manifestou-se principalmente na publicação de inúmeros livros sobre Jesus, escritos também por não-cristãos.

Como qualquer estudo acerca da história de uma pessoa que marcou uma sociedade em particular ou a humanidade em geral, é sempre necessário que em primeiro seja concedido um lugar ao estudo do contexto social, cultural e religioso em que viveu. Desta forma, conhecer o contexto em que Jesus viveu, parece-nos naturalmente relevante para esta reflexão.

Procuraremos compreender a sua cultura, a sua nação, a geografia da sua terra, a sua língua, o ambiente social do seu tempo, as tensões políticas do seu povo. Só considerando todos estes elementos poderemos compreender melhor o estudo do contexto social, político e religioso de Jesus.

### 3.1.1. As fontes da sua história

Na história de Jesus poderemos considerar algumas interrogações: Será possível encontrar o Jesus histórico? Se Jesus viveu há tanto tempo, será que alguma vez poderemos realmente saber realmente como Ele era? Poderemos chegar a descobrir o verdadeiro Jesus?

A busca do “Jesus histórico”, como viria a ser conhecido pelos estudiosos, teve início há mais de duzentos e cinquenta anos, através de um interesse renovado pelo estudo de documentos antigos, desencadeado pelo Iluminismo<sup>126</sup>. Contudo, descobertas mais recentes e o estudo de escritos judaicos contemporâneos, como os rolos do Mar Morto<sup>127</sup>, revelaram que o relato bíblico acerca de Jesus encaixa perfeitamente naquilo que atualmente sabemos acerca da vida, pensamentos e crenças do Judaísmo do século I<sup>128</sup>.

Atualmente, mais que nunca, podemos estar certos de que o retrato de Jesus apresentado nos Evangelhos é fidedigno e fornece uma base sólida para a investigação moderna acerca da sua pessoa<sup>129</sup>.

Embora os principais testemunhos acerca de Jesus provenham dos quatro Evangelhos e de tradições orais mais antigas, registadas em várias cartas do Novo Testamento<sup>130</sup>, também há testemunhos importantes e imparciais na obra do historiador judaico-romano Flávio Josefo (37-100 d.C.). Proveniente de uma família sacerdotal judaica, e durante algum tempo governador da Galileia, foi detido pelos romanos durante a guerra judaica de 66-70 e passou o resto da sua vida como conselheiro e historiador de três imperadores, Vespasiano, Tito e Domiciano. Os seus escritos fornecem testemunhos oculares não cristãos de valor inestimável

---

<sup>126</sup> Cf. Alfonso RUBIO, *Encontro com Jesus Cristo Vivo. Um ensaio de cristologia para os nossos dias*, Editora Paulinas, São Paulo, 2014, 9.

<sup>127</sup> Os rolos foram descobertos, acidentalmente em 1947, dentro de ânforas, por pastores beduínos. Foram descobertos quase novecentos rolos de documentos religiosos e cópias dos livros do Antigo Testamento, que tinham sido escondidos em grutas perto de Qumran, pelos essênios, para protegê-los durante a Guerra Judaico-Romana de 66-70.

<sup>128</sup> Cf. Alfonso RUBIO, *Encontro com Jesus Cristo Vivo*, 10-11.

<sup>129</sup> Cf. *Ibidem*, 11-12.

<sup>130</sup> Por exemplo na primeira carta aos Coríntios Paulo dá testemunho da Ressurreição de Jesus Cristo e do aparecimento aos apóstolos (cf. 1Cor 15, 3-8).

sobre o Cristianismo do séc. I<sup>131</sup>. Além de Flávio Josefo existem outros testemunhos acerca de Jesus. É o caso de Mara Bar-Serapião, filósofo sírio (73 d.C.) e de Tácito, historiador romano (110 d.C.). No Talmude, os rabinos comentaram que esperavam que não aparecesse outro judeu, como Jesus, a ensinar heresias ao povo. No Alcorão, Jesus é mencionado várias vezes<sup>132</sup>. No quadro 14 poderemos verificar os textos de cada fonte, referida anteriormente, em que mencionam Jesus:

<b>TESTEMUNHOS NÃO CRISTÃOS ACERCA DA VIDA DE JESUS<sup>133</sup></b>			
<b>FLÁVIO JOSEFO</b> Historiador judaico-romano (37-100 d.C.)	<b>MARA BAR-SERAPIÃO</b> Filósofo sírio (73 d.C.)	<b>TÁCITO</b> Historiador romano (55-115 d.C.)	<b>TALMUDE</b> (livros sagrados judaicos onde se registam os comentários)
“Havia nesse tempo Jesus, homem sábio, se porventura é lícito chamar-lhe homem; de facto, ele foi o autor de obras admiráveis, um mestre daqueles que recebem a verdade com alegria. Angariou muito seguidores, tanto entre os judeus, como entre os gentios. Ele era o Cristo. E quando Pilatos, por sugestão dos principais dentre nós, o condenou à cruz, aqueles que o amavam desde o princípio não o abandonaram, de facto, Ele voltou a aparecer-lhes, vivo, ao terceiro dia (...). E a tribo dos cristãos, assim chamada por causa dele, ainda não se extinguiu até hoje.”	“Que vantagem adivinha para os judeus da execução do seu sábio rei? Imediatamente a seguir, o seu reino foi aniquilado... E o sábio rei também não morreu para sempre, continuou a viver nos ensinamentos que transmitira.”	“Esse nome lhe advém de Christus, que sofreu o suplício extremo durante o reinado de Tibério, às mãos de um dos nossos procuradores, Pôncio Pilatos, e uma detestável superstição, momentaneamente reprimida, reacendeu-se de novo, não só na Judeia, primeira fonte do mal, mas até em Roma.”	“Não vir a ter filho ou discípulo que ensinasse heresias como Jesus, o Nazareno” “Na véspera da Páscoa, suspenderam Jesus, o Nazareno... Jesus, o Nazareno, praticava magia e desencaminhava Israel.”

Quadro 14

<sup>131</sup> Cf. Mário de OLIVEIRA, *Cristologia* (apontamentos para uso dos alunos da cadeira de Cristologia, Curso em Teologia, Instituto Superior de Teologia de Évora, Évora, ano académico 2003/04).

<sup>132</sup> Cf. John P. MEIER, *Un judío marginal. Nueva visión del Jesús histórico. I. Las raíces del problema y persona*, Verbo Divino, Estella 1998, 79-118.

<sup>133</sup> Cf. *Ibidem*.

### 3.1.2. Os seus biógrafos<sup>134</sup>

Chamar “biógrafos” aos autores dos Evangelhos de Jesus não será o termo correto. Afinal, falta-lhes tanta coisa, a descrição do seu aspeto físico, crescimento, educação e trabalho, tudo aquilo que poderíamos esperar numa biografia. E não se verificam apenas essas omissões, pois os Evangelhos também se focam, de uma forma desproporcionada, sobre a última semana da sua vida. O objetivo, portanto, seria, claramente, muito mais do que contar apenas uma história, era partilhar uma nova mensagem, a boa-nova<sup>135</sup>.

Dos vinte e sete livros do Novo Testamento, quatro são chamados Evangelhos. Evangelho significa “boa notícia”. Embora atualmente seja um termo religioso, originalmente tinha um significado secular. Sempre que o imperador tinha notícias para dar, enviava mensageiros por todo o império, que gritavam nas praças dos povoados *Euangelion* e toda a gente vinha a correr para saber mais. Até então nenhum livro fora chamado de *Euangelion*. Contudo, não havia uma única categoria literária onde se encaixasse aquilo que os autores queriam dizer acerca de Jesus. Era história, biografia, memórias, palavras e muito mais. Por isso foi criado este género, refletindo a existência de uma “boa notícia” assumida e apaixonada acerca de Jesus, que valia a pena escutar. No entanto, como uma “boa notícia” só é boa-nova se for verdade, também tiveram a preocupação de reproduzir fielmente aquilo que realmente aconteceu<sup>136</sup>.

Embora os Evangelhos reconheçam que têm uma finalidade específica<sup>137</sup>, isso não significa que não sejam fidedignos. O evangelista Lucas sublinha a investigação histórica

---

<sup>134</sup> O recurso ao termo “biógrafo” justifica-se pelo simples facto que o aluno já está mais familiarizado em contrapartida com o termo “evangelista”.

<sup>135</sup> Mário de OLIVEIRA, *Cristologia* (apontamentos para uso dos alunos da cadeira de Cristologia, Curso em Teologia, Instituto Superior de Teologia de Évora, Évora, ano académico 2003/04).

<sup>136</sup> *Ibidem*.

<sup>137</sup> O evangelista João reconhece esta finalidade: “Muitos outros sinais miraculosos realizou ainda Jesus, na presença dos seus discípulos, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para acreditardes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e, acreditando, terdes a vida nele.” (cf. Jo 20, 30-31).

subjacente ao seu Evangelho, envolvendo uma cuidadosa pesquisa de testemunhos oculares<sup>138</sup>. Todos os factos descritos por ele podem ser rigorosamente analisados até ao mínimo pormenor. Podemos, portanto, confiar que a imagem de Jesus transmitida pelos Evangelhos, embora apaixonada, é verdadeira. Quando por vezes alguns relatos dos Evangelhos nos parecem contraditórios, poderá ser reflexo do facto de se registarem ensinamentos semelhantes, mas transmitidos em diferentes épocas<sup>139</sup>. No quadro 15 poderemos verificar algumas características importantes de cada evangelho e que os diferenciam uns dos outros:

<b>CARATERÍSTICAS-CHAVE DOS EVANGELHOS</b>				
	<b>MATEUS<sup>140</sup></b>	<b>MARCOS<sup>141</sup></b>	<b>LUCAS<sup>142</sup></b>	<b>JOÃO<sup>143</sup></b>
<b>AUTOR</b>	Um dos 12 discípulos de Jesus.	Fez parte do grupo alargado de discípulos de Jesus. Acompanhou Pedro em Roma.	Médico e companheiro de Paulo. Único autor gentio do N.T.	Um dos 12 discípulos de Jesus.
<b>DATA</b>	Meados da década de 60 d. C.	Finais da década de 50 d.C.	Entre 59 a 61 d.C.	85 d.C.
<b>PÚBLICO-ALVO</b>	Judeus e cristãos.	Gentios (não judeus).	Gentios (não judeus).	Judeus e não judeus.
<b>IMAGEM DE JESUS</b>	Messias Filho de Deus Grande Mestre Maior que Moisés	Filho do Homem Filho de Deus Messias Mestre (rabino)	Messias Homem do Espírito Descendente do rei David Homem para todos	Verbo pré-existente Deus feito homem Filho unigénito do Pai Messias

Quadro 15

<sup>138</sup> “Visto que muitos empreenderam compor uma narração dos factos que entre nós se consumaram, como nos transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e se tornaram "Servidores da Palavra", resolvi eu também, depois de tudo ter investigado cuidadosamente desde a origem, expô-los a ti por escrito e pela sua ordem, caríssimo Teófilo, a fim de reconheceres a solidez da doutrina em que foste instruído”. (Lc 1, 1-4).

<sup>139</sup> Cf. Mário OLIVEIRA, *Cristologia*, (apontamentos para uso dos alunos da cadeira de Cristologia, Curso em Teologia, Instituto Superior de Teologia de Évora, Évora, ano académico 2003/04).

<sup>140</sup> Cf. John P. MEIER, *Un judío marginal*, 65-72.

<sup>141</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>142</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>143</sup> Cf. *Ibidem*.

### 3.1.3. O seu mundo

O mundo em que Jesus nasceu era muito diversificado, ao nível cultural e religioso, com grande variedade de crenças e de estilos de vida. Foi a esse ambiente, com todas as suas alternativas e opções, que Jesus se apresentou, para espanto de todos, como sendo o único caminho para encontrar Deus.

No ano de 336 a.C. Alexandre Magno conquistou e uniu a Grécia, expandindo-a até formar um grande império, do Egito até à Índia. Além de impor o seu domínio, exportou a cultura grega, processo conhecido por “helenização”. A arte, a arquitetura, os costumes, o desporto e as ideias gregas tornaram-se florescentes e o grego a língua oficial. Esta forma de vida dos gregos chocava com a vida centrada em Deus, do Judaísmo. A nudez dos atletas e o politeísmo grego ofendiam os judeus, provocando conflitos inevitáveis. É o caso da construção de uma estátua de Zeus no Templo de Jerusalém no ano de 168 a.C. por Antíoco IV provocando a revolta dos Macabeus até ao ano de 128 a.C., altura em que Israel, durante algum tempo, se tornou independente<sup>144</sup>.

Fundada em 753 a.C. por Rómulo, Roma<sup>145</sup> foi objeto de inúmeros combates ao longo de vários séculos. Tornou-se numa república em 509 a.C. governada por dois cônsules e um senado eleitos. Após controlar toda a Itália estendeu-se pelo mundo helénico, derrotando Atenas no ano de 86 a.C. Enquanto Júlio César conquistou a Gália e a Bretanha, Pompeu conquistou a Síria e a Palestina no ano de 63 a.C. A Palestina tornava-se assim, na província romana da Judeia. Foram enviadas quatro legiões para assentarem praça a fim de manter a paz e cobrar impostos. Os romanos trouxeram a paz e a estabilidade, mas também as estradas e

---

<sup>144</sup> Cf. Christiane SAULNIER e Bernard ROLLAND, *A Palestina no tempo de Jesus*, Coleção Cadernos Bíblicos-27, Paulus, São Paulo, 1983, 14-15; 60-61.

<sup>145</sup> É importante referir que os alunos do 6º ano já abordaram o Império Romano no ano anterior, já que este faz parte do programa curricular do ensino básico para o 5º ano “Os Romanos na Península Ibérica”.

aquedutos e o denário passou a ser a moeda universal. Nos finais do ano 40 a.C., o senado romano e os cônsules Octávio e António nomearam Herodes *o Grande*, rei da Judeia<sup>146</sup>.

Ao contrário dos Judeus, que eram monoteístas (acreditavam num só Deus), os Gregos e os Romanos eram politeístas, tendo deuses para cada aspeto da vida. No quadro 16 poderemos verificar os principais deuses de cada civilização, que conquistaram militarmente a Palestina e com isso trouxeram as suas crenças:

PRINCIPAIS DEUSES GREGOS E ROMANOS <sup>147</sup>		
GREGOS	ÁREA DE INFLUÊNCIA	ROMANOS
Zeus	Deus principal	Júpiter
Atena	Guerra, sabedoria, arte	Minerva
Apolo	Sol, profecia, poesia, música, medicina	Apolo
Ártemis	Castidade, caça, Lua	Diana
Poseidon	Mar, terremotos, cavalos	Neptuno
Afrodite	Amor, beleza	Vénus

Quadro 16

### 3.1.4. A sua terra

A terra onde Jesus viveu era minúscula, medindo menos de 240km de norte a sul e entre 40 e 95 km, de oeste a leste. Contudo, estava cheia de história e promessas que remontavam ao fundador de Israel, Abraão. Jesus afirmava que, por meio dele, essas promessas estavam prestes a ser cumpridas. De facto, foi a essa minúscula região geográfica que Jesus veio como

<sup>146</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, 45-47.

<sup>147</sup> Cf. FUNDAÇÃO SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Manual do aluno - Educação Moral e Religiosa Católica - 9º Ano do Ensino Básico*, 1º Ed., Gráfica Almondina, Torres Novas, 2015, 69.

rei de Israel, e seria a partir dali que Ele enviaria a sua mensagem de amor e de esperança ao mundo inteiro<sup>148</sup>.

A maior parte das casas da época de Jesus eram feitas de pedra ou de adobe, sendo geralmente construídas em torno de um pátio aberto, com divisões em três lados do mesmo. O telhado plano, onde se chegava por uma escada era usada para tudo, desde secar cereais a descontrair, aproveitando a brisa do entardecer. Por uma questão de segurança, os animais eram trazidos dos campos para casa à noite<sup>149</sup>.

Em todas as épocas bíblicas, a maior parte das famílias vivia da terra. Embora cada família tivesse recebido a sua porção de terreno, excetuando a tribo de Levi, dedicada ao culto e ao Templo, ao entrar na Terra Prometida, que devia ser transmitida de geração em geração, a maior parte das mesmas pertencia a estrangeiros. Os lavradores locais teriam assim de arrendar as terras a preços muitas vezes exagerados. Nas regiões de fraca agricultura, criavam rebanhos de ovelhas e cabras, embora a maior parte das casas tivessem um ou dois animais para sustento próprio. Todos os dias, além de tratarem das culturas e dos animais, moíam o grão para o transformar em farinha e fazer pão<sup>150</sup>.

O quadro 17 mostra os meses do calendário judaico e quais os meses sincrónicos do nosso calendário. Verificamos ainda, em que meses se realizavam as principais festividades judaicas e os meses “fortes” para a agricultura:

<b>CALENDÁRIO JUDAICO<sup>151</sup></b>					
<u>NISAN</u> março/abril	<u>LAR</u> abril/maio	<u>SIVAN</u> maio/junho	<u>TAMUZ</u> junho/julho	<u>AB</u> julho/agosto	<u>ELUL</u> ago./setembro
Páscoa	Colheita do trigo	Pentecostes	Começo das vindimas	Calor do verão	Fim das vindimas
<u>TISRI</u> set./outubro	<u>MARESVAN</u> out./novembro	<u>QUISLEU</u> nov./dezembro	<u>TEBET</u> dez./janeiro	<u>CHEBAT</u> jan./fevereiro	<u>ADAR</u> fev./março
Tabernáculos	Apanha da azeitona	Dedicação às terras	Plantação dos cereais	Amendoeira em flor	Colheita dos citrinos

Quadro 17

<sup>148</sup> Cf. Christiane SAULNIER e Bernard ROLLAND, *A Palestina no tempo de Jesus*, 22.

<sup>149</sup> Cf. Christiane SAULNIER e Bernard ROLLAND, *A Palestina no tempo de Jesus*, 25.

<sup>150</sup> Cf. *Ibidem*, 23-24; 43-44.

<sup>151</sup> Cf. *Ibidem*, 43-44.

### 3.1.5. A sua nação

Jesus nasceu judeu, fazendo parte do povo eleito de Deus, recebendo dele inúmeras promessas. Contudo, o cumprimento dessas promessas parecia tardar e, embora tivessem regressado do exílio alguns séculos antes, muitos ainda se sentiam num exílio espiritual. A visão de um novo início anunciado pelos profetas não só não se tinha realizado, como Israel estava agora sujeito a Roma<sup>152</sup>. Alguns grupos judaicos colaboravam com as autoridades romanas, outros provocavam o povo instigando à revolta e outros retiravam-se para outros lugares, mas a maior parte seguia com a sua vida. É neste misto de esperanças e receios que Jesus se apresentou para desencadear o cumprimento das antigas promessas de Deus<sup>153</sup>.

Existiam quatro línguas principais na Palestina de Jesus. O hebraico era a língua antiga dos Judeus e das Escrituras, usada nas cerimónias religiosas. A maior parte das pessoas falava o aramaico, que passara a ser a língua dominante da Palestina. O grego era comum desde a conquista da Palestina por Alexandre Magno e usado nas trocas comerciais. O latim era menos relevante, sendo provavelmente falado apenas pelos soldados romanos entre si<sup>154</sup>. Jesus terá falado aramaico, grego e hebraico<sup>155</sup>.

A presença de Roma deu origem a um ambiente político bastante tenso. Apesar de alguns apreciarem as vantagens do domínio romano, tais como a paz e a estabilidade, a presença dos gentios (não judeus) desagradava à maioria. Alguns desses grupos, como os essénios, retiravam-se para o deserto, dedicando-se à oração, outros, como os zelotas, aproveitavam as oportunidades para se oporem a Roma.

---

<sup>152</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, 65.

<sup>153</sup> Cf. Christiane SAULNIER e Bernard ROLLAND, *A Palestina no tempo de Jesus*, 60-62.

<sup>154</sup> Cf. Armand PUIG, *Jesus. Uma biografia*, Paulus, 2010, 71-73.

<sup>155</sup> Jesus quando ordenou à filha de Jairo faou em aramaico: “Tomando-lhe a mão, disse: «*Talitha qûm!*», isto é, «Menina, sou Eu que te digo: levanta-te!»” (Mc 5,41); Jesus pregava em lugares onde se falava o grego: “Os judeus, por isso, disseram entre si: «Para onde tenciona Ele ir, que não o possamos encontrar? Tenciona ir até aos que estão dispersos entre os gregos para pregar aos gregos?»” (Jo 7, 35); Jesus leu as Escrituras em hebraico: “Ensinava nas sinagogas e todos o elogiavam” (Lc 4, 15).

Depois da morte do rei Herodes em 4 a.C., Roma dividiu o seu reino entre os três filhos, Filipe, Antipas e Arquelaus. Contudo, o ineficiente Arquelaus foi substituído por governadores romanos, entre os quais Pôncio Pilatos, que governou entre 26 a 36 d.C., tendo sido responsável pela condenação da crucifixão de Jesus<sup>156</sup>.

A cidade de Jerusalém, como capital da Judeia, era dominada pelo Templo, restaurado por Herodes em 19 a.C. e pela Fortaleza Antônia, sede da guarnição romana de seiscentos soldados. No tempo de Jesus, a população de Jerusalém era de cerca de trinta mil habitantes, embora esse número quintuplicasse durante as festas<sup>157</sup>.

O Templo era o símbolo central da vida de Israel. Embora a aristocracia sacerdotal aprovasse a reconstrução do mesmo por Herodes, visto que o seu monopólio do sistema sacrificial lhes conferia poder, as pessoas comuns viam o Templo como símbolo de tudo o que as oprimia, sobretudo da corrupta aristocracia. No quadro 18 poderemos verificar os diferentes lugares do Templo e quem poderia aceder a eles:

<b>DIFERENTES PÁTIOS DO TEMPLO DE JERUSALÉM<sup>158</sup></b>				
<b>PÁTIOS DOS GENTIOS</b>	<b>PÁTIO DAS MULHERES</b>	<b>PÁTIO DE ISRAEL</b>	<b>PÁTIO DOS SACERDOTES</b>	<b>SANTUÁRIO</b>
Limite máximo até onde os gentios se podiam aproximar para rezar. Esta zona transformava-se num mercado para os vendedores de animais e cambistas, o que indignou Jesus pelo facto de impedir os gentios de rezar.	Limite máximo até onde as mulheres e crianças judias podiam chegar.	Lugar onde os homens judeus traziam os seus animais para serem sacrificados.	Lugar onde se realizavam os sacrifícios oferecidos pelos sacerdotes.	Lugar onde se encontrava o Santos dos Santos, simbolizando a presença de Deus.

Quadro 18

<sup>156</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, 54.

<sup>157</sup> Cf. Christiane SAULNIER e Bernard ROLLAND, *A Palestina no tempo de Jesus*, 17-19.

<sup>158</sup> Cf. *Ibidem*, 28-30.

### 3.1.6. O seu povo

A Palestina tinha uma população de cerca de um milhão de pessoas e caracterizava-se pela agricultura, pela criação de gado, pelo artesanato e comércio. Na Galileia predominava a agricultura e, junto ao lago, a pesca e na Judeia predominava o comércio e o artesanato, principalmente em Jerusalém. Havia uma grande diferença entre as várias classes sociais. As classes mais altas eram constituídas pelos grandes latifundiários e a classe baixa era constituída essencialmente pelos agricultores e jornaleiros. Estes últimos dependiam dos trabalhos a curto prazo ou apenas diário. Da classe média faziam parte os artesãos e os comerciantes, mas também os levitas, em número de sete mil<sup>159</sup>.

Como era normal em todo o mundo antigo, em Israel também existiam escravos, mas os escravos judeus estavam protegidos pela Lei e tinham de ser tratado como os jornaleiros e eram libertados no ano sabático. A situação dos escravos pagãos ou estrangeiros era diferente, não gozando dos privilégios judaicos<sup>160</sup>.

Em relação à religião, não é fácil descrever aquilo que os Judeus, no tempo de Jesus, pensavam, pois o Judaísmo era um fenómeno complexo, com enormes divisões sociais, espirituais e políticas que produziam muitas contracorrentes e expectativas muito diferentes<sup>161</sup>.

De certo modo, Jesus consegue incomodar quase toda a gente, pondo em questão as suas esperanças e os seus interesses. Embora a maioria das pessoas não pertencesse a nenhum grupo específico, poderemos verificar no quadro 19 que havia quatro grupos religiosos principais na época de Jesus<sup>162</sup>:

---

<sup>159</sup> *Ibidem*, 83-85.

<sup>160</sup> *Ibidem*, 85.

<sup>161</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, 65.

<sup>162</sup> Cf. Christiane SAULNIER e Bernard ROLLAND, *A Palestina no tempo de Jesus*, 51-59.

PRINCIPAIS GRUPOS DA ÉPOCA DE JESUS			
OS ESSÉNIOS	OS FARISEUS	OS ZELOTAS	OS SADUCEUS
<p>Seguiam uma disciplina mais severa, tendo-se incompatibilizado, duzentos anos antes, com as autoridades do Templo, que consideravam enfraquecidas. Embora alguns vivessem entre as pessoas comuns, a maioria juntava-se a comunidades alternativas, como a de Qumran, onde seguiam os seus ideais, levando um estilo de vida ascético de amor fraterno e de adesão rigorosa à Lei, enquanto esperavam que Deus desencadeasse o fim dos tempos<sup>163</sup>.</p>	<p>Eram o maior grupo, somando cerca de seis mil membros, sendo mais forte na Galileia, onde Jesus vivia. Ser fariseu não era uma profissão, mas um estilo de vida, que envolvia a aplicação rigorosa da Palavra de Deus em cada aspeto da vida. A sua influência era significativa e a sua visão aceite por todos, embora as pessoas comuns não conseguissem viver sob esse rigor religioso. Acusados por Jesus de hipocrisia por estarem apenas preocupados com o exterior, os Fariseus davam grande importância à pureza e à obediência à Lei de Deus, fundamental para manter a identidade de Israel, acreditando que só assim se poderia abrir caminho a Deus para libertar o seu povo. Assim, sublinhavam os sinais da identidade judaica, como a circuncisão, o dízimo, o sábado e a pureza ritual<sup>164</sup>.</p>	<p>Ao contrário dos essênios, não estavam dispostos a esperar por Deus e recorrendo à violência pretendiam santificar Israel do domínio estrangeiro. Oriundo dos fariseus, este grupo guerrilheiro só reconhecia Deus como único rei e Senhor. Fundado por Judas <i>o Galileu</i>, em 6 d.C., os zelotas preferiam as adagas à oração, lutavam pela chegada do Reino de Deus e conduziram várias revoltas, uma das quais levou à destruição de Jerusalém, em 70 d.C.<sup>165</sup>.</p>	<p>Embora menos numerosos, eram mais influentes, segundo as figuras do “poder estabelecido” de então. Descendiam de Sadoc, sumo-sacerdote do rei David, e controlavam o Templo. Escolhiam o sumo-sacerdote e dominavam o Sinédrio, conselho governativo dos Judeus. Mais conservadores que os fariseus, aceitavam apenas os escritos de Moisés, a Torah, rejeitando quaisquer outras doutrinas, bem como as tradições orais dos fariseus<sup>166</sup>.</p>

Quadro 19

<sup>163</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, 70-75.

<sup>164</sup> Cf. *Ibidem*, 75-79.

<sup>165</sup> Cf. *Ibidem*, 79-81.

<sup>166</sup> Cf. *Ibidem*, 81-82.

### 3.2. Jesus, um homem de Nazaré

Durante séculos, os profetas de Israel tinham falado da vinda do Messias. Com a passagem do tempo, e ainda mais com a presença dominadora de Roma, parecia difícil de acreditar. O surgimento de um homem que se afirma o Messias, o enviado de Deus, não é bem aceite por aqueles que esperam um Messias restaurador da nação de Israel. Jesus não pode ser entendido fora deste contexto religioso e espiritual. O início da sua vida será num lugar chamado de Nazaré, onde passará a maior parte da sua vida e pelo qual é chamado de “Nazareno”. Embora Nazaré tenha pouca importância, já existia no ano 200 a.C., conforme inscrições em sepulturas. Através dos Evangelhos sabemos que Nazaré era uma cidade e que possuía uma Sinagoga<sup>167</sup>. Jesus é o filho primogénito de Maria e José.

#### 3.2.1. A sua vinda

Durante séculos, os profetas de Israel tinham falado da vinda do Messias, mas com a passagem do tempo e principalmente com a presença brutal de Roma, parecia difícil de acreditar. É nesse clima de descontentamento, que Deus irrompe na condição humana, vindo Ele pessoalmente<sup>168</sup>.

Quando Deus enviou o anjo Gabriel para a anunciar a Maria que ela ia ficar grávida e dar à luz o Filho de Deus<sup>169</sup>, ela contestou “Como será isso, se eu não conheço homem?” (Lc 1, 34). Por sua vez, José, seu noivo, decidiu não levar por diante o seu casamento, embora continuasse a amar Maria o suficiente para não a desonrar. Só a revelação de Deus, através da visita de um anjo em sonhos, convenceu José que Maria estava a falar a verdade, que o seu

---

<sup>167</sup> Cf. *Ibidem*, 95.

<sup>168</sup> Cf. Mário OLIVEIRA, *Cristologia*, (apontamentos para uso dos alunos da cadeira de Cristologia, Curso em Teologia, Instituto Superior de Teologia de Évora, Évora, ano académico 2003/04).

<sup>169</sup> Chamado pelos cristãos de “anunciação”.

filho fora realmente concebido e forma milagrosa pelo Espírito de Deus e não por um homem, e que aquela criança seria o Salvador há muito esperado.

O nascimento virginal é fundamental para a compreensão cristã tradicional da identidade de Jesus e das razões da sua vinda. Com o nascimento virginal, Deus está a criar uma nova humanidade através de Jesus: um ser humano perfeito e inédito, gerado no seio de Maria pelo Espírito Santo de Deus, o que significava que não tinha herdado o pecado de Adão e Eva, como todas as outras pessoas<sup>170</sup>. No quadro 20 poderemos verificar alguns aspetos importantes da preparação para a vinda de Deus ao mundo e alguns foram essenciais para que Deus comunicasse com as pessoas:

ASPETOS ANTERIORES AO NASCIMENTO DE JESUS		
SONHOS <sup>171</sup>	ANJOS <sup>172</sup>	CASAMENTO <sup>173</sup>
Embora os sonhos sejam comuns no A.T. como meio de Deus comunicar com as pessoas, os sonhos no N.T., particularmente em Mateus, centram-se em Jesus, mostrando o cuidado vigilante de Deus sobre a sua vida desde o início até ao fim: a gravidez de Maria é explicada a José; a mulher de Pilatos fica perturbada por causa de Jesus.	Retratados na arte com longas túnicas e asas, os anjos bíblicos são mais “humanos” sendo por vezes confundidos com pessoas, apesar de serem puros espíritos. Anjo significa “mensageiro”, pois o seu papel era transmitir a mensagem de Deus. Também são mencionados para pedir ajuda, proteção e orientação.	Naquele tempo o casamento era um acontecimento desdobrado em duas etapas. Começa com os esponsais (noivado), tão vinculativos quanto o casamento, e a que só o divórcio poderia pôr termo. Um ano mais tarde, tinha lugar o casamento, que muitas vezes passava quase despercebido, e o noivo levava a noiva para sua casa. Foi durante este ano intermédio que José se apercebeu que Maria estava grávida.

Quadro 20

<sup>170</sup> Cf. Olegario GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristología*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2001, 425-426.

<sup>171</sup> Cf. SAGRADA ESCRITURA, Edição dos Capuchinhos Franciscanos, 5.ª ed., Difusora Bíblica, Fátima, 2010 (notas de rodapé das páginas 1565-1566).

<sup>172</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>173</sup> Cf. Mário OLIVEIRA, *Cristologia*, (apontamentos para uso dos alunos da cadeira de Cristologia, Curso em Teologia, Instituto Superior de Teologia de Évora, Évora, ano académico 2003/04).

### 3.2.2. O seu nascimento

A história do Natal é uma das mais conhecidas do mundo. Contudo, o seu significado é ignorado por muita gente, tendo sido reduzida a uma vaga mensagem acerca da vida familiar ou da paz no mundo. Porém, a verdade desta história é extraordinária, o bebé deitado na manjedoura era o Salvador há muito esperado por Israel, nada menos do que o próprio Deus.

Como datamos tudo antes de Cristo (a.C.) ou depois de Cristo (d.C.), poder-se-ia esperar que Jesus tivesse nascido no ano “0” ou 1 d.C., mas não nasceu. Terá nascido provavelmente em 6/5 a.C. O moderno calendário foi simplesmente calculado de forma incorreta pelo monge Dionísio, o *Exíguo*, em 525. Dionísio ter-se-á enganado ao situar o nascimento de Jesus quatro anos depois da morte de Herodes, contrariamente ao texto dos Evangelhos. Ora Herodes encontrava-se no poder quando Jesus nasceu. Esta é uma das razões que nos obriga a fazer recuar o nascimento de Jesus entre quatro a sete anos antes da Era Cristã<sup>174</sup>. Mas não é só o ano que está errado, a data também está. Dionísio datou o acontecimento a partir da fundação de Roma, situando a data do nascimento de Cristo a 25 de dezembro de 753. Depois, situou o início da era cristã oito dias mais tarde, a 1 de janeiro de 754, no dia da Circuncisão de Cristo, aos oito dias de idade, fazendo coincidir este dia do calendário cristão com o dia de Ano Novo no calendário romano. Deste modo, Dionísio determinou que o tempo recomeçasse a 1 de janeiro do ano 1<sup>175</sup>. Jesus terá provavelmente nascido no mês judaico de Nisan, em março/abril do nosso calendário, durante a época do nascimento dos cordeiros, quando os pastores guardavam os seus rebanhos à noite (Lc 2, 8).

---

<sup>174</sup> Cf. *Manual do aluno - Educação Moral e Religiosa Católica - 6º Ano do Ensino Básico*, 56.

<sup>175</sup> Cf. *Ibidem*.

### 3.2.3. Os seus anos de silêncio

Não conhecemos quase nada dos primeiros trinta anos da vida de Jesus. Os evangelistas Mateus e Lucas narram as circunstâncias do seu nascimento em Belém, a circuncisão e apresentação no Templo em Jerusalém, a fuga para o Egito por causa do rei Herodes e o diálogo com os doutores da Lei no seu *Bar Mitzvah*<sup>176</sup>. João, através de um poema, honra Jesus, Verbo incriado, que, estando na origem de todas as criaturas, assumiu a nossa condição humana (cf. Jo 1, 1-14). Marcos relata a partir do seu ministério público.

Nenhum deles nos diz nada acerca do que sucedeu nos anos de silêncio em Nazaré, nem quem foi o responsável pela sua formação, nem que tipo de formação recebeu Jesus para se preparar para a sua vida pública.

No entanto, dos quatro Evangelhos poderemos retirar alguma informação da infância de Jesus. Nos primeiros meses da vida de Jesus, José, avisado por um anjo do infanticídio ordenado por Herodes, fugiu com Maria e Jesus para o Egito, em busca de segurança<sup>177</sup>. Ali permaneceram até à morte de Herodes, em 4 a.C. Após a morte do rei, um anjo anuncia a José que já podia regressar.

Grande parte da educação de Jesus deve ter sido em casa. No entanto, a partir dos seis anos, terá provavelmente recebido alguma formação na sinagoga, sobretudo a nível da história, religião e leitura da Palavra de Deus. Enquanto as raparigas aprendiam práticas domésticas com a sua mãe (como fiar, tecer ou cozinhar), os rapazes aprendiam o ofício do pai. Tradicionalmente, pensa-se em José e Jesus como carpinteiros<sup>178</sup>.

---

<sup>176</sup> Aos doze anos de idade, Jesus celebraria a sua chegada à idade adulta com a cerimónia do seu *Bar Mitzvah*, tal como ainda hoje os rapazes judeus. A partir daqui Jesus será instruído pelos rabinos sobre as passagens da Palavra de Deus em hebraico, que ele leria em voz alta durante a cerimónia, na sinagoga. Agora é considerado suficientemente crescido para compreender e obedecer à Lei.

<sup>177</sup> Cf. Mário OLIVEIRA, *Cristologia*, (apontamentos para uso dos alunos da cadeira de Cristologia, Curso em Teologia, Instituto Superior de Teologia de Évora, Évora, ano académico 2003/04).

<sup>178</sup> Em Mc 6, 3, a palavra usada é, segundo o termo do original grego, o operário que trabalha a madeira, a pedra e o metal, dando a entender um “artesão ou empreiteiro” o que poderá explicar o facto de Jesus utilizar imagens relacionadas com a construção nos seus ensinamentos.

Três vezes por ano os homens judeus tinham de acorrer ao Templo de Jerusalém para as festas da Páscoa, do Pentecostes e das Tendras. É no evangelho de São Lucas que se descreve uma ocasião em que José levou a sua família até lá, para a Páscoa, quando Jesus tinha doze anos. Apesar da sua pouca idade, Jesus já revelava um considerável conhecimento da Palavra de Deus, escutando os rabinos e interrogando-os suscitando assim admiração pela forma como entendia tudo (cf. Lc 2, 46-47). Envolveu-se de tal maneira na discussão que deixou partir os seus pais sem se aperceber. Só mais tarde é que José e Maria deram pela sua falta.

É também nesta cena que ouvimos pela última vez falar de José. Não sabemos o que aconteceu a José durante a adolescência de Jesus, ou como terá morrido. Isso poderá explicar por que razão Jesus, como filho primogénito, ficou em casa até aos trinta anos, visto que teria de assumir a responsabilidade como novo chefe de família.

Desenvolveremos de seguida, no quadro 21, as três grandes festas judaicas anuais que Jesus terá certamente celebrado, já que era preceito religioso para todos os homens judeus:

<b>FESTAS JUDAICAS DO TEMPO DE JESUS</b>		
<b>PÁSCOA</b> (Festa dos Ázimos)	<b>PENTECOSTES</b> (Festa das Colheitas)	<b>TABERNÁCULOS</b> (Festa das Tendras)
Celebrada no mês judaico de Nisan, recordava a libertação de Israel da escravidão do Egito por parte de Deus. Esse episódio é revivido com uma refeição especial, cujos alimentos representam vários aspetos do mesmo.	Celebrada no mês judaico de Sivan, comemorava a principal colheita de trigo no final da primavera. Nesta cerimónia eram oferecidos a Deus dois pães feitos com farinha nova.	Celebrada no mês judaico de Tisri, comemorava a colheita dos frutos e a vida de Israel em “tendas”, durante a sua travessia desde o Egito até à Terra Prometida.

Quadro 21

### 3.2.4. A sua fé

Jesus nasceu judeu, viveu como judeu e morreu como judeu. Por isso, compreende-se melhor a sua mensagem quando esta é confrontada com os seus antecedentes judaicos, apesar de ela ter um alcance universal. No entanto, Jesus não tratava o Judaísmo da sua época com simpatia. Na verdade, acusava-o de se ter desviado do seu sentido genuíno e original, que já não servia os seus objetivos, precisando urgentemente de ser transformado. Incidiu, principalmente, as suas acusações sobre três crenças judaicas fundamentais: Deus, o povo escolhido por Deus e a Lei dada por Deus<sup>179</sup>.

Para qualquer judeu, só há apenas um Deus e, por isso, só Ele deve ser adorado. Embora transcendente, Ele pode ser conhecido e envolve-se na vida e na história dos homens. Jesus também acreditava nesse Deus único, vendo-se a si próprio como o envolvimento definitivo de Deus com a humanidade.

Israel era o povo escolhido por Deus, chamado a mostrar o que significava conhecer e confiar em Deus, chamado a ser uma luz para todos os povos, a fim de também poderem conhecer esse Deus. Jesus acusava este povo de estar absorto em si mesmo, preocupado apenas em proteger o seu próprio estatuto e falhando na sua vocação para levar a luz de Deus aos outros povos. Jesus tornar-se-ia, portanto, o início do novo povo de Deus.

A Lei de Deus, resumida nos Dez Mandamentos (cf. Ex 20, 1-17), era o manual de boas relações com Deus e uns com os outros, sendo considerada um dos principais dons dados por Deus a Israel. Jesus aceitava a natureza e a autoridade dessa Lei, dizendo que viera para cumpri-la, realizando-os, obedeceu aos seus mandamentos e cumpriu as suas promessas. Contudo, Jesus também reinterpretou a Lei, como relação viva entre Deus e o seu povo, para bem deste.

---

<sup>179</sup> Cf. Mário OLIVEIRA, *Cristologia*, (apontamentos para uso dos alunos da cadeira de Cristologia, Curso em Teologia, Instituto Superior de Teologia de Évora, Évora, ano académico 2003/04).

A sinagoga teve a sua origem durante o exílio de Israel na Babilónia. Com a destruição do Templo de Jerusalém, os judeus tiveram de desenvolver um novo centro de culto e de preservação das suas crenças. Liam-se as Escrituras, fazia-se um sermão e rezava-se. As sinagogas tinham assentos em toda a volta e uma única porta, muitas vezes virada para Jerusalém. Foi na sinagoga que Jesus leu uma passagem do rolo de Isaías, que profetizava o seu ministério<sup>180</sup>.

Jesus, como qualquer judeu, terá participado nas práticas religiosas, como mandava a Lei de Deus. No quadro 22, poderemos verificar em que consistiam as principais práticas religiosas que Jesus terá realizado:

<b>PRÁTICAS RELIGIOSAS NO TEMPO DE JESUS</b>			
<b>ORAÇÃO</b>	<b>JEJUM</b>	<b>DÍZIMO</b>	<b>SÁBADO</b>
Na época de Jesus, os judeus rezavam duas vezes por dia, nos sacrifícios de manhã (9h) e da tarde (15h). A oração começava com o <i>Chemá</i> “Escuta”, profissão de fé de Israel seguido por dezoito orações feitas em voz alta, chamadas <i>Tefilá</i> .	Para se dedicarem à oração os judeus abstinham-se de alimentos. O jejum era comum no Judaísmo e o próprio Jesus jejuou aquando das tentações no deserto (cf. Mt 4, 2).	Era a oferta de um décimo dos seus rendimentos a Deus como expressão de gratidão e dependência. Jesus nunca criticou esta prática, mas sim as atitudes erradas das pessoas ao dá-lo (cf. Mt 23, 23).	O sábado era o dia de repouso semanal. Em que se interrompia todo o trabalho rotineiro para restaurar as forças e recordar o “repouso” de Deus após a criação. Jesus criticaria a forma legalista de o implementar (cf. Mt 12, 1-8).

Quadro 22

<sup>180</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, 260-262.

### **3.3. Jesus, um Homem para os outros**

Jesus oferece a todos um sentido de vida, simbolizado naqueles que O escutavam, naqueles que o acompanhavam e, principalmente, naqueles que formavam grupo com Ele. O aprofundamento do conhecimento sobre Jesus, na aula da disciplina de EMRC, é fundamental para que os alunos compreendam e interpretem esse significado que Jesus oferece a cada um.

Jesus torna-se o Homem de todos os tempos e para todos os tempos. Ele é o grande sinal da verdadeira condição humana. Devolve o homem a si mesmo, libertando-o da alienação da lei, da tradição e da religião<sup>181</sup>. No Evangelho de Lucas, verifica-se que a partir de Jesus, conta mais o amor, mesmo aos inimigos, a misericórdia, o serviço, a humildade (cf. Lc 6, 27-35).

#### **3.3.1. O seu começo**

Antes de qualquer visita real, um mensageiro era enviado à frente, chamando toda a gente a preparar-se para a chegada do rei. Mais de setecentos anos antes, o profeta Isaías profetizara que o Messias enviaria a Israel um desses mensageiros à sua frente, chamando também as pessoas a prepararem-se. É João Batista que prepara a chegada de Jesus através do arrependimento pelo batismo. Muitos judeus sentiram-se ofendidos, já que o batismo era apenas exigido aos gentios convertidos. Jesus apresenta-se a João, também para ser batizado, recebendo o Espírito de Deus<sup>182</sup>.

---

<sup>181</sup> Cf. Leonardo BOFF, *Jesus Cristo Libertador. Ensaio de Cristologia crítica para o nosso tempo*, Vozes, Petrópolis, 2008, 48-49.

<sup>182</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, 100-102.

Terminada a preparação chegara o momento de partir. Jesus regressou à Galileia e deu início ao seu ministério, embora com diferentes resultados. Enquanto uns recebiam a sua mensagem com alegria outros rejeitavam-na.

No caso das bodas de Caná, Jesus e os seus discípulos são convidados como também seriam todos os residentes da aldeia. Neste ambiente de festa, veio a faltar o vinho. Jesus vem em socorro dos noivos, transformando a água em vinho, não num vinho normal, mas num vinho de excelente qualidade.

Entretanto, na sua terra, em Nazaré, é rejeitado no momento em que declara “Cumprisse hoje esta palavra que acabaste de ouvir” (Lc 4, 21), aquando da leitura da profecia de Isaías sobre o Messias que traria a nova era de liberdade da parte de Deus. Jesus é expulso de Nazaré passando a residir em Cafarnaum, lugar situado à beira do mar da Galileia, com uma atividade comercial bastante intensa. No quadro 23 poderemos verificar os primeiros acontecimentos do ministério de Jesus, por ordem cronológica, desde a saída de Nazaré à acomodação em Cafarnaum:

<b>INÍCIO DO MINISTÉRIO DE JESUS</b>			
<b>1.</b> Sai de casa de seus pais, em Nazaré da Galileia. Tinha entre trinta e dois e trinta e quatro anos <sup>183</sup> (Lc 3, 23).	<b>2.</b> Batizado por João, no rio Jordão (Mt 3, 13; Mc 1, 9; Lc 3, 21; Jo 1, 31-34), provavelmente perto de Betânia (Jo, 1, 28) ou perto de Jericó (Mt 3, 1).	<b>3.</b> Durante 40 dias é tentado no deserto da Judeia <sup>184</sup> (Mt 4, 1-2; Mc 1, 12-13, Lc 4, 1-2).	<b>4.</b> Primeiro milagre, realizado numas bodas em Caná da Galileia (Jo 2, 1-12).
<b>5.</b> Visita e purificação do Templo em Jerusalém (Jo 2, 13-24).	<b>6.</b> Na travessia pela Samaria dá-se o encontro com uma mulher samaritana (Jo 4, 1-41).	<b>7.</b> Rejeição em Nazaré (Lc 4, 16-30).	<b>8.</b> Mudança para Cafarnaum (Mt 4, 12-14; Lc 4, 31-32).

Quadro 23

<sup>183</sup> O templo tinha começado a ser reconstruído por Herodes no ano 19 a.C. Segundo João (3, 13-20), aquando da festa da Páscoa Jesus subiu a Jerusalém. Ali os judeus recordaram que o Templo levava quarenta e seis anos a construir. Apontamos como início do ministério de Jesus a data de 27 d.C., portanto Jesus teria trinta e dois anos. Por sua vez, Lucas (3, 1-2) data o início do ministério de João Batista no décimo quinto ano do imperador Tibério, ou seja, em 29 d.C. Como Jesus nasceu em 5 a.C. significa que tinha entre trinta e dois e trinta e quatro anos quando iniciou o seu ministério.

<sup>184</sup> A atração do deserto, como lugar de retirada do mundo, atraía um grupo da Igreja primitiva, iniciada com Santo Antão por volta de 280 d.C. Este movimento estendeu-se até à Palestina, mais concretamente ao deserto da Judeia situado a 11 km de Jericó, lugar onde Jesus passara algum tempo depois do seu batismo no rio Jordão.

### 3.3.2. Os seus discípulos

Quando Jesus chamou os discípulos, já ensinava e realizava curas há algum tempo, o que poderá explicar o facto de estes terem abandonado imediatamente tudo para segui-lo. Possivelmente já teriam visto Jesus em ação ou, simplesmente, teriam ouvido falar dele. Mas, ao escolher “doze”, Jesus estava a fazer mais do que chamar discípulos, estava a estabelecer um novo povo de Deus. Nos Evangelhos encontramos, no grupo de Jesus, homens e mulheres, formando um grupo muito mais alargado que os “doze”. A escolha de doze homens tem um fundamento profético. Na fundação de Israel deparamo-nos com os doze filhos de Jacob, que eram “patriarcas”. A partir desses desenvolver-se-iam as doze tribos, que constituíam Israel, o povo de Deus. Assim, ao escolher doze homens, Jesus estava a anunciar que pretendia fundar um novo Israel, um novo povo de Deus, construído à sua volta, e no qual as promessas do Antigo Testamento se viriam a cumprir<sup>185</sup>.

Jesus chamou os “doze” de “apóstolos” com o intuito de se tornarem mensageiros, enviados a serem testemunhas d’Ele e a expulsar demónios (cf. Mc 3, 14-15). Pelas características próprias dos “escolhidos” muitos diriam que Jesus estava destinado ao fracasso, pois eram homens pouco instruídos, com poucas perspetivas e, em certos casos, de carácter e antecedentes dúbios. No entanto, é com estes homens que Jesus chamou, que seriam aqueles de que se serviria para estabelecer um novo povo de Deus<sup>186</sup>.

O quadro 24 apresenta os doze discípulos e as suas principais características ou ocupações, no momento em que foram chamados por Jesus:

---

<sup>185</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, 203-205.

<sup>186</sup> Cf. Joseph RATZINGER – BENTO XVI, *Jesus de Nazaré, A Esfera dos Livros*, Lisboa, 2007, 231-235.

OS DOZE DISCÍPULOS DE JESUS					
SIMÃO PEDRO	TIAGO	JOÃO	ANDRÉ	FILIPE	BARTOLOMEU
Pescador de Cafarnaum.	Pescador de Cafarnaum.	Pescador e irmão de Tiago.	Pescador e irmão de Pedro.	De Betsaida, talvez de origem grega.	Também chamado Natanael, homem sem fingimento.
MATEUS	TOMÉ	TIAGO	TADEU	SIMÃO, o Zelota	JUDAS
Cobrador de impostos, um dos mais odiados sectores na Palestina.	Conhecido por ter duvidado da ressurreição de Jesus.	Filho de Alfeu, pouco se sabe acerca dele.	Também chamado Judas.	Ex-nacionalista que lutava pela liberdade	Tesoureiro do grupo, que viria a traír Jesus. É substituído por MATIAS.

Quadro 24

### 3.3.3. A sua mensagem<sup>187</sup>

Se houve alguma coisa acima que distinguiu Jesus foi a sua visão de Deus. Embora, em certo sentido, fosse completamente ortodoxa, noutra, era completamente radical, transformando a visão dos saduceus e dos fariseus de um Deus exigente na visão de um Deus de misericórdia e de perdão, cujo amor chegava a toda a gente. O mais surpreendente é que esta visão não é nova, já se encontrava no Antigo Testamento. O Deus em que Jesus acreditava era o mesmo Deus das Escrituras: criador, majestoso, libertador, santo e justo. Porém, os mesmos escritos ensinavam que Deus também era compassivo, misericordioso, lento para a ira, cheio de amor e de fidelidade, que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado (cf. Ex 34, 6-7).

Os ensinamentos de Jesus não eram primeiramente sobre o amor de Deus, mas acerca do seu Reino. Os seus compatriotas acreditavam nesse Reino, embora para eles fosse algo

<sup>187</sup> Cf. *Ibidem*, 250-260.

para o futuro. Jesus veio provocar uma inversão dos acontecimentos, dizendo que o mesmo já estava presente. O futuro era agora: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo” (Mc 1,1 5). O Reino já chegara e viera até eles.

Nós pensamos num reino como num lugar, mas não era isso que Jesus queria dizer. O termo grego traduzido por “reino” significa mais “governo” do que “domínio” ou “propriedade”. Era mais a atividade de governar do que o lugar governado. O Reino de Deus, portanto, é a soberania de Deus, e Jesus veio mostrar como era viver sob essa influência.

Porém, a boa-nova de que o Reino de Deus já estava presente pedia uma resposta concreta, exigindo uma mudança interior da vida de uma pessoa, o arrependimento. Esta mudança de coração e mente produz uma “viragem”, abandonando um modo de vida pecaminoso para um “voltar-se” a Deus, para o seu amor, obedecendo à sua vontade, ao contrário das autoridades judaicas que ensinavam a necessidade de sacrifícios no Templo como aspeto essencial desse arrependimento.

Para Jesus, conhecer e sentir o amor e o perdão de Deus, era essencial para todo e qualquer crente no Deus de Israel. Obviamente que os líderes religiosos acreditavam nesse perdão de Deus, mas reservado só para eles e para os seus pares e não para os “pecadores”. Jesus, mesmo na cruz, continuava a perdoar: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23, 34). Mesmo ali, Jesus não só ensinava a amar e a perdoar, mas que o praticou até ao fim.

Em forma de síntese, expomos no quadro 25 os principais temas da mensagem de Jesus, extraídos dos quatro Evangelhos:

<b>A MENSAGEM DE JESUS</b>			
O DEUS DE JESUS	<b>Misericordioso:</b> Parábola do filho pródigo (Lc 15, 11-32).	<b>Bondoso:</b> parábola dos vinhateiros (Mt 20, 1-16).	
O REINO DE DEUS	<b>Explicação do Reino:</b> é semelhante a um tesouro digno que se venda tudo para comprá-lo (Mt 13, 44); a uma pérola de grande valor (Mt 13, 45); a uma rede que apanha todo o tipo de peixe (Mt 13, 47-50); ao fermento que produz efeitos desproporcionados ao seu tamanho (Lc 13, 20-21).	<b>Demonstrações do Reino:</b> a expulsão dos demónios, a cura da doença, a cura da paralisia e dos impuros, do pecado e a reprovação da exclusão social (Mc 1, 21 - 2, 17).	
ARREPENDIMENTO	<p><b>Zaqueu</b>, o cobrador de impostos: arrependido deu metade dos seus bens aos pobres e o quádruplo daquilo que cobrara indevidamente (Lc 19, 1-10)</p> <p><b>Nicodemos</b>, chefe dos fariseus: para Jesus não basta aceitá-lo como mestre acreditando nos seus milagres, mas é preciso receber o Batismo de Jesus e ter fé nele (Jo 3, 1-21). Nicodemos ter-se-á tornado discípulo de Jesus (Jo 19, 38-42).</p> <p><b>A mulher samaritana:</b> devido às quezílias com os samaritanos os judeus evitavam passar na Samaria. Numa ocasião Jesus passa por esta região e encontra uma mulher junto ao poço de Jacob que reconhece Jesus como o Salvador do mundo (Jo 4, 1-41).</p>		
AMOR E PERDÃO	<b>Os perdoados perdoam:</b> Jesus dizia que as pessoas também devem perdoar, a incapacidade de perdoar é mais do que ingratidão a Deus (Mt 18, 21-35).	<b>Regra de ouro:</b> Em muitas sociedades “não fazer aos outros aquilo que não queremos que os outros nos façam” é uma regra de ouro. Para Jesus, o amor é muito mais dinâmico e ensinou “Faz aos outros aquilo que queres que eles te façam” (Mt 7, 12).	<b>O maior mandamento:</b> certo fariseu perguntou a Jesus qual era o maior mandamento, Jesus respondeu como qualquer bom judeu faria “Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o coração...” acrescentando “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mc 12, 28-34) associando o amor de Deus com o amor ao próximo (Lc 10, 25-37).

Quadro 25

### 3.3.4. Os seus atos

Os milagres constituem uma parte significativa do ministério de Jesus. Na verdade, quase um terço do Evangelho de Marcos são narrações destes acontecimentos. Jesus não pretendia atrair grandes multidões, mas demonstrar como será o Reino de Deus. A transformação do corpo humano era apenas uma imagem da transformação da condição humana que Jesus viera trazer. O mais impressionante acerca dos milagres de Jesus não era tanto como o fazia, mas a quem o fazia. De facto, aos olhos das autoridades religiosas judaicas, Jesus curava as pessoas erradas, os leprosos, os marginais, as pessoas impuras, os gentios<sup>188</sup>. Os milagres aconteciam sempre num contexto de relação com Jesus e de fé em Jesus. Esta associação dos milagres à fé era vital para que eles se realizassem, embora, às vezes, as pessoas tinham pouca fé (cf. Jo 5, 7), outras vezes tinham muita (cf. Mt 9, 21).

Se os milagres de Jesus se tivessem restringido a curas, poderiam ser mais facilmente entendidos como resultado de uma intuição clínica excepcional. Porém, os milagres ultrapassavam grandemente o explicável, quebrando as regras e o poder da natureza. Jesus tem poder sobre a natureza quando a controla, acalmando a tempestade, quando multiplica, alimentando mais de cinco mil pessoas, quando domina, caminha sobre as águas e quando a vence, ressuscitando os mortos. No quadro 26 poderemos verificar alguns exemplos de milagres de Jesus sobre a doença e sobre a natureza:

OS MILAGRES DE JESUS					
SOBRE A DOENÇA			SOBRE A NATUREZA		
Libertação de um homem possesso pelo demónio Mc 1, 21-28).	Cura de um paralítico (Mc 2, 1-12).	Cura do cego de nascença (Jo 9, 1-12).	Ressurreição da filha de Jairo (Mc 5, 21-24.35-43).	Jesus acalma a tempestade (Mt 8, 23-27).	Jesus caminha sobre as águas (Mt 14, 22-36)

Quadro 26

<sup>188</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, 145.

### 3.3.5. A sua ética

Jesus é admirado por milhões de pessoas devido à sua ética. A ética de Jesus alcançou sem dúvida novas dimensões, mas há sobretudo duas coisas que a distinguem. Em primeiro lugar, Jesus não só ensinou uma ética elevada, como a viveu; em segundo lugar, a sua ética integrava-se em toda a sua mensagem. O facto de Jesus fazer o bem resultava de ser bom<sup>189</sup>.

O Sermão da Montanha (Mt 5, 1-7, 29), embora muito conhecido, é pouco percebido. Este sermão é, na verdade, o projeto de vida no Reino de Deus, com as suas radicais promessas e exigências. Jesus inverte, propositadamente, os valores tradicionais. Os que não se sentiam abençoados estavam prestes a experimentar a bênção de Deus com a instalação do seu Reino, não lutando contra os inimigos de Deus, como a maior parte dos judeus pensava, mas através da humildade e da mansidão<sup>190</sup>.

Os judeus tinham os seus próprios sistemas éticos, que na aplicação das Escrituras à vida criavam inúmeras regras de vida. Jesus, porém, era diferente, seguia apenas dois princípios simples: amar a Deus com todo o seu ser e amar o próximo como a si mesmo. Estes dois princípios, segundo Jesus, cumprem tudo o que Deus quer. Para Ele, os sistemas e as regras nunca poderiam mudar o comportamento ético de uma pessoa, como o demonstraram os fariseus na época de Jesus<sup>191</sup>.

Jesus encontrou grande aceitação junto dos pobres e necessitados, a quem sempre apreciou, desafiando os seus discípulos a cuidar deles. No seu tempo havia muitas formas de violência, mas Jesus renunciou a todas as suas expressões. A um nível político, rejeitava ser um Messias militar para combater os romanos. A um nível pessoal recomendava que não retaliassem, mas antes que oferecessem a outra face<sup>192</sup>.

---

<sup>189</sup> Cf. *Ibidem*, 276-303.

<sup>190</sup> Cf. Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, 106-110.

<sup>191</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>192</sup> Quando Pedro tentou defender Jesus, aquando da sua prisão, cortando a orelha a um homem, Ele ordenou-lhe que guardasse a espada (cf. Jo 18, 10).

Outro aspeto, não menos importante, da ética de Jesus era a importância que Ele dava à bondade desinteressada. Afinal, agir na esperança de recompensa ou por medo de castigos não tem nada a ver com o mais elevado motivo ético (cf. Lc 14, 12-14). Das muitas questões éticas que Jesus abordou no seu ministério, apresentamos alguns exemplos, no quadro 27, retirados do Sermão da Montanha do Evangelho de São Mateus:

<b>EXEMPLOS RADICAIS DO ENSINAMENTO ÉTICO DE JESUS</b>				
<b>IRA</b>	<b>PERDÃO</b>	<b>ADVERSÁRIO</b>	<b>INIMIGOS</b>	<b>JULGAR</b>
“Quem se irritar contra o seu irmão será réu perante o tribunal; quem lhe chamar ‘imbecil’ será réu diante do Conselho; e quem lhe chamar ‘louco’ será réu da Geena do fogo” (Mt 5, 22).	“Deixa lá a tua oferta diante do altar, e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; depois, volta para apresentar a tua oferta” (Mt 5, 24).	“Com o teu adversário mostra-te conciliador” (Mt 5, 25).	“Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5, 44).	“Não julgueis, para não serdes julgados” (Mt 7, 1).

Quadro 27

### **3.3.6. O seu estilo de vida para com as pessoas**

Jesus optou sempre por um estilo de vida simples para si próprio, que era fonte de satisfação para Ele e de bênção para os outros. Viver na simplicidade, livre da prisão das “coisas”, era a maneira de Jesus estar mais disponível para Deus e para os outros. Contudo, Jesus não era um asceta que evitasse os prazeres da vida em prol de objetivos espirituais. Sabia desfrutar da vida, participando em festins e casamentos, com toda a alegria que estes

implicavam. Essas coisas, porém, não eram o objetivo da sua vida. Jesus sabia viver com elas ou sem elas, pois a sua satisfação não estava nas “coisas”, mas em Deus<sup>193</sup>.

Durante o seu ministério, não vemos Jesus a hesitar em fazer alguma coisa por medo daquilo que os outros pudessem pensar. Assim, vemos Jesus a misturar-se com pessoas com quem não se devia misturar, passar por lugares por onde não devia ter ido, segundo o pensamento dos líderes religiosos. Para aqueles que Jesus atravessava estas “fronteiras” tinha sempre uma atitude de bondade.

Embora Jesus fosse bondoso para com as pessoas, não era cego em relação a elas nem ignorava o seu comportamento. Tinha a capacidade de demonstrar o amor de Deus e de ajudar as pessoas a verem como eram realmente. Em algumas situações Jesus considerava as pessoas de “cegas” (Mt 15, 14), “famintas” (Mt 5, 6), “sedentas” (Jo 4, 15), “perdidas” (Lc 15, 1-32) ou “mortas” (Mt 23, 27) por viverem uma vida sem Deus<sup>194</sup>.

Embora Jesus identificasse as suas condições sem Deus, não o levava a pôr em destaque as falhas ou os pecados das pessoas, só muito raramente o fazia. Jesus ajudava as pessoas a corrigir os seus erros e a reestabelecer de novo a ordem. Era precisamente nisto que Jesus se centrava, inculcando sempre esperança a todas elas.

Um dos aspetos mais impressionantes do ministério de Jesus era forma como acolhia os marginalizados da sociedade, por razões religiosas ou culturais. Entre os marginalizados incluem-se os leprosos, os cobradores de impostos, os pecadores, as pessoas impuras e os não-judeus. Para com todos eles, Jesus tinha uma atitude de amor e de aceitação incondicional. No quadro 28 poderemos verificar como Jesus agia perante as mulheres, crianças, leprosos, cobradores de impostos, pecadores, impuros e gentios:

---

<sup>193</sup> Cf. Mário OLIVEIRA, *Cristologia*, (apontamentos para uso dos alunos da cadeira de Cristologia, Curso em Teologia, Instituto Superior de Teologia de Évora, Évora, ano académico 2003/04).

<sup>194</sup> Cf. *Ibidem*.

<b>ATITUDE DE JESUS PERANTE OS MARGINALIZADOS</b>	
<b>MULHERES</b> Eram vistas como pouco mais do que objetos, úteis como esposas e mães, mas responsabilizadas pela maioria das tentações e dos pecados.	A atitude de Jesus era totalmente diferente aceitando tanto as mulheres como os homens, sem olhar ao estatuto social ou conjugal: tinha discípulas e ensinava-as como aos homens (Lc 20, 38-42); misturava-se livremente com mulheres sobretudo com aquelas que eram consideradas marginais (Lc 7, 36-40); recusava-se a acusá-las só a elas por pecados sexuais (Jo 8, 1-11); não as considerava impuras durante a menstruação (Mc 5, 25-34).
<b>CRIANÇAS</b> Embora os judeus vissem as crianças como uma bênção de Deus, estas eram os membros de menos importância da comunidade.	Jesus acolhia as crianças, sublinhando a importância de recebê-las com bondade, como se recebessem a Ele (Mc 9, 36-37) e fazendo severas advertências contra aqueles que as tratavam mal (Mt 18, 6). Chegou mesmo a repreender os seus discípulos por tentarem manter as crianças longe dele (Mc 10, 13-16) e usava-as como exemplo de confiança e da humildade necessárias no Reino de Deus (Mt 18, 1-4).
<b>LEPROSOS</b>	Porque a doença era contagiosa fazia com que fossem considerados impuros, e, por isso, isolados. Jesus curou muitos leprosos sem medo de lhes tocar (Lc 17 11-19).
<b>COBRADORES DE IMPOSTOS</b>	Tão desprezados que os próprios rabinos permitiam que se lhes mentissem. Jesus assumiu a hostilidade do povo contra Zaqueu, tomando-a sobre si próprio (Lc 19, 1-10).
<b>PECADORES</b>	Para os religiosos os pecadores eram as pessoas sexualmente imorais (Lc 7, 36-50).
<b>IMPUROS</b>	Aqueles que não observavam os rituais religiosos, ou como a mulher hemorrágica que devido à sua doença tornava impuro tudo o que ela tocava (Mc 5, 25-34).
<b>GENTIOS</b>	Rejeitados por todos, mas aceites por Jesus (Mt 8, 5-13). Foi numa cidade fenícia de Tiro, fortemente helenizada, que Jesus curou a filha de uma mulher gentia, elogiando-a pela sua fé (Mc 7, 24-30).

Quadro 28

### 3.3.7. Os seus adversários<sup>195</sup>

Jesus não era antijudaico. Aliás, Ele próprio era judeu, crescera acreditando nas verdades do Judaísmo e seguindo as suas tradições. Jesus opunha-se apenas àquilo em que os líderes religiosos tinham transformado o Judaísmo. Jesus entrava muitas vezes em conflito com as autoridades religiosas, porque essas autoridades queriam manter aquilo que Jesus queria substituir.

Os doutores da Lei estavam furiosos por Jesus rejeitar as suas interpretações tradicionais da Lei. Para Jesus estas afastavam as pessoas de Deus (cf. Mt 5, 21-48). Os fariseus ficavam incomodados pela recusa de Jesus em respeitar os indicadores de identidade tradicional, como o respeito pelo sábado (cf. Mc 2, 23-24) ou a pureza ritual (cf. Lc 11,38). Jesus acautelava que esses aspetos exteriores cegavam as pessoas do que realmente era importante e advertia contra a sua hipocrisia (cf. Lc 12, 1). Os saduceus receavam que Jesus perturbasse a situação do tempo, fazendo com que Roma recorresse a medidas repressivas provocando a perda da sua influência. Jesus afirmava que este grupo, ao ignorar as Escrituras, era tido por perigoso e por isso aconselhava as pessoas a terem cuidado com eles (cf. Mt 16, 6).

Por estranho que pareça, o homem que viera estabelecer o Reino de Deus na terra encontrava resistência, não nos representantes dos reinos terrenos, que poderiam ter razões para temê-lo, mas nos líderes religiosos, que se consideravam guardiões desse mesmo Reino que Jesus viera trazer. O que perturbava era a afirmação de que esse Reino estava a vir de uma forma muito diferente daquilo que eles esperavam e, sobretudo, estava a chegar através d'Ele.

Durante a sua vida pública, Jesus mostrou às pessoas como Deus realmente era. Durante esse período acolheu os marginalizados e realizou milagres. Apesar de ter sido uma bênção

---

<sup>195</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, 327-341.

para muita gente, Jesus tinha suscitado a ira das autoridades religiosas e por isso a estes conspiraram para acabar com a vida de Jesus. Como Jesus não foi aceite pelas autoridades religiosas, foi preso, condenado, crucificado, morreu e ressuscitou ao terceiro dia conforme as escrituras. No quadro 29, poderemos verificar como se desenvolveram estes acontecimentos dos últimos dias de Jesus entre os seus discípulos:

<b>ÚLTIMOS DIAS DE JESUS E A SUA RESSURREIÇÃO</b>	
<b>ÚLTIMA CEIA</b>	Tendo em conta que Jesus sabia que as autoridades queriam prende-lo, enviou os discípulos para uma sala emprestada em Jerusalém para poderem preparar a refeição da Páscoa (cf. Mt 26, 17-19). Antes da refeição Jesus lavou os pés aos seus discípulos (cf. Jo 13, 1-17). Durante a refeição, Judas, saiu e dirigiu-se à casa do sumo-sacerdote para entregar Jesus (cf. Mt 26, 14-16). A refeição tornou-se um memorial de Jesus (cf. Lc 22, 19), atualmente, cristãos de todo o mundo continuam a partilhar o pão e o vinho para recordar a sua morte, mas dando-lhes nomes diferentes (Ceia do Senhor, Sagrada Comunhão, Missa ou Eucaristia).
<b>PRISÃO</b>	Sabendo para o que estava a acontecer Jesus dirigiu-se ao Jardim de Getsémani, no Monte das Oliveiras para orar. Ali Jesus passaria por uma experiência terrível, a partir daquele momento sabe que carregará o pecado do mundo inteiro apesar do seu pedido ao Pai “afaste-se de mim este cálice” (Mt 26, 39). Jesus não esperou que fosse preso, mas foi ao encontro do traidor (cf. Mt 26, 39). Pedro tentou defender Jesus com a espada, cortando a orelha de um criado, porém, compassivo até ao fim, Jesus curou-o.
<b>JULGAMENTO</b>	Jesus foi preso e sujeito a julgamento ao longo de toda a noite e na manhã seguinte. É interrogado pelas autoridades religiosas e políticas. O Sinédrio, principal conselho político e legal em Jerusalém incluía setenta e um membros dentre os chefes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos, e era presidido pelo sumo-sacerdote. As suas regras exigiam que os julgamentos fossem realizados durante as horas do dia, começassem com a apresentação das provas em vista da absolvição e não fossem realizados em vésperas de sábado ou das festas. Todas essas regras foram ignoradas no caso de Jesus.
<b>MORTE</b>	Depois de ser julgado, Jesus foi levado para fora da cidade e crucificado entre dois criminosos comuns (cf. Mt 27, 32-56). Pregaram uma tabuleta acima da sua cabeça, registando o seu crime em aramaico, latim e grego: “Este é o rei dos Judeus.” Porém, as autoridades religiosas protestaram exigindo a alteração do escrito mas Pilatos recusou. A crucifixão, que terá tido provavelmente origens fenícias, foi adotada pelos Romanos como forma brutal de execução para provocar medo.
<b>SEPULTURA</b>	A morte de Jesus foi vergonhosa, mas um seu discípulo, ainda que não o assumisse publicamente decidiu que o seu corpo não continuaria a ser maltratado, já que era hábito entre os Romanos deixar os corpos para as aves de rapina. José de Arimateia, membro do Conselho dos Judeus, tomou o corpo descido da cruz e envolveu-o num lenço e depositou-o num sepulcro (cf. Jo 19, 38-42).
<b>RESSURREIÇÃO</b>	É difícil imaginar a angústia das mulheres que se dirigiram ao sepulcro de Jesus no domingo de manhã e descobriram que o seu corpo tinha desaparecido. De repente Jesus aparece, primeiro a Maria e depois a outras pessoas sozinhas ou acompanhadas. O impossível acontecera, tal como Jesus tinha anunciado, embora ninguém o tivesse compreendido. O sepulcro não conseguira retê-lo, Jesus tinha ressuscitado dos mortos (cf. Mt 28, 1-8).

Quadro 29

### 3.3.8. A sua influência no mundo

A missão que Jesus deu aos seus primeiros discípulos continuou a crescer ao longo dos últimos dois mil anos, e a sua influência tornou-se incomensurável. Cada área da vida, arte, arquitetura, música, literatura, educação, direito, política, ética, cuidados de saúde, melhorias sociais, foi afetada pelos seus seguidores, cuja fé os levou a transformar o mundo. Jesus, o Homem que se dedicou aos outros, produziu um verdadeiro impacto positivo sobre a humanidade. No quadro 30 mostraremos quais as principais áreas influenciadas pelo cristianismo:

INFLUÊNCIA DE JESUS	
ARTE	É provável que ninguém a longo da história, tenha sido mais pintado que Jesus, visto que os artistas foram exprimindo, através dos tempos, a sua humanidade e divindade, sofrimentos e glória.
MÚSICA	O cristianismo inspirou todo o tipo de música ao longo dos séculos, música clássica, canto gregoriano, missas de <i>requiem</i> , <i>gospel</i> , música pop, hinos. Na maior parte os compositores manifestam a sua fé através da música.
ARQUITETURA	Desde que os cristãos começaram a ter edifícios próprios, no séc. IV, a arquitetura começou a retratar a sua fé. Mas foi a ascensão da arquitetura gótica, no séc. XII, que conferiu às igrejas o seu aspeto de grandeza. Os arcobotantes tornaram possível a construção de paredes mais altas e de janelas maiores, com vitrais que representam episódios da Bíblia.
LITERATURA	Jesus inspirou imensos poemas, cinema e teatro, bem como outros escritos mais direcionados para a espiritualidade. Os Evangelhos suscitaram uma verdadeira paixão por escrever acerca de Jesus.
VALORES CRISTÃOS	Constituem a base essencial dos códigos legais e éticos ocidentais. Conceitos como a liberdade, igualdade, dignidade, tolerância, perdão, valor da pessoa e direito de agir segundo a consciência constituem liberdades fundamentais de que não desfrutaríamos hoje em dia, no Ocidente, se os seguidores de Jesus não tivessem introduzido esses princípios no íntimo da sociedade.
EDUCAÇÃO	Os cristãos exerceram uma grande influência no desenvolvimento da educação. Os monges forneciam um ensino básico às populações rurais e as universidades, desenvolvidas a partir de ordens religiosas, ministravam educação nas principais cidades da Europa.
JUSTIÇA SOCIAL	Muitos cristãos estiveram na frente de batalha da justiça social. Ora contestando as estruturas injustas, ora na defesa pelos direitos fundamentais, sempre por meios não violentos.
CUIDANDO DOS POBRES	Os cristãos fundaram instituições, fundações, associações para cuidar dos pobres, dos doentes, dos órfãos, dos moribundos fruto do egoísmo, da intolerância e do ódio de muitos homens centrados em si próprios, sem Deus.

Quadro 30

### 3.4. Considerações finais

Pela encarnação, Jesus tomou a carne humana para viver nela, a partir dela e através dela. Jesus viveu a nossa humanidade não fazendo meramente uma experiência de homem, mas fazendo-se homem. O Papa Bento XVI, numa das suas catequese expõe, como súpula do sentido do Mistério da Encarnação:

“Indica o homem na sua integralidade, todo o homem, mas propriamente sobre o aspeto da sua transitoriedade e temporalidade, da sua pobreza e contingência. Isto para nos dizer que a salvação trazida por Deus fazendo-se carne em Jesus de Nazaré toca o homem na sua realidade concreta e em qualquer situação que se encontra”<sup>196</sup>.

A encarnação de Deus não significa apenas que Deus se fez homem. Quer dizer muito mais. Ele participou realmente da nossa condição humana e assumiu os nossos anseios mais profundos.

Tudo o que é autenticamente humano, ações, reações, sentimentos, fez parte do ser de Jesus. Vemo-lo indignado com os vendedores do Templo (cf. Mc 11, 15-17); a admirar o Centurião (cf. Lc 7, 1-9); a manifestar tristeza a respeito de Jerusalém (cf. Lc 13, 34-35); a entusiasmar-se com a sabedoria do escriba (cf. Mc 12, 34); a revelar-se amigo de Lázaro (cf. Jo 11, 11). Participou de todos os sentimentos e condicionamentos da vida humana, como a fome, a sede, o cansaço, o frio, a vida insegura, o pavor, a angústia e a morte violenta. Jesus foi um homem concreto num contexto concreto.

Porém, não foi um homem comum. Consagrou a sua vida à obediência ao Pai, orientando-a e vivendo-a totalmente para Ele, e fê-lo igualmente para as pessoas. Em termos mais concretos, Jesus viveu para Deus Pai e para os outros que O rodeavam. Olhando-se para

---

<sup>196</sup> BENTO XVI, *Catequese: Mistério da Encarnação para o dia 09 de Janeiro de 2013*, Cidade do Vaticano. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/papa/catequese-de-bento-xvi-misterio-da-encarnacao-09012013/> [consultado a 10.03.2018].

o Seu modo de viver, como ser para os outros, aprende-se com Ele a existir verdadeiramente como pessoas humanas<sup>197</sup>.

Na abordagem ao Jesus da aula, ao aluno identificará em Jesus a ternura, a compaixão, o acolhimento, a disponibilidade e a dedicação à pessoa. Este amor por cada pessoa e por todos os homens é o exemplo para o verdadeiro amor humano em todas as dimensões da sua existência e a desenvolver em todos os espaços da relação e convívio humanos<sup>198</sup>.

Através do estudo do tema em questão, a EMRC colabora com os homens de boa vontade a fim de que eles promovam a própria escola segundo o espírito do Evangelho. Então nasceria certamente uma comunidade escolar solidária com os pobres que sofrem as múltiplas formas de pobreza e de perseguição na sociedade e no mundo atual<sup>199</sup>.

---

<sup>197</sup> Cf. Leonardo BOFF, *Jesus Cristo Libertador*, 145.

<sup>198</sup> Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica, *Deus caritas est*, 2005, 12.

<sup>199</sup> Cf. FRANCISCO, Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium*, 52.

## CONCLUSÃO

Terminado o presente Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, parece-nos pertinente destacar, do percurso realizado após o levantamento das questões, as conclusões essenciais que podemos retirar deste trabalho, que foi, essencialmente, um processo de verificação, de análise e de construção de uma identidade própria como é a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

A experiência da Prática de Ensino Supervisionada foi fundamental para a nossa percepção de que um planeamento metódico e ponderado das aulas, aliado a um estudo com rigor científico, poderá ser vital para um discernimento que se mostrará relevante no processo de aprendizagem dos alunos na disciplina de EMRC.

Esse estudo passará decididamente pelo aprofundamento do Programa de EMRC, visando a sua adaptação às necessidades concretas das realidades onde é aplicado, constituindo um instrumento que favorece a proficiência pedagógica, sendo este um gestor da circunstância educativa<sup>200</sup>.

O programa da disciplina, organizado em níveis de ensino, determinou que cada nível se debruçaria sobre determinadas unidades letivas e que essas unidades se desenvolveriam em objetivos, que, por sua vez, se operacionalizariam em conteúdos específicos do tema de cada unidade<sup>201</sup>. Verificamos que na definição dos objetivos e conteúdos da UL 2 *Jesus, um Homem para os outros* do 6º ano, estes não se enquadravam nas exigências das finalidades da disciplina.

Como esta unidade letiva tem uma relevância pedagógica significativa para os alunos da faixa etária a que se destina, não deve ser causa de exclusão, porque há que ter em conta que a disciplina de EMRC é uma disciplina escolar e que deve obedecer aos métodos e estratégias escolares, aceitando os alunos que nela se inscrevem sem fazer qualquer tipo de

---

<sup>200</sup> Cf. SNEC, *Programa de EMRC*, 2014, VII.

<sup>201</sup> Cf. *Ibidem*, 9-10.

discriminação, pelo que não se trata de avaliar, ou muito menos julgar, a fé dos discentes. Há pais que, sendo não cristãos ou não católicos, matriculam os seus filhos em EMRC, porque lhes querem dar uma educação o mais completa e global possível.

Desta forma, no itinerário realizado na clarificação da relação entre a EMRC e a Catequese, investigamos, em primeiro lugar, alguns documentos saídos do Magistério da Igreja. Verificamos que houve um avanço significativo na clarificação desta relação, principalmente no DGC de 1997, mas esta revelou-se insuficiente, já que os documentos insistiram particularmente na complementaridade entre a ERE e a Catequese, na linha da educação cristã como meios de evangelização, ou seja, ao serviço da educação da fé.

Os documentos do Magistério da Igreja, já analisados, foram sobretudo importantes para um desencadeamento essencial de novas reflexões ao nível de cada país ou conferência episcopal. No nosso caso, o português, foram também analisadas algumas publicações saídas da CEP e da CEEC para a clarificação desta relação. Partindo da disciplina de EMRC, como concretização do ERE, em Portugal, foi sublinhado sobretudo o contributo desta para uma educação humanista capaz de gerar uma civilização mais solidária com base em valores humanos e cristãos.

No seguimento dos documentos do Magistério, a CEF afirma que a distinção entre a EMRC e a Catequese passa pela clarificação fundamental da identidade da EMRC e das suas finalidades enquanto disciplina presente no meio escolar. Não é educação da fé, mas educação moral alicerçada na cultura cristã, com a finalidade da transmissão de valores que constituem o património moral de matriz cristã.

É, no entanto, a referência à dimensão religiosa do ser humano, a qual se diz ser constitutiva da pessoa humana, que permite à EMRC abrir a porta a todos os alunos, independentemente da sua diversidade de crenças e opções religiosas. Verificamos que, neste documento, a CEP vai mais longe que o DGC<sup>202</sup> no que se refere à distinção e

---

<sup>202</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral para a Catequese*, 73.

complementaridade entre EMRC e Catequese. Enquanto na Catequese se pretende formar e educar discípulos de Cristo, de modo a promover e intensificar a comunhão com ele, a EMRC, por sua vez, tem em vista a formação global do aluno, dá especial atenção à construção da sua identidade e do seu projeto de vida<sup>203</sup>.

No final do itinerário, de clarificação da relação de distinção e de complementaridade entre as duas áreas, foi importante destacar que cada uma delas tem um método, conteúdos e finalidades distintas, que não se podem substituir na formação das crianças e jovens, e que cada uma, no seu espaço, provoca no seu destinatário o conhecimento ou a experiência de fé, respetivamente.

Realizada a reflexão de clarificação da relação entre a EMRC e a Catequese, verificamos, de seguida, a concretização da distinção e da complementaridade nos livros de apoio do 6º ano da EMRC e da Catequese, a fim de fundamentar as questões levantadas no primeiro capítulo deste trabalho. Em primeiro lugar, analisaram-se, no Programa de EMRC e no GC, as metas da Catequese e da EMRC, e verificou-se a sua distinção, e principalmente, a diferente abordagem de uma e outra.

É na análise comparativa dos objetivos e conteúdos que verificámos o que suspeitámos inicialmente: uma clara e acentuação repetição dos mesmos na EMRC e Catequese. Foram utilizados quadros comparativos para fundamentar este quase conflito de muitas situações, tendo sido verificado que alguns conteúdos da EMRC pertenciam a um contexto da fé, da Catequese, mais do que de o contexto escolar, de uma disciplina específica. Noutros conteúdos, verificamos, na sua definição, uma perspetiva demasiado catequética.

O manual do 6º ano e o catecismo do 6º ano foram também analisados ao pormenor, principalmente na metodologia para a exposição destes mesmos conteúdos propostos no Programa de EMRC e no GC, e verificaram-se que alguns conteúdos da EMRC eram sínteses de outros conteúdos da Catequese, com recurso a metodologias idênticas.

---

<sup>203</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica - Um valioso contributo para a formação da personalidade”, 8.

Assim, e resultante das análises efetuadas, concluiu-se que alguns objetivos não estariam de acordo com a determinação das metas curriculares da disciplina de EMRC, e que os conteúdos não elucidam o aluno para o significado do título da UL2 *Jesus, um Homem para os outros*, já que estes são o resultado de sínteses de encontros da Catequese do 6º ano. Em muitas situações, as palavras e os gestos de Jesus a favor dos outros são apresentados de forma catequética num contexto de fé.

Desta forma, o exercício deste relatório conduziu-me à reformulação de novos objetivos e conteúdos, que estão condensados em quadros, e que são um acréscimo e um enriquecimento aos conteúdos já disponíveis, de forma a que não sejam vistos como uma substituição aos mesmos ou à prática letiva, mas sim um enriquecimento curricular, pois é a partir da aquisição de um vasto conhecimento sobre Jesus que o aluno se prepara para desempenhar um papel crítico e reflexivo na sociedade onde está inserido e na qual intervirá como cidadão ou como cidadão e cristão<sup>204</sup>.

---

<sup>204</sup> Cf. *Programa de EMRC*, 2014, 4.

## BIBLIOGRAFIA

SAGRADA ESCRITURA, Edição dos Capuchinhos Franciscanos, 5.<sup>a</sup> ed., Difusora Bíblica, Fátima, 2008.

### 1. Documentos do Magistério

BENTO XVI, Carta encíclica, *Deus caritas est*, Paulinas Editora, Lisboa, 2006.

BENTO XVI, Carta encíclica *Spe salvi*, Paulus Editora, Lisboa, 2007.

BENTO XVI, *Catequese: Mistério da Encarnação para o dia 09 de Janeiro de 2013*, Cidade do Vaticano. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/papa/catequese-de-bento-xvi-misterio-da-encarnacao-09012013/> [consultado a 10.03.2018].

CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, Edição anotada por Pedro Lombardia e Juan Ignacio Arrieta, tradução portuguesa a cargo de José A. Marques, 2.<sup>a</sup> ed. revista e atualizada de acordo com a 5.<sup>a</sup> ed. castelhana, Theologica, Braga, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et spes*, in *Documentos do Concílio Vaticano II : constituições, decretos, declarações e mensagens conciliares*, Gráfica de Coimbra, 2014.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral para a Catequese*, Paulinas, Lisboa, 2001.

FRANCISCO, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, Difusora Bíblica, Fátima, 2014.

PAULO VI, Exortação apostólica *Evangelii nunciandi*, Paulus Editora, 2014.

## 2. Documentos Curriculares e Catequéticos

AMBROSIO, Juan, “A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública”, *Communio*, 5, (2001) 437-449.

AMBROSIO, Juan, *Distinção entre EMRC e Catequese*, (texto não publicado para uso dos alunos para a disciplina de Didática Específica de EMRC, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2017).

AMBROSIO, Juan, *Identidade e Finalidades da Disciplina de EMRC* (texto não publicado para uso dos alunos para a disciplina de Didática Específica de EMRC, Faculdade de Teologia - UCP, Lisboa, 2017).

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESCOLAS CATÓLICAS, *Atas do I congresso nacional da escola católica, Escola católica proposta e desafio*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fátima, 2003.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade – Um valioso contributo para a formação da personalidade”, *Pastoral Catequética*, 5 (2006), 7-16.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral Educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2002.

INSPEÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, *Avaliação externa das escolas – Relatório do Agrupamento de Escolas D. Dinis*, Disponível em: [http://eb23ddinism.ccems.pt/file.php/456/Relatorio\\_de\\_avaliacao/AEE\\_Escolas\\_de\\_D.Dinis\\_161639\\_Relatorio.pdf](http://eb23ddinism.ccems.pt/file.php/456/Relatorio_de_avaliacao/AEE_Escolas_de_D.Dinis_161639_Relatorio.pdf) [consultado a 11.04.2017].

OLIVEIRA, Mário, *Cristologia* (apontamentos para uso dos alunos da cadeira de Cristologia, Curso em Teologia, Instituto Superior de Teologia de Évora, Évora, ano académico 2003/04).

SECRETARIADO GERAL DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa – Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo*, Gráfica Almondina, Torres Novas, 2017.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Catecismo do 6º ano “Creio em Jesus Cristo”*, SNEC, 2012.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Guia do Catecismo do 6º Ano*, SNEC, 2012.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Manual do 6º ano de EMRC “Conta comigo”*, SNEC, Lisboa 2014.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Manual do 9º ano de EMRC “Quero descobrir”*, SNEC, Lisboa, 2015.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2007.

SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa 2014.

### **3. Estudos**

ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 2008.

BOFF, Leonardo, *Jesus Cristo Libertador. Ensaio de Cristologia crítica para o nosso tempo*, Vozes, Petrópolis, 2008.

CARDEDAL, Olegario G., *Cristología*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2001.

CORREIA, José F., “Educação Moral e Religiosa Católica: profecia e dom, um jeito de ser Igreja”, *Pastoral Catequética*, 31-32 (2015), 95-105.

GNILKA, Joachim, *Jesus de Nazaré*, Editorial Presença, Barcarena, 1999.

GNILKA, Joachim, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, Editorial Herder, Barcelona, 1993.

INÁCIO, Magda, *Manual do Formando - O Processo de Aprendizagem*, 2007, Lisboa, 3. Disponível em: <http://opac.iefp.pt:8080/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=55606&img=324> [consultado a 20.12.2017].

MEIER, John P., *Un judío marginal. Nueva visión del Jesús histórico. I. Las raíces del problema y persona*, Verbo Divino, Estella 1998.

NUNES, Tomaz da Silva, “O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”, in *Fórum de EMRC*, SNEC, Lisboa (2005), 83-88.

PIKAZA, Xabier, *Manual de cristologia*, Secretariado Trinitário, Salamanca, 1997.

POLICARPO, José C., “Cultura, Escola e Religião”, *Pastoral Catequética*, Ano X, nº 31-32, (2015) 17-27.

PUIG, Armand, *Jesus. Uma biografia*, 3ª Ed., Paulus Editora, 2010.

RATZINGUER, Joseph, *Jesus de Nazaré*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2007.

RUBIO, Alfonso, *Encontro com Jesus Cristo Vivo. Um ensaio de cristologia para os nossos dias*, Editora Paulinas, São Paulo, 2014.

SAULNIER, Christiane; ROLLAND, Bernard, *A Palestina no tempo de Jesus*, Coleção Cadernos Bíblicos-27, Paulus, São Paulo, 1983.

TEDESCO, Juan C., *O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 1999.

